



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ – UNIOESTE
CAMPUS DE FOZ DO IGUAÇU – CENTRO DE EDUCAÇÃO, LETRAS E SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM SOCIEDADE,
CULTURA E FRONTEIRAS – NÍVEL MESTRADO**

LÍVIA CRISTINA CARVALHO DA FONSECA

**GESTÃO DE LÍNGUAS EM AMBIENTE EMPRESARIAL FRONTEIRIÇO: UM
ESTUDO DE CASO NA ITAIPU BINACIONAL**

FOZ DO IGUAÇU – PR
2020

LÍVIA CRISTINA CARVALHO DA FONSECA

**GESTÃO DE LÍNGUAS EM AMBIENTE EMPRESARIAL FRONTEIRIÇO: UM
ESTUDO DE CASO NA ITAIPU BINACIONAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Sociedade, Cultura e Fronteiras, nível Mestrado, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, campus de Foz do Iguaçu, para obtenção do título de mestre. Linha de pesquisa: Linguagem, Cultura e Identidade.

Orientadora: Prof.^a Dra. Isis Ribeiro Berger.

Coorientadora: Prof.^a Dra. Mariangela Garcia Lunardelli

FOZ DO IGUAÇU – PR
2020

Ficha de identificação da obra elaborada através do Formulário de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da Unioeste.

Fonseca, Livia Cristina Carvalho da
Gestão de línguas em ambiente empresarial fronteiriço :
um estudo de caso na Itaipu Binacional / Livia Cristina
Carvalho da Fonseca; orientador(a), Isis Ribeiro Berger;
coorientador(a), Mariangela Garcia Lunardelli, 2020.
110 f.

Dissertação (mestrado), Universidade Estadual do Oeste
do Paraná, Campus de Foz do Iguaçu, Centro de Educação,
Letras e Saúde, Programa de Pós-Graduação em Sociedade,
Cultura e Fronteiras, 2020.

1. Políticas linguísticas. 2. Gestão de línguas em
ambiente de trabalho. 3. Multilinguismo. 4. Fronteira. I.
Berger, Isis Ribeiro. II. Lunardelli, Mariangela Garcia.
III. Título.



Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Campus de Foz do Iguaçu - CNPJ 78.680.337/0004-27
Av. Tarquínio Joslin dos Santos, 1300 - Fone: (45) 3576-8100 - Fax: (45) 3575-2733
Pólo Universitário - CEP 85870-650 - Foz do Iguaçu - Paraná



PARANÁ
GOVERNO DO ESTADO

LÍVIA CRISTINA CARVALHO DA FONSECA

GESTÃO DE LÍNGUAS EM AMBIENTE EMPRESARIAL FRONTEIRIÇO: UM ESTUDO DE CASO NA ITAIPU BINACIONAL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociedade, Cultura e Fronteiras em cumprimento parcial aos requisitos para obtenção do título de Mestre em Sociedade, cultura e fronteiras, área de concentração Sociedade, Cultura e Fronteiras, linha de pesquisa Linguagem, Cultura e Identidade, APROVADO(A) pela seguinte banca examinadora:

Orientador(a) - Isis Ribeiro Berger

Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus de Foz do Iguaçu (UNIOESTE)

Mariangela Garcia Lunardelli

Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus de Foz do Iguaçu (UNIOESTE)

Maria Elena Pires Santos

Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus de Foz do Iguaçu (UNIOESTE)

Talia Bugel

University of Purdue Indiana

Foz do Iguaçu, 11 de fevereiro de 2020

Em memória de João Darcy da Fonseca
e José Galdino de Carvalho.

AGRADECIMENTOS

O Mestrado foi um sonho planejado cuidadosamente por longos anos e edificado com o apoio de diversas pessoas que fazem parte da minha história e da minha identidade fronteiriça. Assim, reservo a vocês os agradecimentos quanto à produção deste trabalho, pois talvez não saibam o quanto influenciaram na construção desta pesquisa.

Primeiro, agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo financiamento desta investigação.

À Itaipu Binacional e sua Direção Técnica, à SMMG.DT e à MEG-1, por nos receber. Agradeço também a todos os funcionários da MEG-1, da Segurança e do setor de credenciamento, pelo tratamento cordial que recebi todas as vezes em que estive presente na usina.

À minha orientadora, Profa. Dra. Isis Ribeiro Berger, respeitada pesquisadora de Políticas Linguísticas e que despertou em mim, com suas formidáveis aulas, o interesse por este campo de estudo. Agradeço pela acolhida, por todo o incentivo dado em relação à publicação científica, participação em grandes eventos e o constante apoio ao meu crescimento como pesquisadora. Sua seriedade, pontualidade, responsabilidade e amor ao que faz me inspiram a ser uma mulher de fibra como você.

À Profa. Dra. Mariangela Garcia Lunardelli, minha coorientadora, que me apoiou durante o período de licença maternidade de minha orientadora e seguiu acompanhando minha pesquisa com orientações, sugestões, interesse e ouvindo meus receios quanto à escrita científica. Suas sugestões, sempre pontuais, foram essenciais para meu trajeto de pesquisa.

À Profa. Dra. Andrea Mattos (UFMG), minha professora do Curso de Especialização em Ensino de Inglês, que há alguns anos, muito gentilmente, me ouviu quando tinha dúvidas sobre como pesquisar as diversas culturas, indicando leituras e possíveis programas de pós-graduação. Creio que esse foi o primeiro empurrão para que eu começasse a me planejar e fosse em busca do sonho do mestrado.

À Profa. Dra. Talia Bugel, por compartilhar sua experiência desde o início desta investigação, sugerindo leituras e sempre incentivando nossa presença e

publicação em eventos e periódicos científicos internacionais. Agradeço também por sua presença na qualificação, na defesa, e pelas sugestões dadas. Sua humildade é inspiradora e um exemplo para nós, jovens pesquisadoras!

À Profa. Dra. Maria Elena Pires Santos, pesquisadora que há muito admiro, pelas importantes contribuições dadas a este trabalho por meio da parceria no Seminário de Dissertações, na qualificação, e por aceitar compor minha banca de defesa. Sinto-me honrada!

À doce Profa. Ma. Renata Alves de Oliveira, professora regente da disciplina de Pluralidade Linguístico-Cultural e Ensino, com quem fiz meu estágio de docência em 2019. Agradeço também à turma do 1º ano de Letras da UNIOESTE/Foz por me acolher tão bem durante as aulas que lecionei.

À Vania Maria da Costa Valle e Fátima Ruiz de Oliva, assistentes do Programa de Pós-Graduação Sociedade, Cultura e Fronteiras, por serem tão solícitas, gentis, e por estarem sempre dispostas a ajudar quando tive alguma dificuldade durante estes dois anos de trabalho. Vocês são incríveis.

À Miriam Giongo Kuerten, Lisa Bertotti, Michele Yu e Miriam de Deus, pelo apoio constante desde 2017. Vocês foram essenciais. Thank you, girls! Gracias, chicas. 谢谢.

Aos professores das disciplinas que cursei no Programa de Pós-Graduação Sociedade, Cultura e Fronteiras: Eric Gustavo Cardin, Leandro Baller, José Carlos Santos, Regina Coeli Machado e Silva e Oscar Kenji Nihei. Todas as aulas por vocês ministradas foram imprescindíveis no desenvolvimento deste estudo.

Aos queridos colegas e amigos mestrandos e doutorandos do Sociedade, Cultura e Fronteiras, vocês fizeram esse período, muitas vezes tenso e cheio de ansiedades, ser mais leve: Gláucia, Rita, Sancléya, Gilma, Viviane, Tatiane, Luciane, Melissa, Fernanda, Michelle, Willian, Astor, Ian.

À Profa. Ma. Marlene Niehues Gasparin, por fazer a tradução dos questionários para a língua espanhola e por traduzir o resumo para o guarani. À Sergio Antonino Bellino Roca, amado amigo, por gentilmente fazer o desenho da sala de reuniões da MEG-1, transformando meus rabiscos em um belíssimo trabalho.

À Profa. Dra. Luciana Vedovato, João Lucas Cavalheiro Camargo e Bruna Pradella, pela parceria, amizade, incentivos, e pela oportunidade de organizar um

evento científico. À Profa. Dra. Jorgelina Tallei, Profa. Dra. Laura Fortes e ao projeto de extensão Pedagogia Intecultural, por me convidarem a fazer parte desta importante ação de política linguística em Foz do Iguaçu.

À Luiz Roberto Hilbert Ferreira e Stefania Bueno, vocês foram essenciais, a vitória é nossa!

Às minhas amadas amigas, presentes em importantes momentos de minha vida, sempre com palavras de incentivo, força e amor: Camila Cemin e Tatiane Huber. Amo vocês!

E, por fim, mas não menos importante, agradeço aos meus familiares, que não apenas me apoiam nos estudos e se alegram com minhas conquistas, mas que também são minha fonte de inspiração.



Organização das
Nações Unidas
para a Educação, a
Ciência e a Cultura



- Cátedra UNESCO em
- Políticas Linguísticas para o Multilinguismo
- Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)
- Florianópolis, Brasil

Agradeço ainda à Cátedra UNESCO em Políticas Linguísticas para o Multilinguismo, coordenada pela Profa. Dra. Isis Ribeiro Berger, no âmbito da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE).

RESUMO

Esta pesquisa tem como tema a gestão de línguas em um ambiente de trabalho fronteiriço e possui como cenário a Usina Hidrelétrica Itaipu Binacional, localizada na fronteira entre Brasil e Paraguai. Construída na década de 1970 e finalizada em 2007, a usina, maior geradora de energia elétrica do mundo, possui funcionários brasileiros e paraguaios, que fazem parte do contexto multilíngue da fronteira trinacional: Foz do Iguaçu (Brasil), Ciudad del Este (Paraguai) e Puerto Iguazú (Argentina). Com o objetivo de contribuir com as pesquisas em Política Linguística realizadas em fronteiras (BERGER, 2015; FIAMENGUI, 2017; DAY, 2013) e a fim de preencher uma lacuna nos estudos em gestão de línguas em ambiente de trabalho, desenvolvidas principalmente no hemisfério norte (ANGOURI, 2013; LADEGAARD; JENKS, 2015; VAN DER WERP; CENOZ; GORTER, 2018), lançamos o olhar às políticas e ações de gestão de língua na Itaipu Binacional. Em um estudo de caso, investigamos as práticas, atitudes linguísticas e estratégias de gestão do multi/plurilinguismo adotadas por funcionários do setor MEG-1, pertencente ao Departamento de Manutenção, utilizando como aporte teórico o modelo de Spolsky (2004; 2009) para análise das políticas linguísticas. Para tanto, adotaram-se como procedimentos metodológicos a análise documental de diretrizes oficiais da usina, que regem sobre o uso das línguas; a observação das práticas linguísticas dos trabalhadores brasileiros e paraguaios no âmbito da MEG-1; e a aplicação de questionários aos funcionários brasileiros, buscando compreender suas percepções em relação às políticas e práticas linguísticas adotadas no ambiente de trabalho, bem como suas atitudes em relação às línguas que circulam na empresa e em seu setor. Em conclusão, compreendeu-se que as políticas linguísticas da empresa, desde sua criação, orientam que as línguas de uso administrativo e, mais tarde, oficiais, correspondem ao português e ao espanhol e instruem apenas no que diz respeito à comunicação escrita e à sinalização de Itaipu. No cotidiano de trabalho, observou-se nas práticas orais diárias dos funcionários da MEG-1 a intercompreensão de línguas próximas, a saber, português e espanhol, como estratégia de comunicação eficaz entre paraguaios e brasileiros, muito embora na percepção dos respondentes do questionário – brasileiros – o senso comum prevaleça e acreditem que oportunhol seja de fato a ferramenta utilizada nas práticas orais entre os empregados. No que se refere às atitudes dos respondentes com relação às línguas portuguesa, espanhola e guarani, as respostas se mostraram neutras. Esta pesquisa se insere no campo de investigação da Política Linguística, sendo pertinente por abarcar questões que são de interesse no escopo das pesquisas de gestão de multi/plurilinguismo em regiões fronteiriças, e revela estratégias de gestão das interações linguísticas no ambiente de trabalho peculiares ao contexto latino-americano, evidenciando ações que podem ser levadas em consideração em estudos futuros.

Palavras-chave: Gestão de línguas em ambiente de trabalho. Políticas linguísticas. Multilinguismo. Fronteira.

ABSTRACT

This research has as theme the language management in a border working environment and has as scenario the Itaipu Binacional hydroelectric power plant, located in the border between Brazil and Paraguay. Built in the 1970s and completed in 2007, the power plant, the world's largest power generator, has Brazilian and Paraguayan employees, who are part of the multilingual context of the trinational border of Foz do Iguaçu (Brazil), Ciudad del Este (Paraguay) and Puerto Iguazú (Argentina). In order to contribute to Language Policy research in border regions (BERGER, 2015; FIAMENGUI, 2017; DAY, 2013) and to fill a gap on workplace language management studies, developed mainly in the northern hemisphere (ANGOURI, 2013; LADEGAARD; JENKS, 2015; VAN DER WERP; CENOZ; GORTER, 2018), we looked at the language management policies and actions at Itaipu Binacional. In a case study, we investigated the practices, linguistic attitudes and management strategies of multi/plurilingualism adopted by employees of the MEG-1 sector, using Spolsky's model (2004; 2009) as a theoretical input for the analysis of language policies. For this purpose, methodological procedures were adopted such as the documental analysis of the plant's official guidelines that regulates the use of languages; the observation of the linguistic practices of Brazilian and Paraguayan workers within the MEG-1 framework; and the application of questionnaires to Brazilian employees seeking to understand their perceptions regarding the linguistic policies and practices adopted in the work environment, as well as their attitudes towards the languages circulating in the company and sector. In conclusion, it was understood that the company's language policies, since its foundation, have guided that the official languages are Portuguese and Spanish and they instruct only with regard to written communication and the company's linguistic landscape. In the daily work practices of MEG-1 employees, the intercomprehension of Latin languages was observed as an effective communication strategy between Paraguayans and Brazilians, although in the perception of the respondents of the questionnaire common sense prevails and they believe thatportunhol is in fact the tool used in oral practices among employees. Regarding the respondents' attitudes towards the Portuguese, Spanish and Guarani languages, the answers were neutral. This survey falls within the field of Linguistic Policy research and it is pertinent because it covers issues that are of interest in the scope of multi/plurilingualism management surveys in border regions and reveals strategies for managing linguistic interactions in the work environment peculiar to the Latin American context, highlighting actions that may be taken into consideration in future studies.

Keywords: Language management in the workplace. Language policy. Multilingualism. Borders.

RESUMEN

Esta investigación se centra en la gestión de lenguas en un entorno laboral fronterizo y tiene como contexto la central hidroeléctrica Itaipu Binacional, ubicada en la frontera entre Brasil y Paraguay. Construida en la década de 1970 y completada en 2007, la planta, el generador de energía más grande del mundo, cuenta con empleados brasileños y paraguayos, que forman parte del contexto multilingüe de la frontera trinacional de Foz de Iguazú (Brasil), Ciudad del Este (Paraguay) y Puerto Iguazú (Argentina). Con el fin de contribuir a la investigación sobre Política Lingüística realizada en las fronteras (BERGER, 2015; FIAMENGUI, 2017; DAY, 2013) y llenar un vacío en los estudios sobre la gestión de lenguas en entornos laborales, desarrollado principalmente en el hemisferio norte (ANGOURI, 2013; LADEGAARD; JENKS, 2015; VAN DER WERP; CENOZ; GORTER, 2018), analizamos las políticas y acciones de gestión de lenguas en Itaipu Binacional. En un estudio de caso, investigamos las prácticas, actitudes lingüísticas y estrategias de gestión del multi / plurilingüismo adoptadas por los empleados del sector MEG-1, utilizando como base teórica el modelo de Spolsky (2004; 2009) para el análisis de políticas lingüísticas. Con este fin, los procedimientos metodológicos adoptados fueron el análisis documental de las directrices oficiales de la central hidroeléctrica que rigen el uso de los idiomas; la observación de las prácticas lingüísticas de los trabajadores brasileños y paraguayos dentro del alcance de MEG-1; y la aplicación de cuestionarios a los empleados brasileños con el fin de comprender sus percepciones con respecto a las políticas y prácticas lingüísticas adoptadas en el entorno de trabajo, así como sus actitudes hacia las lenguas que circulan en la empresa y su sector. En conclusión, se ha entendido que las políticas lingüísticas de la compañía establecen que los idiomas oficiales son el portugués y el español y solo dan instrucciones con respecto a la comunicación escrita y la señalización de Itaipú. En las prácticas diarias de trabajo de los empleados del MEG-1, se observó la intercomprensión de lenguas emparentadas como una estrategia de comunicación efectiva entre paraguayos y brasileños, aunque en la percepción de los encuestados del cuestionario - brasileños - prevalece el sentido común y creen que portunhol es, de hecho, la herramienta utilizada en las prácticas orales entre los empleados. En cuanto a la actitud de los encuestados hacia los idiomas portugués, español y guaraní, las respuestas fueron neutrales. Esta disertación se enmarca en el campo de la investigación de la Política Lingüística y resulta pertinente porque cubre preguntas que son de interés en el ámbito de las investigaciones de gestión del multi/plurilingüismo en las regiones fronterizas y revela estrategias para gestionar las interacciones lingüísticas en el entorno laboral propias del contexto latinoamericano, destacando acciones que pueden ser tomadas en consideración en estudios futuros.

Palabras-clave: Gestión de lenguas en contextos profesionales. Política lingüística. Multilingüismo. Fronteras.

MOMBYKYKUE

Ko kuaareka oguereko ñe'êmyrâicha mba'ichapa ñe'ênguera ojegestioná ojeipuru haguâ ñemba'apo tetambopyhápe oguerekova ijypype Usina Hidrelétrica Itaipu Binacional, ojetopava tetâmbopy Brasil há Paraguaindive. Ojejapovaekue ary 1970 guive ary 1991 peve, ko usina há'e tuichaveva ome'êva energia electrica ko arapype, oñemba'apo hese tapicha brasileiro há paraguayokuera, oikova oñondivei tava contexto multilíngue tetambopy trinacionalgua ha'eva tavaguazú Foz do Iguazú (Brasil), Ciudad del Este (Paraguay) ha Puerto Iguazú (Argentina). Ko tembiapo omomba'aguezuse kuaareka Ñe'ênguéra Sãmbyhyha rehegua ojejapova tava tetambopyhápe (BERGER, 2015; FIAMENGUI, 2017; DAY, 2013) há oipytyvô oñemboty haguâ ndojeikuaaiva ñe'ênguera gestión rehegua tava oñemba'apohape, ojejapova hemisfério nortepo (ANGOURI, 2013; LADEGAARD; JENKS, 2015; VAN DER WERP; CENOZ; GORTER, 2018), peicha ro maña políticas ojejapovare ojegestioná haguâ ñe'ênguera Itaipu Binacionalpe. Petei estudio de caso hápe, roipuruvo pe Spolsky (2004; 2009) he'iva Ñe'ênguéra Sãmbyhyha rehe há imodelo rupive roheka há roñemoaranduhagua tapicha kuera sector MEG-1, há'eva Departamento de Manutención pegua ojavovare oipururu ha ogestioná haguâ ñe'ênguera oñehenoihaicha multi/plurilinguismo. Upevare, oñemomba'apohaguâicha ko'á mba'e ojejagarrá há ojejapo análise documental umi diretrizes oficiales rehegua oíva usinape omotenondeva ñe'ênguera ojeipuruhaguâicha; avei oñemaña mba'eichapa umi tapicha kuera upepe omba'apova terá brasileño há paraguay oipururu iñe'ênguera MEG-1 ryepype; há oñeme'ê mba'eporandu jejaiháguive brasileño kuerape ojeikuaa haguâ mba'epa ohasa iñakâme kuera oñeme'êvo ichupekuera ñe'ê rekorá oipuruhaguâ omba'apohápe, ha avei mba'epa he'iva hikuai umi ñe'ê ojetopava há ojeipururu imbytepekuera. Rombopaha haguâ ko kuaareka, ojeikuaa que umi Ñe'ênguéra Sãmbyhyha ojeipururu pe empresare, he'i ojeipuruhaguâ ñe'ê português ha español ojehai haguâ Itapupe. Ojeikuaa avei, mba'eporandu rupive, umi ñe'ê jurugua ojeipuruveva oñe'ê haguâ oñondivei umi tapicha kuera, ára há árape, há'eportunhol. Oje'evare umi ñe'ê ojetopava há ojeipururu imbytepekuera, umi tapicha ndombohovai oñeporanduvaekue ichupekuera, upevare ojeipyta jeikuaa'yre. Ko kuaareka oíke investigación Ñe'ênguéra Sãmbyhyhárehe há ojehecha tuichamba'eha omba'apogui há omosarambigui ñemomarandu ñe'ênguera rehegua ojegestionava pe multi/plurilinguismo tetambopyhárupi há contexto latino-americanope, ohechaukavo umi mba'e ikatuva ojejapo tembiapo há momarandu renonderá.

Ñe'ê momba'etéva: Ñe'ênguera rekorá ñemba'apohápe. Ñe'ênguéra Sãmbyhyha. Multilinguismo. Tetambopy.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Modelo de análise das políticas linguísticas proposto por Spolsky...	30
Figura 2 - Mapa da localização da Usina Hidrelétrica de Itaipu.....	41
Figura 3 - Edifício da Produção na área industrial da Itaipu.....	45
Figura 4 - Representação da sala de reuniões da MEG-1.....	46
Figura 5 - Limite entre Brasil e Paraguai no alto da barragem de Itaipu.....	63
Figura 6 - Limite entre Brasil e Paraguai no Edifício de Produção.....	63
Figura 7 - Foto de uma placa situada na MD.....	65
Figura 8 - Foto de uma placa localizada na ME.....	65
Figura 9 - Lixeiro na sala da MEG-1.....	72
Figura 10 - Pôster da Usina Hidrelétrica de Três Gargantas.....	72
Figura 11- Aviso colado na porta da sala de reuniões.....	73

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Descrição dos documentos analisados.....	49
Tabela 2 - Tempo de serviço na Itaipu.....	78
Tabela 3 - Tempo de serviço na MEG-1.....	78
Tabela 4 - Quais as línguas oficiais da usina?.....	79
Tabela 5 - Onde e como você vê, no seu dia a dia profissional, as línguas oficiais sendo utilizadas?.....	80
Tabela 6 - Na sua opinião, quais as línguas mais utilizadas na Itaipu?.....	81
Tabela 7 - Línguas mais utilizadas na MEG-1.....	81
Tabela 8 - Como se dá a comunicação entre brasileiros e paraguaios em seu setor?.....	83
Tabela 9 - Com que frequência a língua guarani é falada/ouvida dentro de seu setor?.....	84
Tabela 10 - Dados gerados a partir da asserção 13: “O brasileiro precisa aprender espanhol”.....	86
Tabela 11 - Dados gerados a partir da asserção 14: “O brasileiro precisa aprender guarani”.....	87
Tabela 12 - Dados gerados a partir da asserção 15: “O paraguaio precisa aprender português”.....	87
Tabela 13 - Dados gerados a partir da asserção 16: “O português é a língua mais útil para meu setor (MEG-1)”.....	88
Tabela 14 - Dados gerados a partir da asserção 17: “O espanhol é a língua mais útil para meu setor (MEG-1)”.....	88
Tabela 15 - Dados gerados a partir da asserção 18: “O guarani é a língua mais útil para meu setor (MEG-1)”.....	89

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Perguntas 1 a 5 do questionário aplicado aos funcionários da MEG-1.....	52
Quadro 2 - Perguntas 6 a 12 de opção múltipla do questionário aplicado aos funcionários da MEG-1.....	53
Quadro 3 - Asserções 13 a 18 do questionário de escala de Likert aplicado aos funcionários da MEG-1.....	55

LISTA DE ABREVIATURAS

CAAE	Certificação de Apresentação para Apreciação Ética
IC	Intercompreensão de línguas próximas
MD	Margem direita
ME	Margem esquerda
MEG-1	Manutenção de Equipamentos Geradores, setor de geradores e agregados
OBEDF	Observatório da Educação na Fronteira
PL	Política linguística
SMMG.DT	Divisão de Manutenção de Equipamentos de Geração
UNIOESTE	Universidade Estadual do Oeste do Paraná
UNILA	Universidade Federal da Integração Latino-Americana

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
2 PERCURSO TEÓRICO: ENTRE FRONTEIRAS, POLÍTICA E LÍNGUAS	22
2.1 Territórios, fronteiras e línguas	23
2.2 Política Linguística e gestão de línguas	27
2.2.1 Intercompreensão de línguas próximas.....	33
2.2.2 Atitudes linguísticas e políticas linguísticas	36
3 PERCURSO METODOLÓGICO	40
3.1 Contextualizando o campo: a Itaipu Binacional.....	40
3.2 Manutenção de Equipamentos Geradores – Setor de Geradores e Agregados (MEG-1).....	44
3.3 Procedimentos da pesquisa: métodos de geração de dados	47
3.3.1 Análise documental	48
3.3.2 Observação das interações e práticas linguísticas no ambiente de trabalho (MEG1).....	50
3.3.3 Aplicação de questionários.....	51
3.4 O início: da Ouvidoria à Direção Técnica	56
4 A GESTÃO DE LÍNGUAS NA ITAIPU BINACIONAL	59
4.1 As políticas linguísticas explícitas na Itaipu Binacional	59
4.2 A gestão de línguas nas práticas cotidianas da MEG-1	67
4.3 Práticas, atitudes e gestão de línguas: as percepções dos funcionários brasileiros da MEG-1	77
4.3.1 O perfil dos sujeitos da pesquisa.....	77
4.3.2 “Vamos começar com tu trabajo”: a comunicação na MEG-1 segundo os brasileiros	79
4.3.3 As atitudes em relação as línguas da MEG-1	86
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	91
REFERÊNCIAS	94
APÊNDICES	99
APÊNDICE A – Solicitação para realização de pesquisa acadêmica	99
APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre Esclarecido	101
APÊNDICE C – Questionário aos sujeitos da pesquisa	103

1 INTRODUÇÃO

Esta investigação, de cunho qualitativo, tem como tema a gestão de línguas em ambiente de trabalho localizado em região de fronteira. A motivação para a realização desta pesquisa deriva do olhar que eu, como pesquisadora, nascida e criada na cidade de Foz do Iguaçu/PR, tive desde cedo sobre a posição estratégica do município em relação às outras cidades brasileiras. Como cidadã iguaçuense, tendo no turismo meu primeiro emprego, aluna do curso de Letras Português-Inglês e, mais tarde, professora, pude observar de perto a realidade cultural diversa e peculiar da tríplice fronteira, agregadora de sólidas comunidades de imigrantes, como árabes, chineses, coreanos, entre outros. Mais do que isso, sempre foi nítida para mim a realidade da mobilidade constante entre brasileiros, argentinos e paraguaios pela fronteira, por meio das Pontes da Amizade¹ e da Fraternidade², tornando essa região palco de um intenso contato entre culturas e línguas distintas.

Pesquisar a fronteira era inevitável. Contudo, minha formação em Letras teve um enfoque específico na formação de professores de língua inglesa e portuguesa, caminho que segui por cerca de dez anos. Desse modo, tive dificuldades em aliar meu interesse pelas culturas e línguas presentes em Foz do Iguaçu e meus estudos linguísticos. Foi então que, em 2017, tive a oportunidade de ser aluna especial de uma disciplina do Programa de Pós-Graduação Sociedade, Cultura e Fronteiras³ que, até então, desconhecia, mas sentia que poderia ajudar a traçar meu caminho rumo ao mestrado: Política(s) e Gestão de Línguas nas Fronteiras. Compreendi que as línguas podem ser objeto de gestão e que a sociedade pode agir sobre sua presença ou ausência em diferentes esferas, por meio de proposição de políticas, estratégias e leis, a fim de orientar os usos das línguas e seu peso na sociedade.

Portanto, ao ter conhecimento da Política Linguística como área do saber e como ótica de trabalho, utilizei minhas inquietações sobre a tríplice fronteira para delinear um projeto de investigação em um local que me é familiar, no qual meu pai trabalhou por 33 anos: a Itaipu Binacional, ambiente desta pesquisa.

¹ A Ponte Internacional da Amizade, inaugurada em 27 de março de 1965, liga as cidades de Foz do Iguaçu (Brasil) e Ciudad del Este (Paraguai).

² A Ponte da Fraternidade, cujo nome oficial é Ponte Tancredo Neves, une as cidades de Foz do Iguaçu (Brasil) e Puerto Iguazú (Argentina) e foi inaugurada oficialmente no ano de 1985.

³ O Programa de Pós-Graduação Sociedade, Cultura e Fronteiras, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), campus de Foz do Iguaçu, contempla cursos a nível de Mestrado e Doutorado em três linhas de pesquisa interdisciplinares: Linguagem, Cultura e Identidade; Território, História e Memória; e Trabalho, Política e Sociedade.

Em termos de localização, a usina está situada na divisa entre Brasil e Paraguai, entre os municípios de Foz do Iguaçu, estado do Paraná e Hernandárias, departamento de Alto Paraná, mais precisamente 14 quilômetros ao norte da Ponte da Amizade (ITAIPU BINACIONAL, 2018). Sua localização fronteiriça proporciona o contato cotidiano entre funcionários brasileiros e paraguaios, falantes de diferentes línguas, e direcionou meu olhar para os fenômenos linguísticos que ali se originam derivados do multilinguismo, isto é, da presença de uma variedade de línguas em dado espaço social. Sua construção, iniciada na década de 1970 e finalizada com o início das atividades das duas últimas unidades geradoras em 2007, provocou grande impacto social na comunidade iguaçuense, visto que o crescimento populacional aumentou significativamente com a vinda dos barrageiros⁴ e de imigrantes que encontraram nesta obra colossal novas oportunidades (CATTÁ, 2003).

Em 2020, mais de quarenta anos após a formação e consolidação da Itaipu Binacional, observa-se que a empresa compõe o ambiente sociolinguístico peculiar da tríplice fronteira, isso porque seus funcionários, brasileiros e paraguaios, integram a diversidade étnica local. De acordo com informações do departamento dos Recursos Humanos da usina, na margem brasileira da Itaipu há 1385 funcionários e, na paraguaia, 1754 (ITAIPU BINACIONAL, 2018). Considerando que a empresa foi construída no Rio Paraná, marcador natural de fronteira, pode-se inferir que há uma circulação constante dos empregados de ambas as nacionalidades pela usina e, com eles, seus costumes, sua cultura, suas línguas. No que se refere às questões linguísticas, foco deste estudo, levamos em consideração o fato do Paraguai ser um país oficialmente bilíngue⁵ e o Brasil possuir a língua portuguesa como língua oficial, muito embora ambos os países sejam, de fato, plurilíngues, abarcando em suas sociedades, comunidades linguísticas diversas, falantes de inúmeras línguas alóctones e autóctones⁶. Dito isso, é possível inferir que a Usina Hidrelétrica de

⁴ Termo referente aos trabalhadores itinerantes que eram recrutados para trabalhar nos mais variados lugares do Brasil e do mundo, em obras como Furnas e Itaipu.

⁵ Em 1992, o Estado paraguaio, a fim de promover a língua guarani em seu território, a oficializa na Constituição, no artigo 40, com o espanhol. O mesmo documento reconhece que o país é "pluricultural e bilíngue", afirmando também que as línguas indígenas fazem parte do patrimônio cultural imaterial da nação (PARAGUAY, 1992).

⁶ Conforme um levantamento realizado pelo Instituto de Investigação e Desenvolvimento em Política Linguística (IPOL), o Brasil compreende um total de 219 línguas indígenas e 51 línguas de imigração, além da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS, regulamentada no território brasileiro pelo Decreto nº 5.626, de 22/12/2005.

Itaipu, como ambiente de trabalho, apresenta-se como multilíngue e cenário de fenômenos derivados do contato entre as línguas.

Em virtude do panorama supracitado, esta pesquisa propôs-se a investigar as formas de gestão de línguas em um ambiente de trabalho fronteiriço e, para tanto, delimitamos o estudo em um setor específico da usina, mais precisamente no setor denominado Manutenção de Equipamentos Geradores, Setor de Geradores e Agregados (MEG-1), que faz parte da Divisão de Manutenção de Equipamentos de Geração (SMMG.DT). Dito brevemente, compreendo a partir de Spolsky (2009) e Berger (2015) que a gestão de línguas corresponde às estratégias utilizadas em um espaço social para administrar as práticas de uso das línguas. Como filha de funcionário da Itaipu, desde cedo presenciei as trocas culturais e linguísticas entre os trabalhadores, sobretudo em confraternizações da empresa, aniversários e outros eventos sociais. Além disso, é possível afirmar que o contato com os colegas paraguaios enriqueceu o vocabulário de meu pai com palavras em guarani e espanhol, tais quais “*Jaha*”, “*Jaha jakaru*”⁷. Em vista disso, passei a refletir sobre como ocorrem as relações dos funcionários com as línguas dentro do ambiente de trabalho e de que forma a empresa lida com a presença destas e com (possíveis) conflitos de comunicação.

Dessa forma, a pergunta norteadora desta pesquisa é: **Como são geridas as línguas no ambiente empresarial da Itaipu Binacional?**

Dada a necessidade de um recorte para a realização desta pesquisa, a pergunta norteadora se subdivide em duas outras perguntas, a saber: **Quais as políticas linguísticas explícitas da Itaipu Binacional? Como são geridas as línguas nas práticas de uso cotidianas do setor MEG-1, delimitado para esta pesquisa?**

Spolsky (2004) desenvolve um modelo teórico-analítico ampliando as concepções de política linguística que, até então, tinham como embasamento apenas as políticas linguísticas oficiais, isto é, as leis e normas que partem de Estados e instituições de poder. O linguista compreende que nem sempre as diretrizes e regimentos condizem com o que vigora, de fato, na sociedade. Desse modo, ele parte do princípio de que a análise das políticas linguísticas deve ser realizada por meio da compreensão das práticas, crenças e do modo como as

⁷ As frases significam, respectivamente: “Vamos!” e “Vamos comer!” na língua guarani.

línguas são geridas pelos falantes (SILVA, 2013). Tendo feito essas considerações, os objetivos desta pesquisa foram delineados para contemplar o modelo de análise de políticas linguísticas proposto por Spolsky. O objetivo foi o de investigar como se caracterizam as políticas linguísticas explícitas da Itaipu Binacional, isto é, as diretrizes que explicitamente orientam os funcionários em relação aos usos das línguas, e como são geridas as línguas nas práticas de uso cotidianas do setor MEG-1. Os objetivos específicos são os seguintes: i) identificar as políticas linguísticas explícitas da Itaipu Binacional; ii) constatar e analisar como são geridas as línguas no setor MEG-1, no que diz respeito às práticas linguísticas adotadas no ambiente de trabalho e às atitudes dos funcionários aos usos das línguas em seu setor.

Cientificamente, esta pesquisa é justificada devido às crescentes investigações no campo da Política Linguística em áreas fronteiriças. Destacamos o estudo de Berger (2015), no qual a autora investiga a gestão do multi/plurilinguismo em escolas brasileiras na fronteira Brasil – Paraguai, precisamente em Ponta Porã, (MS), no âmbito do projeto Observatório da Educação na Fronteira (OBEDF). Em sua tese, a autora analisa de que modo os educadores estão inseridos no processo de gestão de línguas, posto que o local da pesquisa é uma fronteira seca multi/plurilíngue.

Ainda no contexto da fronteira de Ponta Porã (MS) e Pedro Juan Caballero (PY), Fiamengui (2017) discute e analisa as atitudes e crenças de alunos com idade igual ou superior a 14 anos em relação às línguas oficiais deste território, a saber: português, espanhol e guarani. A pesquisa ocorreu em dez escolas, cinco de cada país, e a autora pode identificar, por meio da observação participante, entrevistas e testes de atitudes que (1) a língua portuguesa é atribuído *status* de prestígio em detrimento das línguas paraguaias, (2) há prestígio encoberto em relação ao guarani e (3) os respondentes possuem uma avaliação intermediária referente ao espanhol no que tange à valorização e ao estigma conferido à língua.

Evidenciamos, ainda, a pesquisa de Day (2013), inserida no contexto fronteiriço Brasil – Guiana Francesa. A autora discorre sobre os aspectos sociais e linguísticos da fronteira entre Oiapoque (AP) e Saint Georges de l'Oyapock (Guiana Francesa), cujo cenário é composto pelo português e francês, línguas oficiais dos países em estudo, línguas indígenas e o crioulo de base francesa.

Durante o processo de pesquisa bibliográfica sobre gestão de línguas no ambiente de trabalho, observou-se a proeminência de pesquisas que se dão no contexto europeu, asiático e sul-africano. Angouri (2013) investigou as práticas linguísticas de funcionários em empresas pertencentes à uma mesma multinacional, localizadas em quatro países europeus, buscando também explorar o entendimento dos empregados em relação aos usos das línguas no cotidiano empresarial. A autora parte de uma abordagem insurgente e foca nas percepções de funcionários com mais de 5 anos de experiência referentes às políticas linguísticas da multinacional e o seu alinhamento com as práticas linguísticas cotidianas do trabalho. Por meio da análise de questionários e entrevistas, Angouri identificou que, embora formalmente as empresas tenham como política linguística o uso do inglês, os respondentes declararam a utilização de 20 outras línguas, sendo as mais utilizadas, além do inglês, o grego, o dinamarquês e o japonês. Em conclusão, a autora identifica que as políticas linguísticas de facto, ou seja, as insurgentes, são poderosas em relação às políticas oficiais das empresas pesquisadas, e os funcionários não relacionam as práticas linguísticas ao regimento oficial da multinacional, mas sim à comunicação entre os grupos formados no ambiente de trabalho.

Ladegaard e Jenks (2015) relatam de que maneira as estruturas de trabalho ao redor do mundo, alicerçadas em modelos eurocêntricos, podem ser um obstáculo para funcionários orientais. Os autores dão como exemplo o caso de uma multinacional com filiais em 38 países que sugeriu, como estratégia de vendas, que os funcionários fossem proativos, vocais e mais propensos a se impor em situações laborais. Essas características, para a empresa, são vistas como sinônimo de eficiência, contudo, estão inseridas em um modelo ocidental e vão de encontro com o *background* linguístico e cultural de funcionários chineses, por exemplo, colocando-os em desvantagem em comparação com colegas europeus e estadunidenses.

Hill e van Zyl (2002) conduziram uma pesquisa com 58 engenheiros atuantes em Joanesburgo, África do Sul. Por meio de grupos focais, entrevistas, aplicação de questionários e observação em campo, as autoras identificaram que o uso da língua inglesa é, de fato, crucial para o trabalho em razão da política "*English only*", presente no ambiente de trabalho. Entretanto, foi possível identificar também que,

para os sujeitos da pesquisa, as atividades laborais são melhor realizadas quando há comunicação em Africâner e/ou em línguas nativas africanas.

Evidenciamos, ainda, a pesquisa de Van Der Worp, Cenoz e Gorter (2018), em que os autores buscaram analisar os desafios do uso de uma língua minoritária em ambiente de trabalho, na Comunidade Autônoma do País Basco, Espanha. No contexto pesquisado, as línguas oficiais são o espanhol, majoritária, e o basco (também chamado *euskera*), minoritária, e com a crescente internacionalização da indústria daquele lugar, a língua inglesa vem ganhando espaço como língua de uso nos locais de trabalho. A partir da análise documental das políticas linguísticas bascas e de entrevista com funcionários de 14 empresas de contexto multilíngue, os autores identificaram que a língua espanhola é utilizada, na maioria das vezes, em momentos formais do expediente enquanto o basco se reserva ao uso em conversas descontraídas, não relacionadas ao trabalho, demonstrando a estratificação funcional das línguas. Como dificuldades para o uso do basco no trabalho, os autores listaram o investimento em gestão de línguas por parte das empresas, a percepção negativa sobre o multilinguismo pelos funcionários e a posição de prestígio do espanhol, principalmente no que se refere à facilidade de comunicação com o mercado latino-americano.

Diante desse panorama, é perceptível a escassez de pesquisas realizadas sobre gestão de línguas em empresas situadas na América Latina. Com o fim de suprir essa lacuna, pretende-se somar às pesquisas latino-americanas em Política Linguística no ambiente de trabalho, e incentivar a reflexão das estratégias de gestão do multi/plurilinguismo em uma sociedade cada vez mais plural.

Quanto à estrutura deste trabalho, a dissertação é composta de três capítulos, além desta introdução e das considerações finais. O primeiro capítulo apresenta a fundamentação teórica, construída sob uma ótica interdisciplinar. Lançamos mão de reflexões teóricas em torno das fronteiras (CARDIN; ALBUQUERQUE, 2018; BALLER, 2014; DAY, 2013), das políticas linguísticas e gestão de línguas (CALVET, 2002; SPOLSKY, 2009; BERGER, 2015; SHOHAMY, 2006), da intercompreensão em línguas românicas (DEGACHE, 2006; ERAZO MUÑOZ, 2016) e das atitudes linguísticas (LAMBERT; LAMBERT, 1979; GARRET, 2010). No capítulo seguinte – Percurso Metodológico –, primeiro contextualizamos o campo de investigação com uma breve apresentação histórica da Itaipu Binacional (CATTA, 2003; ESPÓSITO NETO, 2012; SÓRIA, 2012). Em seguida, descrevemos o local escolhido para a

aplicação dos procedimentos metodológicos, a MEG-1; depois, partimos para a descrição teórico-metodológica adotada para o desenvolvimento da pesquisa (YIN, 2010, LÜDKE; ANDRÉ, 1986) e para a geração e análise dos dados (GIL, 2010; SOMEKH, 2005). Já o capítulo intitulado “A Gestão de Línguas na Itaipu Binacional” compreende a apresentação, análise e discussão dos dados gerados por meio do estudo de caso e busca responder às perguntas traçadas inicialmente. Por fim, tecemos as considerações finais e lançamos reflexões para estudos futuros.

2. PERCURSO TEÓRICO: ENTRE FRONTEIRAS, POLÍTICA E LÍNGUAS

Esta pesquisa foi desenvolvida partindo de uma perspectiva interdisciplinar, pois acreditamos que, por conta da complexidade do objeto, é necessário convergir os saberes, a fim de compreender os fenômenos aqui descritos (LEIS, 2011). A decisão de partir de uma abordagem interdisciplinar ocorreu em razão de o estudo sobre gestão de línguas em região de fronteira, em um espaço binacional, caracterizar-se como multifacetado. Esta pesquisa demandou uma abertura para outras perspectivas além dos estudos da linguagem e nos provocou questionamentos que não teríamos se partíssemos de um recorte disciplinar. Segundo Raynaut (2011):

Muitos são os problemas ligados à experiência coletiva ou individual que não se deixam encerrar no quadro de uma única abordagem científica, e para os quais se impõe a necessidade de colaboração de especialidades oriundas tanto do universo das ciências sociais quanto das ciências da matéria e da vida (RAYNAUT, 2011, p. 97).

A partir dessa linha de raciocínio, falamos de língua, seus fenômenos e interações, estabelecendo um diálogo com outros saberes científicos, tais quais a Geografia e a Sociologia, que proporcionaram referências para o estudo das fronteiras, e a Psicologia, presente nas pesquisas sobre atitudes linguísticas. Em linhas gerais, compreendemos por interdisciplinaridade “a capacidade de integrar modos de pensar de várias disciplinas para produzir um avanço ou salto do conhecimento a um patamar que seria impossível de ascender por meios disciplinares” (RAYNAUT, 2011, p. 108).

Neste capítulo, descrevemos as bases teóricas adotadas nesta pesquisa sob uma perspectiva interdisciplinar. Primeiro, apresentamos os conceitos de fronteira e territórios, lançando o olhar aos fenômenos sociológicos e linguísticos, frutos da proximidade entre os países. Em seguida, discorreremos sobre as políticas linguísticas e a gestão de línguas, conceitos chave deste estudo, trazendo para a discussão o conceito de intercompreensão de línguas próximas, como ação de gestão do multi/plurilinguismo, e atitudes linguísticas, como resultantes das políticas linguísticas vigentes.

2.1 Territórios, fronteiras e línguas

O espaço fronteiriço é comumente marcado pelo intenso fluxo de pessoas que, em razão da facilidade de acesso entre os países, possuem relações sociais tanto de um lado quanto do outro, dando lugar a intercâmbios de cunho cultural, social, econômico e linguístico. Entretanto, foi apenas a partir da segunda metade do século XX que a fronteira, em geral, começou a ser entendida “como um termo plural, permeado de significações, sentidos e funções que ultrapassam as fronteiras políticas, econômicas, administrativas e geográficas” (BALLER, 2014, p. 45-46). Anteriormente, no século XIX e primeira metade do século XX, as pesquisas discutiam, sobretudo, os movimentos expansionistas, os tratados, os conflitos e as redefinições de fronteiras.

O entendimento de fronteira como divisão entre nações nos remete às pesquisas da história e da geografia que investigam os tratados, acordos e guerras entre os Estados, que resultaram nas divisas políticas entre os países. Entretanto, com o objetivo de territorializar o espaço fronteiriço, é de interesse dos Estados utilizar das relações de poder e de diversos aparatos e instrumentos como garantias de governabilidade no território em questão. Exemplo de estratégia é a ocupação militar, utilizada pelo governo brasileiro na fronteira tríplice do Brasil com a Argentina e o Paraguai, fundando a colônia militar da foz do Iguaçu, em 1889 (cf. BRITO, 2005) garantindo a presença do exército brasileiro em uma importante área de fronteira, com o propósito de garantir a territorialização do referido espaço.

Outra forma de ação dos Estados nacionais, visando a delimitação territorial, é a oficialização de uma língua. A partir da oficialização e, por vezes imposição, de uma língua nacional, reforça-se a autoridade e se assegura a dominação política no que se refere aos limites territoriais e à população ali estabelecida (BOURDIEU, 2008). Este tipo de estratégia se mostrou, historicamente, em vários países, como uma política de apagamento de línguas nativas em favorecimento das línguas dos colonizadores. No Brasil, por exemplo, a iniciativa por parte do Estado português, em 1758, por meio do Diretório dos Índios, de Marquês de Pombal, proibia, entre outras coisas, o uso da língua geral indígena, o *nheegatu*, em favorecimento da língua do Príncipe, isto é, a língua portuguesa. Mais tarde, os registros históricos apontam para a proibição de línguas durante o período conhecido como Estado Novo (1937-1946), a política de Vargas contemplava forte nacionalismo e instaurou

políticas que proibiam o ensino de línguas estrangeiras no território nacional e, posteriormente, com a eclosão da Segunda Guerra Mundial, houve intensa repressão ao uso público de línguas maternas por imigrantes. Na época, o Brasil abrigava imigrantes de variadas etnias e repertórios linguísticos, especialmente a região sul do país, que segundo recenseamento realizado em 1940, acolhia o maior número de não falantes da língua portuguesa. Desse modo, “o Sul era considerado uma ameaça à brasilidade” (THOMAZ, 2005, p. 38) e à construção de uma identidade uniforme.

Tendo feito essas considerações, é importante ressaltar que o espaço fronteiriço é dinâmico e produtor de “identidades, alteridades, estereótipos e formas de discriminação, mas também de [...] trocas culturais e simbólicas variadas com vizinhos imediatos e com outros grupos étnicos” (CARDIN; ALBUQUERQUE, 2018, p. 119). Nesse sentido, compreendemos que a fronteira vai além das representações geográficas e jurídicas estabelecidas pelos Estados nacionais. Mais que isso, a fronteira proporciona a integração dos territórios por meio da produção de relações sociais, sejam estas culturais, políticas, lícitas, ilícitas, identitárias e/ou linguísticas. Sendo assim, é fundamental que se volte o olhar para os fenômenos linguísticos resultantes de tais interações tipicamente fronteiriças.

A região da tríplice fronteira Brasil, Paraguai e Argentina, onde estão localizadas as cidades gêmeas Foz do Iguaçu (BR), Ciudad del Este (PY) e Puerto Iguazú (AR), abarca diferentes comunidades linguísticas, coexistindo em seu espaço as línguas oficiais dos Estados nacionais, línguas indígenas e línguas oriundas do processo de imigração. Desse modo, compreende-se que a fronteira trinacional é multilíngue. O fenômeno do multilinguismo ocorre quando há o registro de diferentes línguas em determinado espaço social, podendo este último ser uma cidade, um país, uma instituição escolar ou um ambiente de trabalho. Nesta mesma fronteira, localiza-se o ambiente de investigação desta pesquisa, a Usina Hidrelétrica de Itaipu, especificamente na divisa entre Brasil e Paraguai. Diante do contexto sociolinguístico citado, é possível afirmar que a usina corresponde a um local de trabalho multilíngue, uma vez que a empresa fronteiriça é composta por um corpo de funcionários de origem brasileira e paraguaia que, por sua vez, possuem em seu repertório linguístico o português, espanhol e guarani, respectivamente.

Ainda no que se refere aos fenômenos linguísticos resultantes das dinâmicas fronteiriças, evidenciamos o plurilinguismo. Berger (2015, p. 71), fazendo referência

aos estudos de Coste et al. (2009) sobre a União Europeia, afirma que “o plurilíngue configura-se como aquele capaz de gerir seu repertório, conforme as circunstâncias comunicativas em que se inscreve”. Em outras palavras, plurilíngue se trata do indivíduo que é capaz de gerir suas habilidades comunicativas em outras línguas dentro no espaço em que está inserido. Deve-se salientar que, muito embora entendamos a Itaipu como ambiente de trabalho multilíngue, não necessariamente todos seus funcionários sejam plurilíngues. Ainda que a língua guarani tenha sido oficializada no Paraguai em 1992, é possível que, por alguma razão, funcionários paraguaios não a utilizem em suas práticas linguísticas.

Em ambientes multilíngues, especialmente os localizados na fronteira do Brasil com países hispanofalantes, outros fenômenos observáveis são os da intercompreensão entre línguas próximas e o uso de uma prática linguística qual vem se denominando ‘*portunhol*’. O primeiro é marcado pelas práticas linguísticas dos falantes realizadas na língua, neste caso, românica, que têm mais proximidade. O último é resultante do contato entre o português e o espanhol. Ambos serão tratados na próxima seção.

Quando se discute as fronteiras e suas dinâmicas, é inevitável abordar também as relações de poder. O contato entre as línguas pode acarretar no exercício de poder de uma língua sobre a(s) outra(s), o que, em verdade, reflete em relações de poder entre os falantes dessas línguas. Acredita-se que existe uma estreita relação de poder entre as línguas em espaços fronteiriços – no caso da Itaipu e do setor escolhido para a investigação, as línguas portuguesa, espanhola e guarani – podendo ocasionar consequências, tais quais a repulsão ou atração das mesmas pelos falantes. Mackey (apud DAY, 2013, p. 168) afirma que:

As línguas exercem um poder de força umas sobre as outras e as diferenças de poder se manifestam quando as línguas estão em contato. Elas se manifestam como uma forma de atração ou de repulsão que uma língua, ou melhor, aqueles que a utilizam, terão um pelo outro (MACKEY apud DAY, 2013, p. 168).

Nesse sentido, as relações de poder estabelecidas pelas línguas em contato dependem muito do número de falantes que cada uma possui, seu *status*, o prestígio que carregam dentro da sociedade em que estão inseridas, a proximidade entre os falantes, levando à atração ou repulsão.

Um outro aspecto a ser mencionado quando se trata das relações de poder é a relação da(s) língua(s) com os territórios de fronteira. Para a análise do objeto e dos sujeitos dessa pesquisa, portanto, foi fundamental o conceito de território linguístico, que Berger (2015) entende como:

[...] esferas de uso das línguas, não somente as demarcadas pelo poder exercido via instrumentos legais ou por intermédio de instâncias governamentais, mas também por outros agentes e grupos que, no campo das relações, agem sobre os usos das línguas, demarcando espaços de controle e fronteiras relacionais entre os grupos que delas compartilham, de forma descontínua (BERGER, 2015, p. 46).

Nesse sentido, a intervenção que pode existir em torno das línguas não se dá, necessariamente, apenas por fontes legais, dentro de determinado território. As intervenções podem vir de outros grupos que demarcam seu espaço, fazendo valer suas crenças em torno das línguas.

Para Day (2013, p. 164), a fronteira política se trata de um “lugar privilegiado onde se efetuam as confrontações interculturais, interétnicas e interlinguísticas”. Sendo assim, é natural que essas regiões promovam fenômenos, tais quais o multilinguismo. Por isso, haja vista que a fronteira política estabelece limites espaciais e jurídicos para os falantes, a autora utiliza o termo fronteiras linguísticas para “designar o limite externo de uma língua tal qual ele se desenha em virtude das distâncias linguísticas significativas com conjuntos vizinhos ou como resultado de processos voluntaristas de individualização”. Day afirma ainda que as fronteiras linguísticas podem ser baseadas em fenômenos exógenos, tais quais as línguas herdadas e as línguas oficiais de cada território que agem não somente como “marcadores identitários”, mas também, “delimitadores de território”. Somado a isso, as fronteiras podem ter como base fenômenos endógenos, concernentes a fatores internos, como as variações de uso, dialetos e falares regionais (DAY, 2013, p. 166).

Diante do exposto, depreende-se que as interações que ocorrem na fronteira dão-na a característica de porosidade, permitindo intercâmbios provenientes tanto do território em que os falantes se encontram, como oriundos das trocas cotidianas proporcionadas pelos contatos linguísticos, étnicos e culturais. Para Baller (2014), as décadas de 1950, 1960 e 1970 foram um marco para as relações estabelecidas entre Brasil e Paraguai, uma vez que estes ultrapassaram as relações políticas e diplomáticas para, então, desenvolver práticas sociais e culturais entre si, intensificando suas relações por meio de grandiosas obras e políticas de

desenvolvimento, tais quais a construção da Ponte Internacional da Amizade, a *Marcha hacia el este*⁸ e o projeto Itaipu.

É diante deste contexto onde se entrelaçam as relações territoriais, fronteiriças e linguísticas que buscamos cumprir com os objetivos propostos nesta pesquisa. Foi preciso considerar nos procedimentos metodológicos e na análise dos dados gerados não somente o que tange aos estudos linguísticos, mas também o que diz respeito às razões pelas quais tais fenômenos foram encontrados no ambiente de trabalho, ou seja, o caráter fronteiriço da empresa.

2.2 Política Linguística e gestão de línguas

A Política Linguística, como área do saber e ótica de trabalho, procura compreender e analisar as ações e intervenções nas línguas e seus usos na sociedade. Segundo Calvet (2002):

Chamaremos de *política linguística* um conjunto de escolhas conscientes referentes às relações entre língua(s) e vida social e de *planejamento linguístico*, a implementação concreta de uma política linguística, de certo modo, a passagem ao ato (CALVET, 2002, p. 133. Grifos do autor).

Conforme a definição do autor, a Política Linguística (doravante PL) investiga as determinações realizadas em torno das línguas em seu lugar na sociedade, o que torna esse campo dos estudos linguísticos interdisciplinar, pois perpassa por várias outras esferas da pesquisa e dos saberes científicos.

As ações sobre as línguas podem ser determinadas nos mais variados âmbitos, como por meio do Estado, incidindo, por exemplo, na oficialização de línguas, ou podem partir das demandas da própria comunidade e dos falantes, visando atender suas necessidades (BERGER, 2015). Desse modo, as PL podem ser compreendidas a partir de diferentes tipos registrados na literatura.

Para Shohamy (2006), as políticas linguísticas explícitas são aquelas explicitamente observáveis em documentos oficiais, que podem, por exemplo, tornar línguas oficiais ou nacionais em determinados territórios, ou ainda, reger as línguas que compõem os currículos escolares. Citando Schiffman, a autora completa

⁸ *Marcha hacia al Este*: objetivava o desenvolvimento da região pouco habitada das fronteiras Leste do Paraguai, na divisa com o Brasil. Esta política implementada por Strossner seguiu o modelo da Marcha para o Oeste, adotado no Brasil na época do Estado Novo (1937-1945), no governo de Getúlio Vargas.

dizendo que as políticas linguísticas explícitas são aquelas “formalizadas, de jure, codificadas e manifestas” (SHOHAMY, 2006, p. 50, tradução nossa)⁹. Destacamos como exemplo a Constituição paraguaia de 1992, que tornou a língua guarani oficial do Estado, juntamente com a língua espanhola:

Artigo 140 - DOS IDIOMAS O Paraguai é um país pluricultural e bilíngue. São idiomas oficiais o castelhano e o guarani. A lei estabelecerá as modalidades de utilização de um e de outro. As línguas indígenas, assim como as de outras minorias, fazem parte do patrimônio cultural da Nação (PARAGUAY, 1992, tradução nossa)¹⁰.

Na Constituição anterior, de 1967, a língua guarani possuía o *status* de língua nacional, enquanto a língua do colonizador, o espanhol, carregava o *status* de língua oficial. Kaplan e Baldauf Jr (1998) apontam que a língua nacional não é, necessariamente, falada por toda a população do país em questão, muito embora seja compreendida como parte do repertório linguístico de grupos majoritários. Os autores completam que a língua nacional possui para o Estado um *status* político especial e, nesse sentido, afirmam que:

Costuma-se argumentar que um idioma nacional é falado por uma clara maioria numérica da população de uma determinada comunidade, mas, na realidade, é mais provável que seja um idioma associado a um grupo de poder - por exemplo, as pessoas que vivem na cidade capital e nos arredores, os grupos tribais que tradicionalmente compõem o exército, o grupo com o mais alto nível de educação ou o grupo que controla a maior parte da riqueza (KAPLAN; BALDAUF, 1998, tradução nossa).¹¹

No caso do guarani paraguaio, atribui-se a função nacionalista para a língua, remetendo à colonização espanhola, que reduziu a população nativa em guerras, escravidão e outros conflitos (GYNAN, 2007; FIAMENGUI, 2017). Além disso, o contexto político nacionalista da época e a relação do ditador Alfredo Stroessner com os ruralistas paraguaios foi propícia para a elevação do *status* do guarani a língua nacional (GYNAN, 2007).

⁹ No original: *formalized, de jure, codified and manifest.*

¹⁰ No original: *Artículo 140 - DE LOS IDIOMAS El Paraguay es un país pluricultural y bilingüe. Son idiomas oficiales el castellano y el guaraní. La ley establecerá las modalidades de utilización de uno y otro. Las lenguas indígenas, así como las de otras minorías, forman parte del patrimonio cultural de la Nación.*

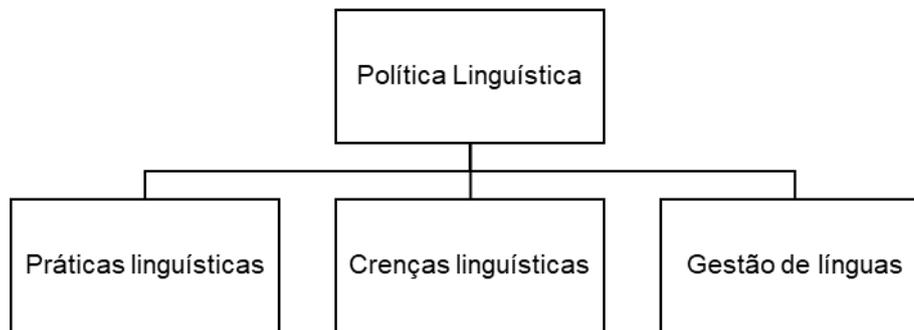
¹¹ No original: *It is often argued that a national language is one spoken by a clear numerical majority of the population of a given polity, but in reality it is more likely to be a language associated with a power-group—e.g. the people living in and around the capital city, the tribal groups which traditionally make up the army, the group with the highest level of education, or the group which controls the greatest part of the wealth.*

Ainda no que se refere aos tipos de PL, a literatura registra as PLs implícitas, *top-down* e *bottom-up*. Dito brevemente, as PLs implícitas correspondem àquelas que não estão explicitamente descritas, mas são observáveis a partir das interações linguísticas de facto dos falantes (SHOHAMY, 2006). As PLs *top-down*, também chamadas de macro ou verticais, são aquelas determinadas pelo Estado, blocos econômicos ou outras instituições de grande poder (BERGER, 2015). Citamos como exemplo a Decisão nº 35/06 do Mercosul sobre a incorporação do guarani como idioma oficial do bloco econômico. O documento se trata de uma política linguística explícita que parte de uma instituição que representa o poder econômico com o objetivo de elevar o guarani ao *status* de língua oficial do Mercosul. No que tange às PLs *bottom-up* (micro ou insurgentes), estas correspondem as PLs que “emergem e são postas em prática a partir de demandas locais, por vezes, como formas de resistência às políticas verticais” (BERGER, 2015, p. 49).

No que se refere às bases da PL, Sousa e Roca (2015) citam a relação intrínseca de cultura e política linguística sugerida por Schiffman (1996), que afirma que a fundamentação da PL está no “conjunto de comportamentos, suposições, formas culturais, preconceitos, sistemas de crenças populares, atitudes, estereótipos, maneira de pensar sobre a linguagem” (SOUSA; ROCA, 2015, p. 15). Ainda para Schiffman, as PLs são construções sociais formadas por elementos explícitos (documentos oficiais governamentais ou jurídicos) e também podem ser frutos de construções socioculturais, baseadas em crenças, atitudes e mitos (SOUSA; ROCA, 2015).

Spolsky (2004; 2009) aprimora a relação entre cultura e política linguística por meio de um modelo teórico que parte, primeiro, do pressuposto de que a política linguística deriva das escolhas individuais dos falantes, porém interligadas aos domínios em que estão inseridos. O domínio é descrito como um espaço de interação social (escola, trabalho, igreja, família) composto por participantes com papéis e relações sociais pré-estabelecidos. Desse modo, para o autor, a análise das PLs deve considerar os fenômenos sociais em que estas se inserem. Dito isso, Spolsky propõe, em seu modelo teórico, que a PL possui três componentes interligados: as práticas linguísticas, as crenças e a gestão das línguas.

Figura 1 – Modelo de análise de políticas linguísticas proposto por Spolsky



Fonte: Adaptado de Shohamy (2006, p. 53).

As práticas linguísticas são as escolhas e comportamentos observáveis dos falantes em relação à(s) língua(s). Citamos como exemplo uma família de imigrantes que decide utilizar sua língua de herança no contexto doméstico e familiar, ao passo que emprega em outros ambientes sociais a língua do país de acolhimento. Crianças de origem libanesa que fazem uso do ensino público brasileiro podem adotar, em suas práticas linguísticas escolares, a língua portuguesa, reservando o árabe para o contexto familiar e religioso. Ou ainda, a tripulação multicultural e multilíngue de um avião pode optar por empregar o inglês como língua das práticas do cotidiano de trabalho. Desse modo, as práticas linguísticas podem variar de acordo com o domínio em que o falante se encontra, e dizem respeito não apenas às línguas, mas também a variedades e a formas de interação.

As crenças sobre as línguas correspondem ao segundo componente do modelo teórico de Spolsky. Chamadas também de ideologias, as crenças dizem respeito aos valores e *status* dados às línguas ou a variedades delas. As representações e crenças que uma comunidade linguística possui a respeito de sua própria língua podem influenciar as atitudes que esses falantes terão em relação às outras, intervindo nos processos de prestígio ou de estigmatização.

O último componente do modelo teórico de Spolsky se trata da gestão de línguas. Berger (2015) a define como:

[...] a administração da presença e do lugar das línguas em dada sociedade ou espaço social por meio de estratégias e/ou práticas adotadas por sujeitos e/ou grupos que exercem algum nível de autoridade (poder), intervindo nas relações dos falantes com as línguas (BERGER, 2015, p. 58).

Nesse sentido, compreendemos que a gestão é o esforço que parte de alguém, ou de algum grupo com poder e autoridade sobre os outros participantes, a fim de mudar as práticas e crenças das línguas dentro de um determinado domínio (SPOLSKY, 2009).

Ainda na década de 1990, Kaplan e Baldauf Jr (1997) mencionaram o termo *language management* na perspectiva de Chaudenson (1989) e Jernudd (1993). Para o primeiro autor, a gestão de línguas – *aménagement linguistique* – corresponde à realização, de fato, de um planejamento linguístico. Em contrapartida, Jernudd parte de uma abordagem *bottom-up*, argumentando que a gestão de línguas se refere ao gerenciamento das línguas por parte dos indivíduos no momento da comunicação.

Ressaltamos, ainda, o uso do termo por Calvet (2007), que compreende que há duas maneiras de gerir as situações linguísticas: por meio da gestão *in vitro* e da gestão *in vivo*. A primeira faz referência às decisões sobre as línguas via proposições de PL explícitas, que partem de grupos representantes de poder, como governos e, neste caso, a empresa. A última é entendida como o “modo como as pessoas resolvem os problemas de comunicação”, isto é, as estratégias adotadas pelos falantes para gerir o multilinguismo.

Retomando Spolsky (2004; 2009), a gestão pode iniciar a partir de uma “crise”, por assim dizer, de comunicação, encontrada no domínio em questão, e é gerida por um participante ou grupo com maior autoridade e representação de poder. Ao perceber falhas na comunicação entre os participantes do domínio, o agente da gestão pode utilizar estratégias para contornar essa situação. No que concerne à gestão de línguas em ambiente de trabalho, o autor destaca que “locais de trabalho diferentes produzem problemas diferentes para a gestão de línguas” (SPOLSKY, 2009, p. 62). Assim, é possível compreender que cada ambiente de trabalho dispõe de peculiaridades que os torna um tipo específico de domínio, com participantes que possuem cargas sociais e linguísticas distintas, levando a uma gestão de línguas particular. Os problemas, como afirma o autor, encontrados em um navio, avião, hospital, multinacional, são discrepantes e necessitam de estratégias diferenciadas.

Na literatura, há uma gama de estudos sobre a gestão de línguas no ambiente de trabalho, a maioria deles localizados na Europa, Estados Unidos e Ásia. Em regiões com cenários multilíngues, como Hong Kong, a gestão linguística

empresarial demanda que seus funcionários sejam hábeis em utilizar a língua inglesa, língua essa que possui o *status* de língua franca, para a comunicação escrita, mas não necessariamente para a comunicação oral. Em outros ambientes de trabalho pesquisados, diferentes estratégias são descritas como meio de gerenciar o multilinguismo, dentre elas: adoção de uma língua franca; uso de tradutores e intérpretes; investimento em treinamento linguístico para os funcionários, entre outros (SPOLSKY, 2009).

Para os fins desta pesquisa, é relevante também mencionar que uma maneira de gerir a presença das línguas é a paisagem linguística. De acordo com Cenoz e Gorter (2006), esta perspectiva busca analisar, por meio de placas e sinais, as línguas disponíveis em determinado espaço. Ainda em termos de conceituação, os autores citam Landry e Bourhis (1997):

A linguagem dos sinais de trânsito, outdoors, nomes de ruas, nomes de locais, sinalização do comércio e sinalização pública em prédios governamentais formam a paisagem linguística de um dado território, região ou aglomeração urbana (CENOZ; GORTER, 2006, p. 67, tradução nossa).¹²

Em conformidade com os autores, a paisagem linguística contribui com a construção do panorama sociolinguístico, visto que as informações visuais que chegam até as pessoas são processadas por elas, podendo influenciar suas percepções em relação aos *status* das diferentes línguas e, até mesmo, vindo a interferir, de certo modo, em seus usos. Para fins científicos, a pesquisa em paisagem linguística é relevante no sentido de prover informação sobre as similaridades e/ou diferenças entre as políticas oficiais e as sinalizações *top down* (criadas por órgãos públicos, por exemplo) e o impacto nas sinalizações *bottom-up*, ou seja, aquelas confeccionadas pela própria comunidade: placas com nome de lojas e/ou cartazes nas ruas.

No âmbito da tríplice fronteira, a pesquisa de Silva, Pires Santos e Jung (2016) sobre a paisagem linguística e o multilinguismo da cidade fronteiriça de Foz do Iguaçu, revelou que as línguas portuguesa e inglesa possuem hegemonia na paisagem linguística local, representando a comunicação com os turistas e o poder econômico. A língua árabe também teve um registro considerável, demonstrando ser

¹² No original: *The language of public road signs, advertising billboards, street names, place names, commercial shop signs, and public signs on government buildings combines to form the linguistic landscape of a given territory, region, or urban agglomeration.*

gerida de maneira insurgente, uma vez que, como reforçam Berger e Fonseca (2019), a própria comunidade – líderes religiosos, comerciantes, dirigentes escolares – se encarrega de dispor sua língua de herança nas placas, letreiros e faixas. No entanto, Silva, Pires Santos e Jung constataram que as línguas fronteiriças guarani e espanhol pouco aparecem na paisagem linguística de Foz do Iguaçu, ficando restritas a um dos bairros pesquisados, próximo à fronteira com o Paraguai.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, adotamos o modelo teórico de Spolsky (Figura 1), a fim de cumprir com os objetivos traçados inicialmente. Com base nos procedimentos metodológicos, foi possível verificar quais são as políticas linguísticas explícitas da Itaipu e a gestão de línguas da MEG-1 através do olhar para as práticas e atitudes linguísticas dos funcionários em seu cotidiano de trabalho.

2.2.1 Intercompreensão de línguas próximas

Em vista dos fenômenos encontrados em espaços multilíngues, do contato linguístico em região de fronteira e das ações de gestão de línguas, abordamos o conceito de intercompreensão de línguas próximas (doravante IC), pois pressupomos que, no ambiente de trabalho, um espaço social composto por brasileiros e paraguaios em um contexto fronteiriço, as práticas linguísticas orais permitem “poder expressar-se na sua língua e, igualmente, ser entendido, sobretudo se as línguas envolvidas nesse processo pertencerem à mesma família” (BLANK, 2009). Este pressuposto surgiu ao longo de conversas informais com ex-funcionários que relataram que as trocas linguísticas entre brasileiros e paraguaios em ambiente de trabalho geralmente se davam a partir de um processo em que cada um utilizava sua língua e por meio das semelhanças entre elas – português e espanhol – conseguiam construir entendimento.

No tocante à conceituação do termo IC, é possível afirmar que ela pode ser investigada em diferentes contextos. Em geral, na literatura encontramos pesquisas que tratam da IC em três âmbitos: como uma estratégia comunicativa; como uma abordagem da didática de línguas; e como uma competência do ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras (BERGER, 2015). Entretanto, com o fim de cumprir com os objetivos desta pesquisa, o foco se mantém no conceito de IC como

um fenômeno presente em situações de multi/plurilinguismo e como ação de gestão de línguas entre falantes de línguas próximas.

Degache (2006) disserta que a IC é um tipo de comunicação exolingual de natureza plurilíngue, a qual chama de comunicação exoplurilíngue, cujas caracterizações implicam a assimetria das competências linguísticas dos interlocutores e no uso combinado de diferentes códigos na interação, de tal forma que, ao final, a fórmula é basicamente esta: todos usam sua primeira língua. No que se refere ao fato de ser utilizada a primeira língua dos interlocutores, Degache oferece exemplos que corroboram essa ideia¹³ e, em seguida, afirma que essa definição faz parte de um princípio interacional que pode ser contestado, já que podem existir outras possibilidades. É o caso de interlocutores para quem a língua românica não é "sua própria língua", mas uma segunda ou até mesmo uma língua estrangeira e, ainda, de falantes que possuem dois ou mais idiomas românicos como maternos, devido à cooficialidade de línguas em seu lugar de origem. Nesse sentido, Degache apresenta definições mais abrangentes, como a de Candelier *et al.*:

Intercompreensão entre línguas próximas. Consiste em trabalhar em paralelo com várias línguas da mesma família, independentemente de consistir da família de línguas do aluno (ou a língua da escola) ou da família de uma língua que ele já aprendeu¹⁴ (CANDELIER *et al.*, 2004 apud DEGACHE, 2006, p. 16, tradução nossa).

Ou ainda, a definição descrita no Conselho da Europa:

Fala-se de intercompreensão, por exemplo, quando duas pessoas se comunicam oralmente ou por escrito se expressando em línguas diferentes cada uma compreendendo a língua utilizada pela outra. O domínio passivo de uma língua estrangeira pode, aliás, evoluir para uma capacidade de utilização ativa acrescentando dessa forma, uma nova dimensão às competências linguísticas do locutor¹⁵ (DOYÉ, 2005 apud DEGACHE, 2006, p. 16, tradução nossa).

Para Degache, estas últimas definições são muito mais abrangentes e deixam o campo aberto para outras possibilidades. No entanto, o autor complementa dando

¹³ Os exemplos citados por Degache (2006) são: Ploquin (2005, p. 23), Beacco e Byram (2003), Doyé (2005, p. 7), Wuilmart (2006), Peeters (2006) e Castagne (2006).

¹⁴ No original: *Inter-comprehension between related languages. This consists of working in parallel on several languages of the same family, regardless of whether it consists of the family of languages comprising the learner's own language (or the language of the school) or the family of a language that he or she has already learnt.*

¹⁵ No original: *On parle d'intercompréhension, par exemple, lorsque deux personnes communiquent, à l'oral ou par écrit, en s'exprimant dans des langues différentes, chacune comprenant la langue utilisée par l'autre. La maîtrise passive d'une langue étrangère peut par ailleurs évoluer vers une capacité d'utilisation active, ajoutant ainsi une nouvelle dimension aux compétences linguistiques du locuteur.*

sua própria definição, que acredita ser adequada tendo em vista toda a flexibilidade que o conceito apresenta:

[...] trata-se primeiro de se esforçar para compreender o outro, depois empregar meios considerados apropriados para se fazer compreender, portanto abertos à negociação e, claramente, referentes à escolha do código linguístico, mas não somente isso, uma vez que é verdade que a intercompreensão é frequentemente compreendida no nível linguístico, enquanto que como sublinha Blanche (2004), ela não só destaca a proximidade tipológica, mas também outras proximidades, gestuais, culturais, sociais - e a implicação dos locutores (DEGACHE, 2006, p. 21, tradução nossa).¹⁶

Ainda no que se refere à definição do termo, Capucho define IC como “o desenvolvimento da capacidade de coconstruir o sentido, no contexto do encontro entre línguas diferentes, e de fazer uso pragmático dessa capacidade numa situação comunicativa concreta” (CAPUCHO, 2010, p. 86).

Erazo Muñoz (2016), em sua investigação sobre as práticas linguísticas encontradas no âmbito da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA)¹⁷, procurou indagar sobre aspectos relacionados com as formas e situações em que os intercâmbios linguísticos e comunicativos se manifestam dentro da instituição, um espaço universitário bilíngue que propõe situações de contato linguístico, cultural e de integração latino-americana. A autora analisou as experiências de membros do corpo discente de 2010 a 2014, referentes às formas de comunicação empregadas nesse ambiente bi/plurilíngue, em consonância com a análise da documentação institucional que rege as políticas linguísticas da universidade. Em conclusão, a autora verificou que uma das formas de comunicação mais recorrentes no contexto da UNILA era “a possibilidade de expressar-se em sua língua e compreender a do outro”¹⁸ (ERAZO MUÑOZ, 2016, p. 231, tradução nossa) ainda que o termo intercompreensão fosse desconhecido pelos falantes. Desse

¹⁶ No original: *il s'agit d'abord de s'efforcer à comprendre l'autre, puis d'employer des moyens jugés aptes à se faire comprendre, donc ouverts à la négociation et portant, bien entendu, sur le choix du code linguistique, mais pas seulement tant il est vrai que l'intercompréhension reste trop souvent entendue au niveau linguistique, alors que, comme le souligne Blanchet (2004), elle ne relève pas « que de la proximité typologique, mais aussi d'autres proximités –gestuelles, culturelles, sociales...– et de l'implication des locuteurs.*

¹⁷ A Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA) foi criada em 2009, no governo do então Presidente da República, Luís Inácio Lula da Silva, em cooperação com a Usina Hidrelétrica de Itaipu. Situa-se na cidade de Foz do Iguaçu/PR e recebe, além de alunos brasileiros, discentes da América Latina e Caribe (ERAZO MUÑOZ, 2016).

¹⁸ No original: *la posibilidad de expresarse en su lengua y comprender la del otro.*

modo, foi possível observar o uso espontâneo da IC por parte de falantes de diferentes línguas, enquanto forma de interação bi/plurilíngue.

A IC tem sido utilizada com eficácia na Europa devido à implementação do bloco econômico, político e social União Europeia, composto por 28 países. Com a integração de diversas nações, a União Europeia reconhece seu papel como bloco plurilíngue e multicultural e investe recursos para facilitar a comunicação entre os países membros, adotando a IC como uma das estratégias de gestão de línguas, uma vez que “possibilita a compreensão entre os distintos países e regiões, preservando as línguas minoritárias e o plurilinguismo” (MUÑOZ; SOLIS, 2014, p.13).

Dito o exposto, com base nas pesquisas previamente citadas e compreendendo a Itaipu como um espaço de cooperação e integração binacional, percebemos que a IC pode configurar uma das estratégias utilizadas pelos funcionários da MEG-1 para gerenciar o multilinguismo no ambiente de trabalho.

2.2.2 Atitudes linguísticas e políticas linguísticas

A partir das considerações a respeito da Política Linguística e do modelo teórico de Spolsky (Figura 1), retornamos a Schiffman (1996) e destacamos que, para o autor, assim como mais tarde concordam Spolsky (2004; 2009) e Shohamy (2006), as crenças de uma comunidade linguística interferem nas atitudes relacionadas a outras línguas, influenciando em fatores como a manutenção linguística.

O conceito de atitudes linguísticas advém da Psicologia Social e dos estudos em atitudes sociais que, conforme Lambert e Lambert (1979), consistem nas maneiras de pensar, sentir e reagir em relação a pessoas, grupos étnicos, questões sociais ou acontecimentos registrados em nosso meio. No que tange aos estudos linguísticos, as atitudes são compreendidas como os “sentimentos dos falantes para com as suas línguas e para com aqueles que as utilizam” viabilizando um determinado comportamento linguístico (CALVET, 2002, p. 57).

Em face disso, compreendemos que as atitudes linguísticas correspondem às reações favoráveis ou desfavoráveis à(s) língua(s) ou comunidades linguísticas, assimiladas por meio das experiências adquiridas no meio social ou, ainda, resultado das políticas linguísticas vigentes. Sendo assim, as atitudes linguísticas

que um indivíduo poderá ter em relação a uma variedade ou a um grupo falante de determinada língua provêm de fatores como a influência recebida de suas relações sociais com familiares e amigos, suas crenças religiosas, ou ainda, sua formação educacional (GARRET, 2010). As políticas linguísticas exercem um papel fundamental na assimilação de atitudes. Citamos como exemplo as PL homogeneizadoras, estabelecidas no Brasil durante o Império e, posteriormente, no Estado Novo, que poderiam vir a influenciar no comportamento linguístico dos falantes no país, elevando o prestígio da língua portuguesa por meio da atitude favorável em relação a esta variedade e, em contrapartida, atribuindo estigma e estereótipos negativos às línguas autóctones e alóctones por meio das atitudes desfavoráveis (CALVET, 2002).

Desse modo, as atitudes linguísticas se mostram relevantes para a pesquisa em PL porque, ao viabilizar um comportamento linguístico, pode-se afirmar que não há neutralidade na relação falante-língua, ao contrário, essa relação é dotada de sentimentos positivos ou negativos que podem promover, como já citado, a manutenção ou declínio de alguma língua (CALVET, 2002; RIBEIRO, 2007).

No tocante à estrutura das atitudes linguísticas, Garret (2010) afirma que estas abarcam três componentes: a cognição, o afeto e o comportamento. O primeiro componente diz respeito às crenças, valores e ideologias que os indivíduos possuem em relação às línguas ou a um grupo de falantes; o segundo compreende a capacidade de atribuir uma carga de sentimentos às línguas, causando aprovação, indiferença ou até mesmo repulsa; e, por fim, o autor compreende que as atitudes são comportamentais, pois intervêm nas ações referentes às línguas que podem ser influenciadas pelos fatores cognitivos e afetivos. Considerando tais aspectos, compreendemos que, em se tratando de atitudes linguísticas, os indivíduos pensam, sentem e agem em relação às línguas e seus falantes.

Estigmas são costumeiramente atribuídos às línguas por conta dos referidos componentes cognitivos e afetivos das atitudes que envolvem, respectivamente, as crenças e os sentimentos do indivíduo. Um exemplo são as máximas “O português é uma língua muito difícil de se aprender”, ou ainda, “O espanhol do Paraguai é feio. O espanhol da Espanha é bonito”. Essas afirmações foram socialmente construídas estigmatizando as línguas e, por vezes, os seus falantes, implicando sentimentos de afinidade ou repulsão (RIBEIRO, 2007).

No âmbito do projeto *Crenças e atitudes linguísticas: um estudo da relação do português com línguas de contato*, Sella, Aguilera e Corbari (2018) relataram as atitudes de habitantes da cidade de Guaíra/PR em relação ao espanhol e ao guarani como línguas faladas pelo outro em região de fronteira. O município está situado no oeste do estado do Paraná, na divisa com a cidade paraguaia de Salto del Guairá, unem-se pela ponte Ayrton Senna e o comércio fronteiriço corresponde a uma das mais importantes atividades econômicas da região. A partir da aplicação de questionários e entrevistas, as autoras concluíram que os participantes são conscientes no que diz respeito à diversidade linguística local e possuem atitude favorável à língua espanhola, sendo esta a mais bem avaliada para as práticas linguísticas fronteiriças. Observou-se, também, atitude desfavorável em relação à variedade da língua portuguesa utilizada pelos respondentes, estes acreditavam que não falam o português ideal (norma padrão). Ao guarani, reservou-se o estigma de “língua difícil”. As pesquisadoras concluíram revelando o interesse por parte dos sujeitos da pesquisa e a necessidade de políticas linguísticas adequadas para a região, como a inserção das línguas da fronteira no currículo escolar de ambas as cidades.

Conforme se verifica na literatura, as atitudes, tanto sociais quanto linguísticas, podem ser medidas. Lambert e Lambert (1972) afirmam que é possível medi-las por observar pessoas em situações sociais criadas especialmente para este fim. Como exemplo, os autores citam o procedimento de solicitar aos sujeitos da pesquisa que se imaginem em certas situações e forneçam ao pesquisador informações sobre os três componentes das atitudes, isto é, seus sentimentos, pensamentos e provável comportamento naquele contexto imaginário (LAMBERT; LAMBERT, 1972, p. 80). Ainda abordam como técnica de medição a utilização de questionários, para tanto, a elaboração destes deve ser feita de modo que represente os três componentes – cognição, comportamento, afeto – deixando ao respondente a opção de concordar ou discordar de cada pergunta, indicando atitude favorável ou desfavorável.

Bugel e Santos (2010) realizaram um estudo sobre as atitudes de estudantes de espanhol em relação às variedades peninsular e rioplatense da língua. A coleta dos dados foi realizada entre dois grupos de estudantes do estado de São Paulo e o método aplicado para medir as atitudes foi o *matched-guise test* e, em complemento,

aplicou-se questionários com perguntas explícitas sobre as representações que os respondentes tinham sobre espanhóis, argentinos e sobre as variedades da língua.

A técnica *matched guise*, em português, falsos pares, é desenvolvida por meio de gravações de áudio, realizadas, por exemplo, por falantes bilíngues, que recitam um texto ou uma frase. Ao ouvinte, participante da pesquisa, cabe julgar positiva ou negativamente as características de cada falante, utilizando apenas o que foi ouvido previamente. Sem ter o conhecimento de que, na realidade, os áudios foram gravados pela mesma pessoa, o participante julga os falantes com características relacionadas a competência pessoal ou integridade (BOTASSINI, 2015).

Bugel e Santos (2010) concluíram que a variedade peninsular da língua espanhola possui maior prestígio entre os alunos, apoiada pela idealização de uma língua original. No que se refere à variedade rioplatense, esta recebeu o estigma de língua de misturas, composta por diversas influências e empréstimos, diminuindo assim seu *status* perante os respondentes. Esses resultados, segundo as autoras, podem ter sido influenciados pelo eurocentrismo e pelas disputas econômicas regionais entre os países sul-americanos.

A partir das considerações feitas a respeito das atitudes linguísticas, sua estrutura, suas metodologias de geração e análise de dados e sua importância para o campo da Política Linguística, buscamos compreender quais são algumas das atitudes explícitas dos funcionários da MEG-1 em relação às línguas portuguesa, espanhola e guarani no ambiente de trabalho, uma vez que compreendemos que estas podem ser influenciadas pelas PL empresariais e, em contrapartida, podem interferir nas práticas e gestão de línguas adotadas no setor.

2. PERCURSO METODOLÓGICO

Uma vez definido o arcabouço teórico que fundamenta este estudo, procedemos neste capítulo à descrição do processo metodológico adotado para construir a investigação e coletar os dados. Iniciaremos com uma breve contextualização histórica sobre o ambiente da investigação, a Usina Hidrelétrica de Itaipu e, logo após, partimos para a descrição do setor pesquisado, a MEG-1. Em seguida, detalharemos sobre a escolha da abordagem metodológica e os procedimentos adotados para a geração de dados. O capítulo se encerra com um breve relato sobre os primeiros contatos com a usina e os planos que foram inicialmente traçados para o desenvolvimento desta pesquisa.

3.1 Contextualizando o campo: a Itaipu Binacional

A história da Itaipu, que nas línguas indígenas tupi e guarani significa “a pedra que canta” (CATTÁ, 2003; ESPÓSITO NETO, 2012; SÓRIA, 2012), entrelaça-se com a história da geopolítica e da demarcação de fronteiras entre os Estados brasileiro e paraguaio, bem como com o crescimento e desenvolvimento da região trinacional Argentina-Brasil-Paraguai. As negociações de sua construção, nas águas do caudaloso rio Paraná, na divisa entre Brasil e Paraguai, se deram durante a década de 1960, marcada pelo modelo econômico nacional desenvolvimentista que, segundo Souza (2011), tinha na produção energética objetivos de grande desenvolvimento econômico.

Figura 2 – Mapa da localização da Usina Hidrelétrica de Itaipu



Fonte: Elaborado pela autora (2020).

Espósito Neto (2012, p. 155) explica que, para o Brasil, a construção desta usina seria de grande importância, pois se tornava necessário “atender à crescente demanda de energia, com baixo custo, para manter o intenso processo de crescimento econômico e de industrialização”. Por outro lado, ao Paraguai interessava “promover sua imagem no exterior, garantir os investimentos nos setores produtivos e assegurar o futuro do abastecimento de energia elétrica ao país”.

Entretanto, muito embora as razões socioeconômicas da construção de tão grandiosa obra a nível binacional sejam relevantes, faz-se necessário, em uma pesquisa sobre o espaço fronteiriço, comentar que o projeto Itaipu se desenvolveu fundamentado, também, na busca por soluções de conflitos geopolíticos e interpretações distintas relacionadas aos limites fronteiriços entre os dois países em questão. Isso porque os tratados de limites que diziam respeito à demarcação das fronteiras entre os dois territórios, de alguma maneira, eram pouco detalhados, principalmente no que se referia à região do Salto Grande de Sete Quedas¹⁹. Sória (2012) explica que a referida região, uma cachoeira de sete quedas formada pelo rio Paraná na linha de fronteira entre Brasil e Paraguai e os estados brasileiros de Mato

¹⁹ Em espanhol, *Salto del Guairá*.

Grosso do Sul e Paraná, apresentava características naturais potenciais para a exploração de seus recursos.

O Tratado de Madri, assinado por Espanha e Portugal no ano de 1750, corresponde ao primeiro acordo delimitador de divisas entre Brasil e Paraguai, Sória (2012) destaca o artigo 6º do documento:

“Desde a boca do Iguaré continuará pelo álveo acima até encontrar a sua origem principal: e dali buscará em linha reta pelo mais alto do terreno a cabeceira principal do rio mais vizinho que deságua no Paraguai pela sua margem oriental”, porque nessa descrição, de caráter absolutamente geral, está implícita a existência de um acidente natural importante: o Salto Grande das Sete Quedas ou Salto del Guairá (SÓRIA, 2012, p. 53).

Muito embora a descrição dos limites fronteiriços seja genérica, sem detalhes aprofundados sobre a região, ela admite implicitamente a presença de um acidente natural que se subentende ser o Salto Grande das Sete Quedas. Por sua vez, o segundo tratado demarcatório das fronteiras brasileiras e paraguaias foi assinado já depois da Guerra da Tríplice Aliança, no ano de 1872, definindo a fronteira entre Paraguai e Brasil “desde a foz do rio Apa até a foz do rio Iguazú” (SÓRIA, 2012, p. 56). Este tratado é conhecido como Tratado Definitivo de Paz e Amizade Perpétua, ou Tratado Cotegipe-Lozada, fazendo alusão aos senadores que o assinaram e, similarmente ao acordo anterior, não oferece detalhes pormenorizados em relação ao trecho de fronteira referente ao território do Salto Grande das Sete Quedas (ESPÓSITO NETO, 2012). Sória (2012) acredita que isso se deu devido ao fato de, naquela época, a tecnologia disponível tornar inimaginável para o homem gerar energia elétrica por meio da força das águas.

Em 1927, alterou-se o Tratado de Limites de 1872 por meio de um Tratado Complementar, que definiu as fronteiras e instaurou uma comissão mista a fim de erigir marcos e realizar outras atividades relacionadas com a demarcação das divisas. Espósito Neto (2012) argumenta, porém, que existiam divergências no entendimento da soberania do Salto Grande de Sete Quedas, uma vez que, de acordo com instruções brasileiras, entendia-se as quedas como exclusivas do país, ao passo que o Paraguai compreendia que a região pertencia a ambos. A diferente interpretação feita do acordo delimitador de fronteiras passou a ser um problema quando, na década de 1960, impulsionada pelo modelo econômico vigente, a gestão do presidente João Goulart encomendou um estudo sobre a capacidade energética das Sete Quedas e os resultados foram positivos.

Em 1962, inicia-se o litígio sobre Sete Quedas, visto que o Estado paraguaio compreendia que o estudo do aproveitamento energético da região não deveria ser estudado apenas pelo Brasil, já que, a partir da interpretação paraguaia dos tratados, a soberania de Sete Quedas era de ambos os países. Com o objetivo de resolver o conflito geopolítico que eclodia, os governos brasileiro e paraguaio partiram para negociações e, em 1966, os ministros das Relações Exteriores dos respectivos países assinaram a Ata do Iguaçu, conhecida também como Ata das Cataratas, descrito por Espósito Neto (2012) a seguir:

O documento gerado por esse encontro ficou conhecido como Ata das Cataratas, ou Ata de Iguaçu, e através de seu artigo 3º foi acordado o condomínio das águas entre Brasil e Paraguai, e o estudo e a exploração econômica dos recursos hidráulicos do Salto de Sete Quedas. Estabeleceu-se no artigo 4º a divisão equitativa da energia hidroelétrica “eventualmente” produzida na região. Aos dois condôminos de Salto de Guairá é reconhecido o direito de preferência de compra da energia. Os artigos 3º e 4º serviram de esteio para as futuras negociações sobre o aproveitamento hidráulico da região (ESPÓSITO NETO, 2012, p. 140).

O litígio é finalmente encerrado com a assinatura, em 1973, do Tratado de Itaipu, que previa a inundação da área e a criação da entidade binacional que não apenas geraria energia elétrica, mas também viria a ser uma importante área de preservação ambiental (ESPÓSITO NETO, 2012).

A construção da usina começou, de fato, em 1974, e causou grande impacto na estrutura socioeconômica de Foz do Iguaçu e de suas cidades gêmeas. Catta (2003) comenta que, antes da instalação da usina, as atividades econômicas iguaçuenses se baseavam na exploração de recursos naturais, tais como a erva-mate, a madeira, e das Cataratas do Iguaçu para o mercado do turismo. Contudo, a partir do início das obras da hidrelétrica, evidenciou-se um expressivo crescimento populacional no município, “enquanto a média das cidades paranaenses estava ao redor de 37 hab/ha, Foz possuía entre 75 e 125 hab/ha em 1975, primórdios da construção da usina” (CATTÀ, 2003, p. 42). Ainda nesse sentido, o autor menciona matéria publicada no jornal local ‘Nosso Tempo’, em 1981, que afirma que a população de Foz do Iguaçu aumentou de 20 mil para 110 mil em cinco anos. A Itaipu simbolizava, naquela época, o progresso, e com o apoio do discurso midiático incutiu nas pessoas a esperança de mudança de vida e prosperidade. Desse modo, milhares de trabalhadores oriundos de todas as partes do Brasil se dirigiram até a

fronteira, atraídos pela possibilidade de emprego na obra, principalmente como barrageiros, modificando a configuração espacial, econômica e cultural do município.

Em 1991, a última comporta é aberta e, nesse cenário, marcado pelo circuito sacoleiro (CARDIN, 2010) e pelo estabelecimento de imigrantes chineses, árabes e coreanos nos dois lados da fronteira, Itaipu continua colaborando para a construção da identidade multicultural e multilíngue da fronteira trinacional.

[...] observamos que nessa fronteira, as interrelações culturais, econômicas, sociais e políticas não poderiam ser senão de uma tal frequência e intensidade que, costumes, experiências, gostos, moeda e língua se intercambiavam e se misturavam, num hibridismo digno de uma mini Babel do século XXI. Ou, quem sabe, uma reedição tardia, talvez “uma caricatura da tradição moderna do século XXI”, num espaço de fronteira onde, de fato, a fronteira inexistente, onde tudo é possível, desde o transitar, até o engajar-se no mercado de trabalho, passando pelo usufruir e transmitir diversas culturas (CATTÁ, 2003, p. 30-31).

Dessa forma, podemos compreender que a Itaipu Binacional não representa apenas uma empresa binacional destaque mundial em geração de energia elétrica, mas também foi responsável por findar um desafio diplomático e geopolítico entre dois países vizinhos, e se configurou como um dos agentes responsáveis pelo desenvolvimento econômico, social e cultural da região da tríplice fronteira.

Para fins desse trabalho, o contexto histórico da empresa é relevante não apenas para justificar seu desenvolvimento, mas também para lançarmos o olhar, por meio dos procedimentos metodológicos adotados, às estratégias de gestão das línguas no que tange à visibilidade destas no espaço da binacional, buscando compreender seus usos como possíveis marcadores simbólicos no território.

3.2 Manutenção de Equipamentos Geradores – Setor de Geradores e Agregados (MEG-1)

Analisar a gestão de línguas de uma empresa da magnitude da Itaipu Binacional só seria possível, para fins de uma dissertação, se focássemos em apenas um setor. Como discutido na introdução, meu pai foi funcionário da empresa por 33 anos e, por vários destes, foi funcionário da MEG-1, motivo pelo qual a sugerimos para a Direção Técnica como ambiente de investigação.

A MEG-1, sigla para Manutenção de Equipamentos Geradores, setor de geradores e agregados, faz parte da Divisão de Manutenção de Equipamentos de

Geração (SMMG.DT). A divisão como um todo é responsável, entre outras atribuições, por planejar, programar, executar e controlar atividades de manutenção dos equipamentos e sistemas elétricos das Unidades Geradoras²⁰ e Serviços Auxiliares Elétricos da usina e subestações da Área Industrial.

Fazem parte da SMMG.DT três subdivisões, sendo a MEG-1 responsável por programar, executar e controlar as atividades de manutenções periódicas, aperiódicas e comissionamento dos equipamentos e sistemas elétricos dos geradores e seus agregados, da Área Industrial, destinados à geração e transmissão de energia. Como a descrição das funções do setor mostram, os funcionários possuem uma rotina de trabalho ativa e se envolvem na manutenção dos equipamentos de geração de energia elétrica. Contudo, às sextas-feiras, eles se reúnem em uma sala localizada na área, denominada Sala dos Técnicos, no Edifício da Produção situado na área industrial da empresa, para participar de uma reunião com o gerente do setor.

Figura 3 – Edifício da Produção na área industrial da Usina Hidrelétrica de Itaipu



Fonte: Kombi Maria Antônia (2019). Disponível em <https://www.facebook.com/kombimariaantonio>.

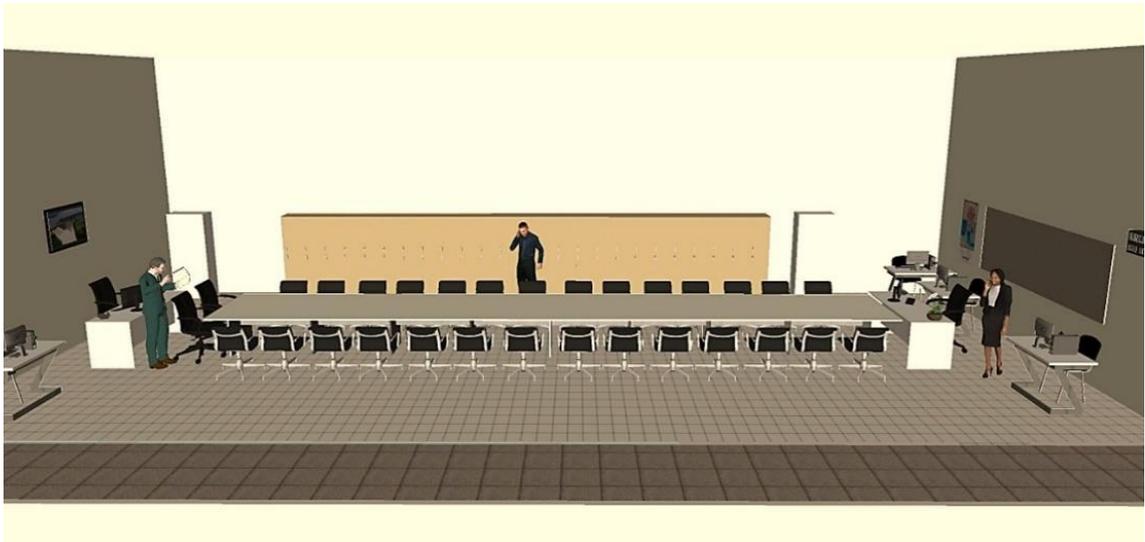
Em concordância com a Direção Técnica e com a gerência da SMMG.DT, acreditamos que as reuniões semanais seriam o momento adequado para obter os

²⁰ Uma unidade geradora é composta por um gerador, uma turbina e seus auxiliares destinados a geração de energia elétrica.

dados para a pesquisa, posto que estariam todos em um ambiente em que se espera a interação linguística dos participantes. Como é possível observar na figura 3, o Edifício da Produção e a área industrial da Itaipu se situam sob o Rio Paraná, na linha imaginária de fronteira entre o Brasil e o Paraguai. A partir da construção da usina, compreende-se que uma fronteira seca entre os dois países foi ali erguida, facilitando o trânsito dos empregados brasileiros e paraguaios no território da binacional e aumentando a interação e contato entre as línguas.

As reuniões da MEG-1 ocorrem às sextas-feiras, em torno das 7 horas e 30 minutos, horário brasileiro. e costumam acontecer pelo menos duas vezes ao mês, dependendo da disponibilidade do gerente do setor de conduzi-las. Como pesquisadora, fui espectadora das práticas linguísticas que se desenvolviam no ambiente de trabalho, tornando esse procedimento uma observação simples em que “se observa de maneira espontânea os fatos que aí ocorrem” (GIL, 2010, p. 101).

Figura 4 – Representação da sala de reuniões da MEG-1



Fonte: Elaborado por Sergio Antonino Bellino Roca (2019).

A sala representada na figura 4 é ampla, equipada com computadores, um quadro branco, uma televisão utilizada para exibir apresentações em *powerpoint*, armários, mesa e cadeiras. É possível notar, também, a presença de avisos em língua portuguesa e espanhola, e um pôster da Usina de Três Gargantas, em língua inglesa. O local é utilizado tanto para as reuniões semanais quanto para pesquisa e elaboração de relatórios por parte dos funcionários, descanso antes e após o

expediente e eventuais confraternizações. Em termos de localização espacial, a sala da MEG-1 está situada na margem direita do Rio Paraná, isto é, em território paraguaio. Essa informação se tornará relevante no momento da análise dos dados gerados.

3.3 Procedimentos da pesquisa: métodos de geração de dados

Compreendemos esta pesquisa como qualitativa de abordagem interpretativa, uma vez que o fenômeno foi investigado em seu cenário natural, coletando dados empíricos com o objetivo de entender a gestão de línguas a partir do contexto e da voz dos sujeitos pesquisados. Denzin e Lincoln (2006) afirmam que o pesquisador, como observador no mundo, constrói suas interpretações de modo a dar visibilidade às práticas nele existentes e, para tanto, utiliza-se de métodos, tais quais as notas de campo, entrevistas, fotografias e gravações. Em sua construção textual, o investigador trata de registrar as compreensões que obteve, especialmente após adotar a triangulação para aprofundar seu conhecimento sobre o fenômeno em questão.

No que se refere a abordagem adotada, esta pesquisa se caracteriza como um estudo de caso, pois se delimita à investigação da gestão de línguas de um determinado setor da usina de Itaipu: a MEG-1. Muito embora um dos objetivos traçados seja a análise das políticas linguísticas explícitas da empresa como um todo, este estudo visa compreender em profundidade a gestão de línguas do referido setor.

Para Torrance (2005), o estudo de caso é um estudo mais aprofundado, cujo foco é a “construção social do caso, seu local e natureza percebidas em ações sociais”. Além disso, o autor complementa afirmando que:

O estudo de caso pressupõe que a "realidade social" é criada através da interação social, embora situada em contextos e histórias particulares, e procura identificar e descrever antes de tentar analisar e teorizar. Assume-se que as coisas podem não ser como parecem e privilegia a investigação aprofundada sobre a cobertura: compreender "o caso" em vez de generalizar para uma população em geral²¹ (TORRANCE, 2005, p. 33, tradução nossa).

²¹ No original: *Case study assumes that 'social reality' is created through social interaction, albeit situated in particular contexts and histories, and seeks to identify and describe before trying to analyse and theorize. It assumes that things may not be as they seem and privileges in-depth inquiry over coverage: understanding 'the case' rather than generalizing to a population at large.*

Yin (2010) define o estudo de caso da seguinte maneira:

Uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo em profundidade e em seu contexto de vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não são claramente evidentes (YIN, 2010, p. 39)

Ainda no que diz respeito às definições do estudo de caso, Lüdke e André (1986) pontuam que, independentemente de o caso estudado ser simples, complexo ou abstrato, ele possui delimitações claras definidas no desenrolar do estudo. Para as autoras, as principais características dessa metodologia são: a busca do pesquisador pela descoberta, mantendo-se atento a todos os elementos que possam surgir durante a investigação; a interpretação dos dados, considerando o contexto em que o objeto se situa; e as múltiplas fontes de investigação que possibilitarão ao pesquisador realizar confirmação/rejeição de hipóteses, triangular dados e, ainda, levantar novas alternativas para o estudo.

Esse método de pesquisa costuma contar com múltiplas fontes de evidência, fazendo-se necessária a convergência dos dados de maneira triangular. Nesse sentido, a fim de cumprir com os objetivos delineados, propusemos primeiro uma análise das políticas linguísticas explícitas da binacional, para então, perceber, por meio de observação em campo, como são geridas as línguas nas práticas cotidianas dos funcionários em seu ambiente de trabalho, a MEG-1. Tais procedimentos auxiliaram na análise dos questionários aplicados junto aos funcionários do setor em questão.

Desse modo, os procedimentos metodológicos adotados para o desenvolvimento desta investigação foram os seguintes:

1. Análise documental;
2. Observação das interações e práticas linguísticas no ambiente de trabalho (MEG-1);
3. Aplicação de questionários junto aos funcionários do campo pesquisado.

3.3.1 Análise documental

Com o objetivo de depreender quais são as diretrizes acerca das línguas na Itaipu e compreender as estratégias de gestão de línguas adotadas pelo grupo pesquisado durante o expediente de trabalho, analisamos o conteúdo dos

documentos disponíveis na empresa, que orientam sobre o uso das línguas oficiais dos países que ela representa.

Segundo Gil (1989, p. 73), a pesquisa documental é desenvolvida a partir da exploração de fontes documentais que, muitas vezes, “não receberam qualquer tratamento analítico”, ou seja, não tiveram a necessidade de passar por um tratamento crítico e pormenorizado, como é o caso de documentos oficiais e administrativos. Outrossim, a análise documental em estudos de caso é imprescindível por “corroborar e aumentar a evidência de outras fontes” (YIN, 2010, p. 128), isto é, permitir a complementação de informações e dados obtidos por meio de outros instrumentos de coleta, bem como propiciar o surgimento de novos aspectos ao tema pesquisado (LÜDKE; ANDRÉ, 1986).

Nesse sentido, como fonte para a investigação, utilizamos documentos oficiais da Usina Hidrelétrica de Itaipu, fornecidos pela SMMG.DT, listados e descritos na Tabela 1:

Tabela 1 – Descrição dos documentos analisados

Ata do Iguaçu		22/06/1966	Também conhecida como Ata das Cataratas, este foi o primeiro documento assinado entre Brasil e Paraguai com o objetivo de aproveitar os recursos hidráulicos do Rio Paraná. A ata do Iguaçu foi feita em duas cópias, uma em língua portuguesa e outra em língua espanhola, e foi firmada na cidade de Foz do Iguaçu, pelos Ministros de Relações Exteriores dos então Estados Unidos do Brasil e da República do Paraguai.
Tratado de Itaipu e Anexo A		26/04/1973	Tem como objetivo firmar o aproveitamento hidrelétrico dos recursos hídricos do Rio Paraná com a construção da usina binacional de Itaipu. O Anexo A foi incorporado em 1986 e trata do regime jurídico-administrativo da empresa.
Regimento Interno		1994	Estabelece as normas gerais referentes à usina de Itaipu, como normas de funcionamento geral da empresa, informações sobre o regime de contratação de serviços e obras, aquisições e alienação de bens, e o regime contábil e financeiro da binacional.
Manual do Sistema de Sinalização	Subsistema Administrativo	03/12/2009	O Manual do Sistema de Sinalização do subsistema administrativo orienta, através de critérios gráficos e físicos, a sinalização da área administrativa da Itaipu, atendendo às necessidades de locomoção de funcionários, equipamentos e materiais.
	Subsistema de Segurança	03/12/2009	O subsistema de segurança da Itaipu Binacional tem por objetivo a prevenção de riscos e acidentes de trabalho, desse modo, o Manual do Sistema de Sinalização instrui em relação às

		placas-padrão de segurança e à instalação das mesmas para garantir que sejam adotadas ações adequadas às situações de risco.
	Subsistema Industrial	03/12/2009 A sinalização da área industrial da Itaipu é regida pelo Manual do Sistema de Sinalização – Subsistema Industrial. Este documento tem como objetivo informar, orientar e identificar todos os setores ou serviços na área industrial, fornecendo os subsídios necessários às gestões industriais quanto ao aspecto de racionalização e mensagens educativas.
	Instrução de Procedimento	201-? A Instrução de Procedimento, em específico o capítulo intitulado “Apresentação das Correspondências da Itaipu”, tem como finalidade regulamentar a apresentação das correspondências externas e internas da Itaipu.

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

A Ata do Iguaçu, o Tratado de Itaipu e seus anexos e o Regimento Interno estão disponíveis para consulta pública no *site*²² da empresa. No que se refere aos Manuais do Sistema de Sinalização e à Instrução de Procedimento, tratam-se de documentos internos de uso exclusivo dos funcionários, sendo assim, não compõem os anexos deste trabalho.

3.3.2 Observação das interações e práticas linguísticas no ambiente de trabalho (MEG-1)

Para Somekh (2005, p. 138), a observação em pesquisa social “implica estar presente em uma situação e registrar as impressões causadas pelo que acontece”. Com o intuito de observar as práticas linguísticas e descobrir quais estratégias são utilizadas pelos funcionários brasileiros e paraguaios, a fim de obter uma comunicação eficaz, realizei a observação das interações cotidianas dos funcionários, em reuniões semanais de trabalho no âmbito da MEG-1, e as registrei em diário de campo. Este último se trata de um instrumento de registro de dados que consiste em anotar os acontecimentos presentes em abordagens metodológicas observacionais, permitindo ao pesquisador relatar reflexões que podem surgir no momento da observação, contribuindo para o processo de investigação dos estudos qualitativos (ROESE *et al.*, 2006).

²² Os documentos oficiais da Itaipu Binacional podem ser encontrados no *site*: <https://www.itaipu.gov.br/institucional/documentos-oficiais>

O registro do diário de campo foi feito a partir de anotações escritas durante o processo de observação, em que foi relatada a dinâmica das reuniões assistidas, além de minhas impressões relacionadas às interações linguísticas entre os sujeitos e acontecimentos concernentes à pesquisa. A transcrição das observações na forma de diário de campo é essencial para análises posteriores do pesquisador, e se torna aliada na triangulação de dados

Ainda no que concerne as observações em campo, Gil (2010) afirma que o que torna a observação um método científico é o fato de servir a um objetivo formulado de pesquisa; ser sistematicamente planejada, registrada e ligada às proposições mais gerais; e ser submetida a verificação e controles de validade e precisão.

O método de análise adotado foi a observação não estruturada (SOMEKH, 2005), que consiste em tomar notas de atividades que foram previamente decididas com base nos objetivos da pesquisa e no que foi anteriormente coletado, nesse caso, os dados colhidos a partir da análise documental das diretrizes da empresa que regem as línguas. Além disso, as observações realizadas tiveram caráter não participante, ou seja, como pesquisadora, não me engajei nas atividades por eles realizadas, bastando-me apenas observar, de maneira mais neutra possível, suas interações cotidianas no momento das reuniões.

3.3.3 Aplicação de questionários

Ainda com o objetivo de olhar para a gestão de línguas da MEG-1 e para as práticas e atitudes linguísticas de seus funcionários, propusemos a aplicação de questionários aos funcionários brasileiros e paraguaios da MEG-1. Gil (2010) define questionário como:

[...] técnica de investigação composta por um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, temores, comportamento presente ou passado etc (GIL, 2010, p. 121).

Considerando que os sujeitos da pesquisa se encontravam em horário de trabalho, o questionário figurou como uma boa alternativa de geração de dados, pois poderia ser respondido no local que achassem mais oportuno. Este procedimento

garante também que as respostas sejam mais fidedignas, devido ao total anonimato, além de manter as respostas alheias de influências externas.

O questionário aplicado, composto por 12 questões e 6 asserções²³, foi construído tendo como base o modelo teórico de Spolsky (2004; 2009), compreendendo as políticas linguísticas como resultantes de práticas, atitudes e gestão de línguas. No que se refere às questões, foram separadas em dois grupos: informações pessoais (1-5) e políticas e práticas linguísticas da empresa (6-12). O primeiro grupo de perguntas foi desenvolvido com o objetivo de traçar o perfil dos respondentes, contemplando perguntas referentes ao local de nascimento, cidade de residência, tempo trabalhado na empresa e no setor pesquisado (MEG-1). A caracterização do sujeito se mostra pertinente para compreender, por exemplo, qual a relação de proximidade do respondente com as línguas da fronteira Brasil-Paraguai, com os colegas estrangeiros e com o ambiente de trabalho multilíngue. Nesse sentido, acreditamos que sua origem, tempo de trabalho na usina e no setor podem influenciar em como se dá a percepção em relação à gestão das línguas.

Quadro 1 - Perguntas 1 a 5 do questionário aplicado aos funcionários da MEG-1

<p>01- Em que país você nasceu? Brasil Paraguai Outro</p> <p>02- Qual sua cidade/ estado de origem? Cidade: _____ Estado: _____</p> <p>03- Em que cidade reside atualmente?</p> <p>04- Há quanto tempo trabalha na Itaipu?</p> <p>05- E nesse setor (MEG1)?</p>

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

O segundo grupo é composto por questões a respeito das políticas linguísticas da usina e das práticas linguísticas referentes ao cotidiano profissional dos sujeitos pesquisados, buscando coletar dados referentes às escolhas relativas

²³ Para Bortoni-Ricardo (2008, p. 53), não há levantamento de hipóteses na pesquisa qualitativa. Entretanto, é possível a construção de asserções, isto é, “enunciado[s] afirmativo[s] no qual o pesquisador antecipa os desvelamentos que a pesquisa irá trazer”, a fim de compreender as percepções dos respondentes acerca do tema tratado.

às línguas, feitas tanto por funcionários brasileiros quanto por paraguaios, a fim de correlacionar com as observações realizadas em campo.

Quadro 2 - Perguntas 6 a 12 do questionário de opção múltipla aplicado aos funcionários da MEG-1

<p>06- Quais são as línguas oficiais da usina?</p> <p>Português Espanhol / Castelhana Guarani</p> <p>07- Onde e como você vê, no seu dia a dia profissional, as línguas oficiais sendo utilizadas?</p> <p>Cartazes, placas, avisos Ofícios, memorandos Site, jornal, redes sociais vinculadas à usina Manuais de treinamento profissional Outros: _____</p> <p>08- Na sua opinião, qual a língua mais utilizada na Itaipu?</p> <p>Português Espanhol / Castelhana Guarani As línguas são utilizadas de maneira equivalente. Portunhol</p> <p>09- E no seu setor (MEG1)?</p> <p>10- Como se dá a comunicação entre brasileiros e paraguaios no seu setor?</p> <p>Através do uso do portunhol. O brasileiro fala em português e o paraguaio responde em espanhol e vice-versa. Cada um esforça-se em falar a língua do outro. Outra: _____</p> <p>11- Com que frequência a língua guarani é falada/ ouvida dentro de seu setor?</p> <p>Sempre Frequentemente Às vezes Raramente Nunca</p> <p>12- Se sua resposta à pergunta 11 for positiva (sempre/frequentemente), em que momentos a língua guarani é utilizada em seu setor?</p>
--

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

No que tange às 6 asserções que compõem o questionário, elas foram desenvolvidas buscando depreender as atitudes linguísticas dos funcionários em relação às línguas oficiais do Brasil e do Paraguai. Para tanto, utilizou-se como referência a Escala de *Likert* quando os respondentes deveriam demonstrar o grau de concordância ou discordância a respeito das asserções dadas. Desse modo, foi

possível depreender suas atitudes explícitas em relação às línguas. Foram selecionadas como possíveis respostas às seguintes opções: concordo totalmente; concordo em parte; não concordo nem discordo; discordo totalmente.

Uma vez que esta investigação tem como tema a gestão de línguas no ambiente de trabalho, preocupamo-nos em desenvolver asserções que correspondessem a apenas um dos componentes das atitudes linguísticas, a cognição, com vistas a gerar dados sobre os julgamentos explícitos dos participantes sobre tais línguas, seu uso e aprendizado. As asserções foram divididas em dois grupos: o primeiro (asserções 13-15) refere-se às atitudes em relação aos usos das línguas; e o segundo (asserções 16-18) trata da característica das línguas, a fim de avaliar as atitudes em torno da importância conferida às mesmas.

É importante mencionar que, para depreender as atitudes dos funcionários da MEG-1, outras técnicas poderiam ser utilizadas, como as já descritas no capítulo teórico. Entretanto, devido às atividades laborais dos sujeitos, concordamos com a Direção Técnica da usina que a aplicação de questionários seria a ferramenta mais apropriada para a geração de dados.

Quadro 3 - Asserções 13 a 18 do questionário de escala de Likert aplicado aos funcionários da MEG-1

Atenção: a partir da próxima questão, pense em seu ambiente de trabalho (MEG-1) e escolha **uma** alternativa para cada uma das afirmações.

13- O brasileiro precisa aprender espanhol.

Concordo totalmente
 Concordo em parte
 Nem concordo nem discordo
 Discordo totalmente

14- O brasileiro precisa aprender guarani.

Concordo totalmente
 Concordo em parte
 Nem concordo nem discordo
 Discordo totalmente

15- O paraguaio precisa aprender português.

Concordo totalmente
 Concordo em parte
 Nem concordo nem discordo
 Discordo totalmente

16- O português é a língua mais útil para meu setor (MEG-1).

Concordo totalmente
 Concordo em parte
 Nem concordo nem discordo
 Discordo totalmente

17- O espanhol é a língua mais útil para meu setor (MEG-1).

Concordo totalmente
 Concordo em parte
 Nem concordo nem discordo
 Discordo totalmente

18- O guarani é a língua mais útil para meu setor (MEG1).

Concordo totalmente
 Concordo em parte
 Nem concordo nem discordo
 Discordo totalmente

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

As asserções foram desenvolvidas de modo que os respondentes refletissem sobre seu local de trabalho e sobre seus colegas. Desse modo, quando o enunciado diz “o brasileiro” ou “o paraguaio”, refere-se ao funcionário da MEG-1 de tal nacionalidade.

O primeiro grupo buscou relacionar as atitudes dos funcionários voltadas à importância do aprendizado das línguas espanhola, guarani e portuguesa no âmbito da MEG-1. Em seguida, o segundo grupo de asserções procurou depreender, por meio do adjetivo “útil” as atitudes dos participantes no que se refere às características das línguas fronteiriças no local de trabalho.

3.4 O início: da Ouvidoria à Direção Técnica

O processo metodológico vai além da elaboração do projeto de pesquisa e do delineamento dos métodos e materiais adotados para a geração e análise dos dados. Há uma trajetória de contato com o local da pesquisa e de questões relativas à ética da investigação. Em se tratando da Itaipu Binacional, empresa considerada de segurança binacional, houve uma natural minúcia no aceite de nossa proposta.

Os trâmites iniciais se deram a partir de nosso contato via telefone e internet com a ouvidoria da Itaipu. Foi solicitado o protocolo do nosso projeto de pesquisa, com uma solicitação de autorização de realização da investigação assinada pela coordenação do Programa de Pós-Graduação Sociedade, Cultura e Fronteiras (Apêndice A). Esta última deveria apresentar, dentre outros itens, um roteiro de perguntas a serem realizadas nas possíveis entrevistas e questionários. Uma vez protocolada, esta documentação seria enviada para a Diretoria Técnica, que nos concederia, ou não, permissão para realizar a pesquisa nas dependências da usina. Todo o processo de contato com a ouvidoria, solicitação de autorização e *feedback* por parte da empresa foram etapas iniciadas em julho de 2018 e finalizadas em outubro do mesmo ano, com um parecer favorável da Diretoria Técnica.

Em 03 de outubro de 2018, fomos convocadas para uma reunião com a Diretoria Técnica brasileira. O encontro ocorreu no dia 15 de outubro de 2018 e foi liderado pelo Assistente do Diretor Técnico brasileiro. Estava também presente o gerente da SMMG.DT e a professora orientadora da pesquisa, Isis Ribeiro Berger. Tivemos a oportunidade de explicar os objetivos do estudo proposto e quais procedimentos de geração de dados seriam necessários para realizar a investigação. A princípio, cogitamos no projeto a realização de entrevistas com alguns funcionários brasileiros e paraguaios, entretanto, tanto o assistente do Diretor Técnico, quanto o gerente da SMMG.DT, nos informaram que, devido às atividades executadas pelos funcionários do departamento, que demandam serviço de

manutenção de equipamentos e geradores em campo, a adoção de entrevistas como procedimento metodológico poderia, de algum modo, tomar muito tempo do expediente dos trabalhadores. Ficou acordado, então, que o instrumento mais adequado seria a aplicação de questionários, visto que estes poderiam ser respondidos rapidamente, sem prejudicar a produtividade. Para as observações em campo, a sugestão foi de realizá-las nas reuniões semanais de uma das subdivisões da SMMG.DT, a já descrita MEG-1. Tais reuniões, coordenadas pelo gerente da subdivisão, Rodrigo²⁴, correspondem a um momento único da semana, quando os funcionários se reúnem por pelo menos uma hora com o objetivo de debater sobre as demandas do setor.

A partir do aceite da Itaipu Binacional, demos início ao processo junto ao Comitê de Ética em Pesquisas envolvendo Seres Humanos, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), em que os instrumentos de geração de dados foram aprovados sob o Parecer 3.053.940 e sob o Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) 3037318.9.0000.0107.

Outro aspecto digno de menção foi a limitação da pesquisa. Considerando a presença de brasileiros e paraguaios no ambiente de trabalho, nossa proposta inicial, descrita na seção anterior, era a de aplicar os questionários aos funcionários de ambas as nacionalidades, com vistas a colher dados referentes à percepção das políticas linguísticas e gestão de línguas das duas perspectivas, para tanto, um questionário em língua espanhola foi, inclusive, desenvolvido. Contudo, na mencionada reunião que tivemos em outubro de 2018 com o assistente da Direção Técnica, foi-nos alertado referente a possíveis dificuldades que poderíamos encontrar para desenvolver a pesquisa com os paraguaios. Segundo ele, por se tratar de funcionários de outro país, com outra equipe de Recursos Humanos e diretoria, poderiam surgir obstáculos. Não obstante, seguimos com a proposta de aplicar os questionários para ambas as nacionalidades passando pelo crivo do Comitê de Ética.

Em fevereiro de 2019, quando as observações se encaminhavam para o final e a aplicação dos questionários estava perto de acontecer, fui informada pelo gerente da SMMG.DT que não nos foi concedido o aval para aplicar os questionários

²⁴ Os nomes dos sujeitos da pesquisa foram modificados a fim de salvaguardar suas identidades.

junto aos funcionários de origem paraguaia. Para ele, o impedimento se deu em decorrência de problemas internos. Descrevo a situação em diário de campo:

Nesse momento ele [gerente da SMMG.DT] me avisa que, em conversa com o assistente do Diretor Técnico, ficou vedada a participação dos funcionários paraguaios na pesquisa, pelo menos na aplicação dos questionários, devido a problemas internos. Fiquei bem chateada na hora, pois contava muito com essas respostas, principalmente dos paraguaios (Diário de campo, 8 de fevereiro de 2019).

Este momento é descrito com certo sentimento de quebra de expectativas, visto que seria cientificamente muito significativo obter as respostas tanto dos brasileiros quanto dos paraguaios, a fim de fazer uma comparação com a maneira que estes funcionários percebem as línguas em uso no seu local de trabalho. Para Latour (2016), nas humanidades científicas, que entendemos como a pesquisa social qualitativa, existe a noção de desvio, ou seja, um contorno que acaba por modificar o objetivo inicial da investigação de algum modo. Flick (2009) ressalta que encontrar dificuldades no acesso ao campo e na aplicação dos métodos de coleta de dados em pesquisa qualitativa costuma ser uma questão mais crucial do que nas pesquisas de caráter quantitativo, isso porque o pesquisador busca um contato com seu sujeito e objeto do modo mais próximo possível, contudo, a praticabilidade cotidiana nem sempre é favorável aos procedimentos planejados pelo investigador, porque, em muitos casos, exige mais que o esperado dos sujeitos envolvidos. Nesse sentido, apesar de não ter sido possível aplicar os questionários com os paraguaios lotados na MEG-1, encaramos esse obstáculo como dado e estreitamos o olhar nas percepções que os brasileiros possuem em relação às línguas.

4 A GESTÃO DE LÍNGUAS NA ITAIPU BINACIONAL

Este capítulo busca analisar a gestão de línguas na Itaipu Binacional e, em específico, no setor de trabalho MEG-1. Na primeira seção, apresentamos e analisamos a documentação oficial da Usina Hidrelétrica, de modo a depreender o que seu conteúdo orienta em relação aos usos das línguas na empresa como um todo. A segunda seção se destina aos dados gerados durante as observações em campo, com o objetivo de responder às perguntas de pesquisa e fazendo correlação com a análise documental. Na terceira seção, apresentamos os dados obtidos por meio dos questionários aplicados aos funcionários brasileiros da MEG-1 e descrevemos o perfil dos sujeitos e suas atitudes explícitas em relação às línguas portuguesa, espanhola e guarani no ambiente de trabalho.

4.1 As políticas linguísticas explícitas na Itaipu Binacional

Com a finalidade de depreender quais são as diretrizes que orientam as línguas na Itaipu Binacional e compreender as práticas linguísticas adotadas pelo grupo pesquisado, desenvolvemos uma pesquisa documental em fontes oficiais da empresa (Tabela 1). Lüdke e André (1986) alertam que a escolha da documentação utilizada neste tipo de análise não é feita de modo aleatório, pois ao pesquisador cabe a seleção do material de acordo com seu propósito de investigação. Desse modo, os documentos aqui analisados correspondem a diretrizes que explicitamente regem as línguas na usina, bem como a registros de importância histórica que possivelmente influenciaram na redação de documentos posteriores, no que diz respeito à escolha linguística.

Iniciamos a análise, cronologicamente, com a Ata do Iguaçu. Este documento precede a construção da usina e, em verdade, trata-se do primeiro documento assinado pelo Brasil e pelo Paraguai demonstrando interesse em explorar os recursos hídricos do rio Paraná. Conhecida também como Ata das Cataratas, foi assinada em 22 de junho de 1966 e estabelece que, se porventura existisse produção de energia no trecho pertencente aos dois países, esta deveria ser dividida em partes iguais entre eles. Este é um documento de grande importância para ambos os países, por conta das já mencionadas divergências territoriais em relação a soberania da região e dos limites de fronteira. Espósito Neto (2012, p. 142) afirma

que a assinatura de tal ata, reconhecendo “o condomínio das águas do Rio Paraná foi certamente uma vitória paraguaia, pois a posição brasileira anterior reconhecia o Salto das Sete Quedas integralmente em território brasileiro”.

É oportuno frisar que, mesmo a Ata do Iguaçu não sendo um documento que oriente especificamente sobre línguas, consideramos importante incluí-la nesta análise, de modo a observar, cronologicamente, como as documentações oficiais entre Brasil e Paraguai, relacionadas com a região na qual está a hidrelétrica, encaravam as línguas de cada país. Nesse sentido, destacamos o seguinte registro:

A presente Ata, feita em duas cópias nos idiomas português e espanhol, depois de lida e aprovada, foi firmada em Foz do Iguaçu, pelos Ministros das Relações Exteriores dos Estados Unidos do Brasil e da República do Paraguai, em vinte e dois de junho de mil novecentos e sessenta e seis (ATA DO IGUAÇU, 1966).

Observa-se do excerto que a redação da Ata foi feita tanto em língua portuguesa quanto na língua espanhola, indo ao encontro das políticas linguísticas explícitas paraguaias da época, que colocavam em evidência o espanhol como única língua oficial.

Após sete anos, Brasil e Paraguai assinam o Tratado de Itaipu, resolvendo a disputa territorial e fronteiriça por inundar a área em litígio e criar uma área binacional de proteção ambiental (ESPÓSITO NETO, 2012). Similarmente à Ata do Iguaçu, este documento foi redigido em português e espanhol e seu principal objeto é o aproveitamento dos recursos hídricos do rio Paraná e a criação da Itaipu. No que se refere ao gerenciamento das línguas no âmbito da empresa, o parágrafo segundo do Artigo IV rege que “as atas, resoluções, relatórios ou outros documentos oficiais dos órgãos de administração da ITAIPU serão redigidos nos idiomas português e espanhol” (ITAIPU BINACIONAL, 1973). Assim, compreende-se que esta é a primeira política linguística explícita da Itaipu Binacional e que ela orienta o uso das línguas no âmbito administrativo.

Em 1986, adiciona-se ao Tratado de Itaipu o Anexo A, ou seja, o documento que trata do regime jurídico-administrativo da binacional. O Artigo 8º estabelece a composição do Conselho de Administração da empresa e o parágrafo terceiro reforça as orientações do Tratado a respeito das línguas que devem ser utilizadas na documentação administrativa:

Parágrafo 3º - O Conselho nomeará dois Secretários, um brasileiro e outro paraguaio, que terão a seu cargo, entre outras atribuições, a de certificar os documentos da ITAIPU em português e em espanhol, respectivamente (ITAIPU BINACIONAL, 1986).

O Tratado de Itaipu está inserido no contexto político linguístico paraguaio de promoção da língua guarani como língua nacional. Como já descrito no capítulo 2, a Constituição de 1967 elevou o *status* desta língua indígena para nacional, como descreve o artigo 5º: “os idiomas nacionais da República são o espanhol e o guarani. Será de uso oficial o espanhol” (PARAGUAY, 1967)²⁵. Assim, muito embora a política nacionalista do governo Stroessner tenha sido favorável para a vitalidade do guarani, a língua de instrução e de representações governamentais continuou sendo o espanhol (GYNAN, 2007).

Na década de 1990, aprova-se o Regimento Interno da Itaipu, especificamente em 1994. O documento contém as definições gerais referentes à entidade, seus órgãos e as respectivas normas de funcionamento. Além disso, estabelece o regime de contratação de serviços e obras, aquisições e alienação de bens, assim como o regime contábil e financeiro da Itaipu. Este documento dispõe de um capítulo específico com o fim de oficializar as línguas no âmbito da usina. Trata-se do Capítulo III – Dos Idiomas:

Art. 7º - IDIOMAS. São idiomas oficiais da ITAIPU o português e o castelhano.

Parágrafo 1º - As atas, decisões, resoluções, relatórios anuais e outros documentos oficiais dos órgãos de administração do mais alto nível da ITAIPU serão redigidos em português e em castelhano.

Parágrafo 2º - A correspondência, dirigida pela ITAIPU a autoridades ou pessoas brasileiras e a autoridades ou pessoas paraguaias, será redigida, respectivamente, em português ou em castelhano.

Parágrafo 3º - A correspondência, dirigida pela ITAIPU a pessoas de língua portuguesa ou castelhana, será redigida, respectivamente, em português ou em castelhano.

Parágrafo 4º - A correspondência, dirigida pela ITAIPU a pessoas de outros países, será redigida em inglês (ITAIPU BINACIONAL, 1994).

O referido capítulo é encontrado no Título Primeiro – Disposições Gerais, e contempla tão somente o artigo sétimo. Dividido em quatro parágrafos, este artigo explicita que as línguas portuguesa e castelhana correspondem às línguas oficiais da empresa e norteia seus usos na comunicação escrita, tanto interna em atas, decisões e relatórios, quanto externa. O parágrafo quarto orienta, ainda, que em

²⁵ No original: *los idiomas nacionales de la República son el español y el guaraní. Será de uso oficial el español.*

caso de correspondência para países não falantes de português e castelhano, a língua adotada deverá ser o inglês.

Com o fim da ditadura Stroessner e um período conturbado na política paraguaia, o bilinguismo é encarado como símbolo de identidade nacional no país (GYNAN, 2007). A Constituição de 1992 torna o guarani a língua oficial do Paraguai, com o espanhol, e a Reforma Educativa do mesmo ano “abandona a condição marginal do guarani para inseri-lo como matéria de estudo e língua de instrução” (FIAMENGUI, 2017, p. 41). Entretanto, Gynan (2007) explica que, mesmo com o *status* de língua oficial e falada por 3.6 milhões de pessoas, o guarani não é usado como meio principal de comunicação escrita oficial como, por exemplo, em documentos oriundos do governo. Sua oficialidade ainda é limitada ao teor nacionalista que carrega. Desse modo, é compreensível que Itaipu tenha adotado em sua política linguística o espanhol como a língua paraguaia oficial da empresa, mesmo a partir da oficialização do guarani na Constituição de 1992.

A inserção do inglês na PL da Itaipu, como instrumento de comunicação escrita com destinatários estrangeiros, reflete o valor desta língua no mercado linguístico como internacional e de importância marcante em setores econômicos (DAY, 2013). É válido ressaltar que todas as línguas possuem um determinado valor na sociedade, entretanto, este é atribuído por meio das relações de poder que variam de acordo com o contexto em que se situam as línguas e do prestígio a elas atribuído pelos falantes e comunidades. Em situações de contato entre idiomas, como ocorre no contexto fronteiro da Itaipu, a importância atribuída às línguas varia conforme as percepções dos indivíduos e das relações de força existentes entre os grupos de falantes (DAY, 2013). Ao eleger as línguas portuguesa e espanhola como oficiais, a empresa eleva o valor destas e, por conseguinte, acaba por atribuir o *status* de minoritária a outras em circulação local, como o guarani. Tais decisões sobre as línguas podem, de certo modo, influenciar na percepção que os funcionários têm a respeito das práticas linguísticas empresariais e em seu próprio repertório.

O próximo documento analisado é o Manual do Sistema de Sinalização, aprovado no final da década de 2000. Com o objetivo de fornecer as informações necessárias relativas aos elementos gráficos e físicos de placas e outros meios de sinalização, o manual possui três versões que correspondem aos Subsistemas

Administrativo, Industrial e de Segurança. Ressalta-se que em todas as versões há um capítulo intitulado “Critério para uso dos Idiomas”.

O Manual do Sistema de Sinalização – Subsistema Administrativo, compreende as normas básicas de sinalização e placas que identificam os setores e serviços da área administrativa da Itaipu, a fim de orientar seus funcionários. O capítulo 2 normatiza o uso das línguas na sinalização, considerando o local no qual está a empresa, observando a linha de fronteira. Vale ressaltar que é possível perceber vários marcadores dos limites fronteiriços nas dependências da usina, como exemplificamos nas Figuras 5 e 6 a seguir:

Figura 5 - Limite entre Brasil e Paraguai no alto da barragem de Itaipu



Fonte: Disponível em <https://paranashop.com.br/2018/12/presidentes-do-brasil-e-do-paraguai-dao-a-largada-para-construcao-de-pontes-financiadas-por-itaipu/>. Acesso em 25/11/2019.

Figura 6 – Limite entre Brasil e Paraguai no Edifício de Produção



Fonte: Blog Vida de Turista (2019). Disponível em <https://www.vidadeturista.com/artigos/usina-hidreletrica-de-itaipu-foz-do-iguacu-pr.html>. Acesso 25/11/2019.

Na Figura 5, é possível observar no alto da barragem, em amarelo, a divisa entre o Brasil (à esquerda) e o Paraguai (à direita). Já na Figura 6, o marcador fronteiro está localizado dentro do Edifício de Produção, com vista para a Sala de Supervisão e Controle Central, um local muito conhecido pelos turistas que visitam Itaipu. As demarcações territoriais e de limite fronteiro são encontradas ainda em outros locais na usina, geralmente representados por faixas amarelas como as das fotos acima. Entretanto, outra maneira de delimitar o espaço é por meio do uso das línguas na paisagem linguística. Por isso, considerando a fronteira seca construída sob o rio Paraná, o Manual do Sistema de Sinalização orienta o posicionamento das placas e sinais, tendo em vista o território da binacional no qual estão situadas.

A primeira orientação do Manual do Sistema de Sinalização – Subsistema Administrativo é em relação às placas monolíngues.

2. Subsistema Administrativo / Critério para uso dos Idiomas / Monolíngue

Nos casos onde as mensagens do sistema de sinalização ocorrerem somente em uma língua, deve ser obedecida a seguinte regra:

MD (Paraguay) - espanhol

ME (Brasil) – português (ITAIPU BINACIONAL, 2009).

Tal como apresentado no manual, se a sinalização estiver localizada em território paraguaio, deve-se adotar a língua espanhola. Em contrapartida, se estiver posicionada no Brasil, utiliza-se o português. É comum em documentos da usina o uso dos termos MD e ME para fazer referência aos territórios paraguaios e brasileiros, respectivamente, que significam margem direita e margem esquerda, dizendo respeito à posição dos países em relação ao fluxo do Rio Paraná.

Em seguida, o manual indica os critérios que deverão ser adotados em sinalização bilíngue, mais uma vez, dependendo do lado da fronteira em que esta se insere.

2. Subsistema Administrativo / Critério para uso dos Idiomas / Bilíngue. Instruções para aplicação de descrição no vernáculo e descrição no estrangeiro. Nos casos onde for definido o uso de mensagens Bilíngues, deve ser obedecida a seguinte regra: Na margem direita (Paraguay) destacar a língua espanhola na fonte maior e colocar a língua portuguesa na linha inferior, na fonte menor; Na margem esquerda (Brasil), destacar a língua portuguesa na fonte maior e colocar a língua espanhola na linha inferior, na fonte menor.

As placas bilíngues localizadas no Paraguai devem ter em destaque a língua espanhola e, logo abaixo, a língua portuguesa em uma fonte de menor tamanho. No

que se refere à sinalização da margem esquerda, deve-se evidenciar a língua portuguesa, deixando o espanhol em uma fonte menor.

As regras para placas bilíngues são as mesmas para o Subsistema de Segurança e Industrial. Entretanto, o Manual do Subsistema Industrial não dispõe de normas para sinalização monolíngue. A aplicação desta política linguística é facilmente percebida dentro da Itaipu e exemplificamos com registros feitos durante a observação em campo.

Figura 7 - Foto de uma placa situada na MD



Fonte: Arquivo de observação em campo.

Figura 8 - Foto de uma placa localizada na ME



Fonte: Arquivo de observação em campo.

A Figura 7 está situada em uma porta na Sala dos Técnicos, onde se reúnem os funcionários da MEG-1. Este ambiente se localiza na margem direita, isto é, em território paraguaio. Cumprindo com as orientações das PL do Manual do Sistema de Sinalização, a placa evidencia em fonte maior a língua espanhola. De modo similar, a Figura 8 cumpre as diretrizes da empresa e, por estar situada na margem esquerda, isto é, no lado brasileiro da binacional, evidencia a língua portuguesa em tamanho maior de fonte, enquanto a língua espanhola é registrada uma linha abaixo, em fonte menor.

Em conformidade com Berger (2015), compreendemos que os territórios podem ser demarcados a partir de diferentes esferas e perspectivas e, assim como as faixas podem simbolizar os limites geográficos, políticos e jurídicos de dado espaço, o uso das línguas também tem essa função. A orientação do Manual do Sistema de Sinalização de evidenciar as línguas na sinalização dependendo da sua

localização na usina é um exemplo disso, colocando no campo de visibilidade dos funcionários e de quem mais usufrui deste espaço um marcador simbólico do poder e dos *status* das línguas em cada território.

A análise documental é encerrada com a Instrução de Procedimento – Apresentação das Correspondências da Itaipu. Este documento apresenta as normas para a redação de correspondências externas e internas no âmbito da empresa.

- 8.2 Quanto ao idioma, a correspondência externa dirigida pela ITAIPU a
- 8.2.1 Pessoas ou entidades brasileiras e a autoridades ou pessoas ou entidades paraguaias, será redigida, respectivamente, em português ou em castelhano;
- 8.2.2 Pessoas ou entidades de países de língua portuguesa ou castelhana, será redigida, respectivamente, em português ou em castelhano; e
- 8.2.3 Pessoas ou entidades de outros países, será redigida em inglês (ITAIPU BINACIONAL, 201-?).

O oitavo capítulo, intitulado “Procedimento para a apresentação das correspondências externas”, corrobora o já citado Artigo 7º do Regimento Interno, no que diz respeito a quais línguas devem ser utilizadas na redação de comunicações escritas.

A partir desta análise, é possível tecer algumas considerações. Nota-se que, a documentação oficial da Itaipu, bem como os acordos históricos entre os países referentes ao aproveitamento hidrelétrico do Rio Paraná, foram redigidos nas línguas portuguesa e espanhola, seguindo as políticas linguísticas de ambos os países, desde os anos 1960 e, no caso das línguas paraguaias, mantendo o espanhol como a língua “de instrução”. As PL da empresa foram claras em oficializar tais línguas e em orientar seu uso no tocante à comunicação escrita interna e externa, instruindo também o uso do inglês para correspondência com países não falantes de espanhol e português, possivelmente em razão de seu *status* de língua franca e de uso internacional. No que concerne à disposição das línguas em placas e sinalizações no espaço da binacional, observou-se uma gestão *top-down* da paisagem linguística, isto é, por meio do Manual do Sistema de Sinalização, a Itaipu orienta a exposição de suas línguas oficiais nas áreas administrativas, industriais e de segurança, demarcando também o território.

Segundo a nossa análise, foi possível constatar que as línguas portuguesa e espanhola correspondem às línguas majoritárias em razão do poder concedido a elas pelas políticas linguísticas empresariais e dos países que Itaipu representa, ao

passo que a língua guarani ocupa um espaço de língua minoritária, pois não é descrita em nenhuma diretriz oficial da Itaipu e por outros aspectos que serão abordados nas próximas seções. Além disso, o valor mercadológico desta língua paraguaia é, de certo modo, menor em relação às outras duas línguas, por não compor a paisagem linguística da hidrelétrica.

Shohamy (2006) esclarece que existem inúmeros casos em que a política linguística explícita existe, entretanto, na prática, os falantes adotam outras políticas de facto. Compreendida a gestão *in vitro* das línguas pela Itaipu Binacional, seguimos na próxima seção com a análise da gestão *in vivo*, ou seja, das práticas linguísticas cotidianas dos funcionários da MEG-1.

4.2A gestão de línguas nas práticas cotidianas da MEG-1

As observações em campo tiveram início em 19 de outubro de 2018 e foram finalizadas em 29 de março de 2019. Foi acordado previamente com a equipe da SMMG.DT e da MEG-1 que seriam assistidas dez reuniões de trabalho. Richardson (2002) esclarece que, em uma observação não participante, o pesquisador tem papel de espectador atento e entre observador e o observado é fundamental um relacionamento de confiança. Para que isso ocorra, faz-se necessário explicar os objetivos da investigação.

Nos dirigimos até a sala de reuniões e lá encontrei cerca de 20 funcionários sentados em volta de uma mesa estilo conferência, aguardando o início das atividades. Sentei próximo à porta e Rodrigo iniciou as apresentações, falou brevemente sobre mim, falou sobre minha pesquisa de mestrado e anunciou que o tema era a interação das línguas espanhola e portuguesa, mencionando o ambiente de trabalho em que eles estão inseridos e a fronteira. Logo em seguida, um funcionário paraguaio diz como se estivesse completando a fala de Rodrigo "...e o guarani" (Registro de diário de campo, 19/10/2018).

Como o excerto do diário de campo evidencia, o gerente do setor encarregou-se de explicar aos funcionários meu papel como pesquisadora. Entretanto, ao falar sobre o tema da pesquisa, acabou esquecendo de mencionar uma das línguas paraguaias, o que não passou despercebido por um dos funcionários, falante de tal idioma.

Em todas as reuniões observadas, um funcionário diferente apresentou *slides* aos demais presentes, sobre um tema referente às atividades do setor. Na primeira reunião, um funcionário brasileiro expôs, durante aproximadamente 20 minutos,

sobre drenagem atmosférica da água. Durante sua fala, os outros funcionários se mantiveram focados, não havendo registro de comentários paralelos. Ressalta-se a presença de elementos culturais no ambiente, como o chimarrão e o tererê²⁶ que, percebo ao longo do processo de observação, ser hábito de alguns.

Feita a exposição, o debate é aberto. Raramente os funcionários manifestam algum comentário e, quando isso ocorre, é por parte de três funcionários mais velhos – todos brasileiros, por isso, feitos em língua portuguesa. Em seguida, inicia-se a fala do gerente da MEG-1, Rodrigo. Os assuntos geralmente são referentes às demandas do setor, recados da gerência da SMMG.DT para os funcionários, e orientações quanto ao uso de equipamentos. Rodrigo é brasileiro e não fala espanhol, toda a reunião é conduzida em língua portuguesa.

A gestão de línguas em um ambiente de trabalho pode ter o objetivo de resolver quaisquer possíveis problemas de comunicação entre os participantes do domínio. Para Spolsky (2009), as soluções dadas podem variar desde instaurar regras locais que direcionam a prática desejada, treinar os funcionários para se adequar a determinada estratégia ou, ainda, contratar pessoal com fluência em uma língua franca. As motivações para a escolha de uma estratégia de gestão do multilinguismo são geralmente comerciais, visando proporcionar eficiência de comunicação nos setores e com os clientes. No caso da MEG-1, as atividades laborais não envolvem contato com consumidores, reservando as práticas linguísticas apenas aos funcionários. Uma gestão de línguas neste contexto figura como apropriada para tornar eficiente a comunicação entre os trabalhadores e as atividades realizadas em grupos.

A presença em campo permitiu observar que a estratégia adotada pelos brasileiros e paraguaios da MEG-1, para se comunicarem com êxito, é a intercompreensão de línguas próximas:

González inicia a apresentação, os slides são em língua espanhola, bem como o repertório oral utilizado pelo funcionário. Ao finalizar sua apresentação, o momento de debate é aberto e o último slide contém a frase “*Preguntas???*”.

O colega brasileiro João, um dos funcionários mais antigos do setor, abre o debate com um comentário em português, a partir daí, vários colegas dão suas opiniões

²⁶ O tererê é uma bebida típica paraguaia, feita de erva-mate e água gelada, costumeiramente servida em uma guampa. Por sua vez, o chimarrão corresponde a cultura do sul do Brasil, principalmente no estado do Rio Grande do Sul, e é feita de erva-mate e água quente, servida em uma cuia. Ambas são bebidas coletivas, isto é, apreciadas em um grupo de pessoas. Entretanto, em nossa observação, foram raras as vezes em que as bebidas foram compartilhadas, possivelmente por se tratar de um contexto de trabalho e não de lazer.

simultaneamente, posso perceber as duas línguas: o espanhol e o português (Registro de diário de campo, 30/11/2018).

A reunião se inicia com a apresentação de Juan, paraguaio, cujo tema apresentado – em espanhol – foi *sistema de frenado y levantamiento*. Todos os slides foram escritos nesta língua e não houve interrupções por parte dos outros funcionários, que se mantiveram atentos, prestando muita atenção à fala do colega. Os slides possuíam as seguintes frases: *accionamiento del frenado; condiciones para la actuación automática; actuación manual de freno; condiciones para la actuación manual; actuación manual del levantamiento* e, no slide de encerramento, a frase “*Muchas gracias por la atención*”. Juan abre para perguntas e sugestões. O primeiro a questionar sobre o tema discutido foi Gonzalez, em espanhol, seguido da réplica de Juan, que gerou comentários de Pedro e João, brasileiros, em língua portuguesa (Registro de diário de campo, 25/01/2019).

Nos excertos acima, descrevo, primeiro, uma das reuniões realizadas em novembro de 2018, em que um funcionário paraguaio, González, apresentou seu tema aos colegas, em língua espanhola. O segundo excerto corresponde a observação realizada no mês de janeiro de 2019, também com apresentação feita por um paraguaio, desta vez Juan. Exemplifico em ambos os registros de diário de campo que, não somente as práticas orais são realizadas na língua do funcionário, mas também a escrita dos slides. A partir da abertura do debate acerca do tema exposto, os presentes interagem cada um em sua língua românica, não havendo sinais de problemas de comunicação entre eles.

Deransart, Sesma e Thomas (2017) realizaram uma pesquisa no âmbito do PREFIC – Projeto da Rede Europeia de Formação à Intercompreensão, com o objetivo de implementar a IC nas práticas linguísticas orais de funcionários da rede CDM²⁷. A rede, que possui mais de vinte anos de funcionamento, está estabelecida em cerca de dez países, contemplando equipes falantes de idiomas românicos: espanhol, francês, italiano e português. As autoras relatam que no início de suas atividades, apenas os funcionários com cargo de liderança se reuniam com equipes de outros países, adotando como estratégia de comunicação a língua inglesa. Entretanto, conforme as CDMs foram se estabelecendo pela Europa, tornou-se necessário aumentar a cooperação entre os funcionários, não apenas os líderes, levando à problemas de comunicação devido ao repertório plurilíngue dos colaboradores e ao obstáculo financeiro, que seria realizar traduções para todas as línguas envolvidas. Desse modo, as autoras propuseram no âmbito do PREFIC a adoção da IC como estratégia de gestão de línguas em um evento de trabalho anual que costuma reunir centenas de funcionários da rede:

²⁷ CDM, em francês, significa *Cité des Métiers* e realiza um trabalho de aconselhamento ao público no que se refere à negócios e orientação profissional em vários países europeus.

A equidade linguística veiculada pela IC ecoa os valores de reciprocidade e solidariedade veiculados pela rede. Parte de uma ideia simples: não é necessário conhecer uma língua para entendê-la, mas a IC implica um esforço recíproco para entender e ser compreendido (DERANSART; SESMA; THOMAS, 2017, p. 201, tradução nossa²⁸).

Percebendo as características colaborativas da rede, as autoras apostaram no sucesso da IC na gestão do plurilinguismo das CDMs, por se tratar de uma competência coletiva que implica no compartilhamento entre o falante e o receptor da mensagem. No que se refere aos funcionários, estes responderam positivamente ao uso da IC:

[...] em espanhol, posso dar uma explicação mais detalhada do meu projeto e explicá-lo muito melhor para que os outros entendam ... se eu fizer isso em inglês, penso mais em como dizer as coisas ... penso mais e esqueço as pessoas que me ouvem, então eu prefiro fazer em espanhol” (Conselheiro CDM, Espanha) (DERENSART; SESMA; THOMAS, 2017, p. 203, tradução nossa²⁹).

Ainda outros empregados relataram que “ela [a IC] me permitiu participar muito mais ativamente nos workshops, porque no ano passado, por exemplo, em Genebra, eu não entendi nada” (DERENSART; SESMA; THOMAS, 2017, p. 203, tradução nossa³⁰). Quanto à intercompreensão na MEG-1, ao contrário das CDMs, compreendemos que não foi uma estratégia de gestão *in vitro*, isto é, decidida pela empresa, por pesquisadores ou por alguém que represente algum tipo de poder sobre os funcionários. Possivelmente, foi uma estratégia adotada pelos participantes do domínio, de maneira passiva, e parece ser bem quista pelos gestores do setor:

[...] perguntei a ele [o gerente Rodrigo] se havia algum registro de comunicação escrita, ele afirmou que sim, no setor há atividades que envolve a comunicação escrita pelos funcionários. Perguntei como que funciona, se é da mesma maneira que eu estava observando: um fala em português e o outro responde em espanhol. Ele concordou, disse que por vezes o relatório começa a ser escrito por um brasileiro, em português e depois termina por um paraguaio, em espanhol, desse modo o registro é feito nas duas línguas, no mesmo documento. Começa o texto em uma língua e termina em outra (Registro de diário de campo, 22/11/2018).

²⁸ No original: *L'équité linguistique véhiculée par l'IC fait écho aux valeurs de réciprocité et de solidarité portées par le réseau. Elle part d'une idée simple: il n'est pas nécessaire de connaître une langue pour la comprendre mais l'IC implique une réciprocité des efforts pour comprendre et se faire comprendre.*

²⁹ No original: *[...]en espagnol, je peux donner une explication plus exhaustive de mon projet et l'expliquer beaucoup mieux pour que les autres comprennent...si je la fais en anglais, je pense plus a comment dire les choses...je réfléchis plus et j'oublie les gens qui m'ecoutent, donc je prefere la faire en espagnol.*

³⁰ No original: *[...] elle [l'IC] m'a permis de participer de maniere beaucoup plus active dans les ateliers, parce que l'annee derniere par exemple, a Geneve, je ne comprenais rien...*

O trecho do diário de campo revela que a gerência da MEG-1 tem ciência da forma como as línguas são geridas no ambiente de trabalho, mencionando que o uso da intercompreensão é feito até mesmo na escrita de relatórios profissionais, sem danos na comunicação entre quem o está escrevendo – mais de uma pessoa, segundo o que foi dito – e quem recebe a mensagem no departamento.

A paisagem linguística da sala de reuniões nos revela, também, as ações de gestão de línguas na MEG-1. Na seção anterior, analisamos as PL explícitas da Itaipu como um todo e observamos que o Manual do Sistema de Sinalização é responsável por orientar a disposição visual das línguas em placas e sinais que se encarregam de informar os funcionários, além de servir como marcador simbólico do poder e do *status* das línguas no local em que estão inseridas (SHOHAMY, 2006). Isto posto, compreendemos, também a partir de Shohamy (2006), que a escolha das línguas em exibição possui um valor simbólico para o local e para quem o frequenta. Exemplificamos: se a sinalização está nas línguas portuguesa e espanhola, é possível inferir que esteja informando a respeito da presença de falantes de tais línguas naquele espaço. Ainda, se há um grupo expressivo falante de uma língua minoritária em dada região e a sinalização local não a visibiliza, sugere-se que o agente responsável pela gestão desta paisagem tenha ignorado a presença da referida comunidade. No caso das placas em inglês, língua com elevado prestígio no mercado linguístico, é possível compreender que há uma tentativa de expressar valores simbólicos de internacionalização, de poder e globalização (SILVA; PIRES-SANTOS; JUNG, 2016).

As Figuras 9, 10 e 11 a seguir foram registradas durante as observações em campo e exemplificam de que modo a gestão do multilinguismo se dá na paisagem linguística do setor, dentro da sala de reuniões, e quais línguas possuem visibilidade.

Figura 9 - Lixeiro da sala da MEG-1



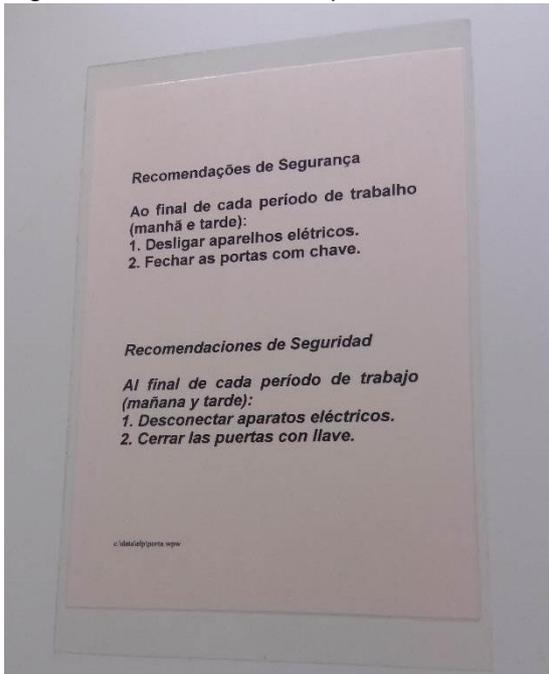
Fonte: Registro de observação em campo.

Figura 10 - Pôster da Usina Hidrelétrica de Três Gargantas



Fonte: Registro de observação em campo.

Figura 11. Aviso colado na porta da sala da MEG-1



Fonte: Registro de observação em campo.

Na figura 9, pode-se observar dois lixeiros. Em um deles, o que aparece mais em evidência na foto, percebemos a inscrição da frase em espanhol “*orgánico y no reciclable*” e no outro, o registro está em português. A inscrição de ambos possui a logo da usina – na foto, pouco perceptível – tornando possível inferir que segue as diretrizes das PL empresariais. Em seguida, a figura 10 apresenta um pôster da Usina Hidrelétrica de Três Gargantas, localizada no Rio Yangtze, na China. O pôster está na língua inglesa e representa um item de decoração da sala, fazendo alusão a uma grande obra do setor energético mundial. Já a figura 11 corresponde a um aviso, aparentemente confeccionado pela gerência do setor ou do departamento, digitado no computador, impresso em folha tamanho A4 e colado à porta da sala com fita adesiva. O aviso faz recomendações de segurança, orientando que os funcionários que utilizam a sala da MEG-1 desliguem os aparelhos elétricos e fechem a porta com chave no final de cada período de trabalho. A redação deste informe foi feita em ambas as línguas românicas, dispondo primeiro a língua portuguesa e depois o espanhol.

A partir destes três registros, é possível compreender que há evidências de paisagem linguística *top-down* na MEG-1, dispostas ali pela própria empresa ou pela gerência do setor. Estas seguem as orientações das PL explícitas, no caso da figura 9, com inscritos monolíngues, mantendo o padrão proposto pelo Manual do Sistema

de Sinalização e, na Figura 10, a presença de uma importante referência estrangeira para o setor, descrita na língua inglesa, possivelmente comunicando os valores que citamos anteriormente, de internacionalização e globalização. No que diz respeito à Figura 11, aparenta ter partido da gerência do setor, em uma tentativa de seguir as PL gerais da empresa, entretanto, mesmo tendo sido redigido em ambas as línguas românicas, não segue o padrão sugerido pela Itaipu, de evidenciar a língua que condiz ao território. A sala de reuniões, como mencionado, localiza-se em território paraguaio.

Em termos de visibilidade das línguas na paisagem, compreendemos que há um aparente equilíbrio na disposição das línguas oficiais da Itaipu, uma vez que as diretrizes da empresa são bastante detalhistas em orientar a presença do espanhol e do português na sinalização oficial. Já na sala da MEG-1, percebemos a disposição das línguas de maneira distinta, com a evidência do português em um aviso bilíngue em território paraguaio, possivelmente devido ao fato de os gerentes serem de nacionalidade brasileira, e a presença da língua inglesa. Outros elementos de paisagem linguística foram percebidos durante as observações, sob a perspectiva *bottom-up*, como avisos escritos a caneta na lousa, recados e anotações, estes seguiram a lógica da intercompreensão, registrados na língua românica dos autores dos escritos.

É importante mencionar a ausência de registros de interações linguísticas em língua guarani. Durante as reuniões, foi possível perceber que alguns funcionários paraguaios costumam sentar próximos uns aos outros, a observação estruturada demanda que o pesquisador faça um *checklist* do que espera registrar em suas visitas e, dessa maneira, houve uma expectativa de minha parte de compreender em quais situações a língua paraguaia é falada. Spolsky (2009) menciona que, por vezes, locais de trabalho passam a ser manchete por proibir seus funcionários a usarem suas línguas durante o expediente. O autor exemplifica com situações em que restaurantes proibiram funcionários imigrantes de falar espanhol e vietnamita na presença de clientes, e o processo recebido pelo Exército da Salvação, em 2006, por demandar apenas o uso de inglês entre seus colaboradores.

Entretanto, este não parece ser o caso da Itaipu Binacional. Como analisado nas políticas linguísticas explícitas da empresa, não há menção da língua guarani, nem de seu uso, tampouco de sua restrição. Verificaremos mais tarde na análise dos questionários que os funcionários brasileiros reconhecem o uso da língua

indígena no ambiente de trabalho, porém em momentos específicos. Até o momento, a situação linguística que envolve o guarani nos remete à encontrada por Van Der Worp, Cenoz e Gorter (2018) em empresas bascas. Os autores explicam que, para os funcionários do campo pesquisado, alternar do basco para o espanhol é, geralmente, encarado como algo mais lógico em razão da presença de não-falantes de basco no local de trabalho, ou ainda porque a língua em comum entre todos é o espanhol. Já fazer a alternância oposta, segundo eles, pode causar tensões:

Talvez seja de mau gosto falar em basco na presença daqueles que não falam a língua, porque nós não entendemos o que eles estão dizendo [...]. Eu pessoalmente não desaprovo que eles conversem em basco, mas talvez nosso diretor, que não fala nada, ele não entenda basco, então ele talvez possa preferir que falemos em espanhol (VAN DER WORP; CENOZ; GORTER, 2018, p. 11-12, tradução nossa).³¹

O excerto acima foi uma observação feita por um dos funcionários participantes da pesquisa dos autores. Nota-se que, para ele, o uso da língua minoritária do País Basco no trabalho seria incômodo para os colegas que não a empregam na comunicação. Fica claro que o espanhol corresponde a língua dominante no ambiente de trabalho em questão e que há estratificação funcional entre as duas línguas, sendo o espanhol utilizado em contextos formais e o basco reservado à informalidade (VAN DER WORP; CENOZ; GORTER, 2018).

No que se refere à MEG-1, compreendemos a situação de maneira similar, visto que a língua não foi registrada nos momentos formais da reunião, corroborando Fiamengui (2017), quando esta explica que no Paraguai há a estratificação funcional e social das línguas oficiais do país. Em termos de função, são verificados os usos da língua espanhola, mais desenvolvida no que tange à leitura e à escrita, nos meios de comunicação, nas áreas públicas, políticas, jurídicas e educacionais, ao passo que o guarani, língua marcada pela oralidade, reserva-se para práticas linguísticas no âmbito recreativo, informal, próximo e afetivo. No que se refere à estratificação social, o guarani tem sido associado pelos próprios paraguaios como língua falada pelos menos favorecidos economicamente, como 'língua de índio' ou de pessoas

³¹ No original: *Perhaps it could be of bad taste talking in Basque in the presence of the ones who don't speak the language, because we don't understand what they are saying. [...] I personally don't disapprove that they talk in Basque, but perhaps our director, who doesn't speak anything, he doesn't understand Basque, so he perhaps might prefer that we use Spanish.*

pouco instruídas. Em contrapartida, o espanhol, língua do colonizador, remete ao poder. Velásquez e Pereira (2011) adicionam que para o paraguaio bilíngue:

[...] acionar a língua castelhana configura-se como necessário para inserir-se não como grupo étnico necessariamente, mas como indivíduo com determinado “*status*” na sociedade, ou seja, a língua espanhola estabelece hierarquia entre os sujeitos daquele grupo (VELÁSQUEZ; PEREIRA, 2011, p. 200).

Desse modo, compreendemos que as línguas são escolhidas pelos falantes dependendo do contexto no qual estão inseridos. Em um ambiente de trabalho em que há hierarquias e a gerência é brasileira, é possível que o paraguaio bilíngue faça a alternância do guarani para a língua latina, por conta de diversos fatores, como a presença de não-falantes de guarani e o caráter da interação, neste caso, de trabalho (VELÁSQUEZ; PEREIRA, 2011).

Durante um momento de descontração da reunião do dia 22/11/2018, em que havia uma pequena confraternização entre os funcionários, tive a oportunidade de conversar brevemente com um paraguaio, interessado em saber sobre minhas observações:

[...] ele falou que há interações em guarani, inclusive, em certos momentos, com os brasileiros, porque alguns entendiam algumas palavras na língua, como por exemplo a frase “*Jaha jakaru*”. Ele mencionou também que muitas vezes, enquanto os paraguaios conversam entre si, acontece de esquecer alguma palavra na língua em uso e para completar a frase alternam para outra (Registro de diário de campo, 22/11/2018).

A partir dessa fala compreendemos que, muito embora não tenha havido registro da língua guarani nas observações realizadas, os paraguaios a utilizam em grupo e recorrem as outras línguas fronteiriças quando necessitam. Com base nestas evidências e na análise dos questionários, percebemos que a escolha da língua espanhola para o uso no trabalho pode ser resultado das políticas linguísticas da empresa, da estratificação funcional e social entre guarani e espanhol, bem como a presença de não falantes de guarani no ambiente de trabalho.

4.3 Práticas, atitudes e gestão de línguas: as percepções dos funcionários brasileiros da MEG-1

Esta seção é destinada a análise dos questionários aplicados aos funcionários brasileiros da MEG-1. Primeiro, descreveremos o perfil dos respondentes. Em seguida, analisaremos as práticas linguísticas declaradas, partindo da perspectiva dos participantes e comparando com as observações realizadas em campo. Finalizaremos a seção com os resultados das atitudes linguísticas explícitas dos respondentes em relação ao uso das línguas no ambiente de trabalho.

4.3.1 O perfil dos sujeitos da pesquisa

Segundo as informações concedidas pela gerência do departamento, no momento da realização da pesquisa, a MEG-1 era composta por 38 funcionários, sendo 22 brasileiros e 16 paraguaios, distribuídos de acordo com os seguintes cargos:

- 4 engenheiros eletricitas (2 brasileiros e 2 paraguaios);
- 26 técnicos em eletrotécnica (12 brasileiros e 14 paraguaios);
- 5 eletricitas brasileiros.

Conforme o Manual da Organização, documento fornecido pela gerência da SMMG.DT, os funcionários estão incumbidos de atividades referentes à programação, execução e controle de manutenções periódicas e de comissionamento dos Equipamentos e Sistemas Elétricos dos Geradores e seus agregados; participam na elaboração e consenso da programação anual das manutenções periódicas e da programação trimestral de desligamentos dos equipamentos e sistemas; controlam os serviços de manutenção executados por terceiros dentro da Área Industrial, além de participar, quando necessário, com a Superintendência de Materiais, na inspeção de equipamentos e sistemas, nas instalações dos fornecedores; efetuam análise prévia de falhas e defeitos de equipamentos e sistemas; programam e executam todas as atividades relativas a

grandes reparos, ensaios especiais e modificações nos equipamentos e sistemas, entre outras funções.

Os questionários (Apêndice C) foram entregues aos 22 brasileiros e 13 foram respondidos. Como explicitado anteriormente, as perguntas 1 a 5 tinham como objetivo traçar um breve perfil dos respondentes, saber sua origem, residência e há quanto tempo trabalham na usina e na MEG-1.

Todos os respondentes são residentes na cidade de Foz do Iguaçu e, em sua maioria, originários de cidades do sul do Brasil, sendo 9 do estado do Paraná e 2 do Rio Grande do Sul. Apenas um respondente é de outra região do Brasil, do estado de Minas Gerais.

No que se refere ao tempo de trabalho na usina (Tabela 2), percebe-se que há uma grande variação no tempo de serviço dos funcionários participantes da pesquisa, variando de 1 a 31 anos de empresa. O mesmo se dá no contexto da MEG-1 (Tabela 3), é perceptível uma variação significativa de 1 a 18 anos de serviço.

Tabela 2 - Tempo de serviço na Itaipu

1 ano	2 anos	3 anos	5 anos	9 anos	11 anos	12 anos	15 anos	31 anos
(1)	(1)	(2)	(2)	(1)	(3)	(1)	(1)	(1)

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Tabela 3 - Tempo de serviço na MEG-1

1 ano	2 anos	3 anos	5 anos	9 anos	10 anos	11 anos	12 anos	15 anos	18 anos
(2)	(1)	(1)	(2)	(1)	(1)	(2)	(1)	(1)	(1)

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Conhecer o contexto do sujeito, mesmo que de maneira breve, é imprescindível para que a interpretação dos dados do questionário referentes às práticas e atitudes linguísticas seja possível, posto que as atitudes são socialmente construídas e situadas contextualmente na interação e na relação com os grupos sociais (BOTASSINI, 2015). Para o respondente natural do sudeste do Brasil, o afastamento geográfico de sua região de origem com as fronteiras brasileiras com países hispanofalantes pode ser um fator que influencie em suas respostas. O

mesmo pode ocorrer com os respondentes que têm pouco tempo de trabalho na usina e, de algum modo, não estão acostumados com a rotina de trabalho colaborativa com colegas de outra nacionalidade e idioma. Desse modo, compreender a origem do respondente e há quanto tempo está inserido no local da pesquisa ajuda a estabelecer uma relação com as respostas dadas.

4.3.2 “Vamos começar com tu trabajo”: a comunicação na MEG-1 segundo os brasileiros

As perguntas 6 a 12 fizeram referência à PL da Itaipu Binacional e as práticas linguísticas, tanto na empresa de modo geral quanto na MEG-1. Essas questões foram desenvolvidas no intuito de identificar o nível de conhecimento dos funcionários a respeito da oficialidade das línguas em seu espaço de trabalho e como eles percebem as práticas linguísticas que ali ocorrem.

Tabela 4 - Quais as línguas oficiais da usina?

Português	Espanhol / Castelhana	Guarani
100% (13)	100% (13)	0%

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

A Tabela 3 apresenta os resultados da pergunta 6 do questionário, que tratava da PL oficial da hidrelétrica. Aos funcionários foi perguntado, em questão de escolha múltipla, quais eram as línguas oficiais da empresa, e como opção haviam as línguas portuguesa, espanhola/castelhana e guarani. Observa-se na tabela que as respostas foram unânimes em concordar com as diretrizes empresariais analisadas previamente, evidenciando que os respondentes têm ciência dos regimentos que incidem sobre as línguas dentro da binacional.

A próxima pergunta do questionário, número 7 (Tabela 5), também de escolha múltipla, procurou compreender em quais locais da usina as línguas oficiais sinalizadas na pergunta anterior estavam dispostas.

Tabela 5 - Onde e como você vê, no seu dia a dia profissional, as línguas oficiais sendo utilizadas?

Cartazes, placas, avisos	Ofícios, memorandos	Site, jornal, redes sociais vinculadas à usina	Manuais de treinamento profissional	Outros
(13)	(10)	(10)	(13)	(1)

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Como resultado, foi unânime a escolha da opção correspondente a encontrar o português e o espanhol em cartazes, placas, avisos na usina e, também, em manuais de treinamento profissional. Ainda, obtivemos 10 respostas afirmando que, no cotidiano de trabalho, as línguas oficiais estão dispostas nos ofícios e memorandos e, também, no *site*, jornal e redes sociais vinculadas à usina. Além disso, foi registrada uma resposta no campo Outros, em que o participante adicionou “rótulos e manuais dos equipamentos”.

A partir disso, observamos o resultado das PLs explícitas da empresa e da sua objetividade em gerenciar as línguas espanhola e portuguesa na comunicação escrita e visual da Itaipu. No que tange ao lugar das línguas no espaço da binacional, percebe-se que as diretrizes são, de fato, aplicadas no cotidiano de trabalho e percebidas pelos respondentes.

Entretanto, mesmo que as PLs sejam claras no que se refere à linguagem escrita, não há regimentos concernentes à linguagem oral, abrindo o campo para que uma gestão *in vivo* seja realizada pelos próprios falantes. Na seção anterior, observamos em campo que as práticas linguísticas dos funcionários da MEG-1 permitem-lhes que cada um se comunique utilizando sua língua românica, sem danos aparentes de compreensão. Com a finalidade de depreender a visão dos respondentes em relação aos usos das línguas e das estratégias de gestão de línguas, reservamos as perguntas 8 a 12 do questionário para este fim.

A questão 8, representada na Tabela 6, buscou compreender qual a língua mais utilizada na Itaipu na opinião do respondente.

Tabela 6 - Na sua opinião, qual a língua mais utilizada na Itaipu?

Português	Espanhol / Castelhana	Guarani	As línguas são utilizadas de maneira equivalente	Portunhol
30,8% (4)	7,7% (1)	0%	38,5% (5)	23,1% (3)

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

No que se refere aos usos das línguas na binacional como um todo, 38,5% dos participantes acreditam que são utilizadas de maneira equivalente; outros 30,8% afirmam que o português é a língua mais falada na empresa; 23,1% opinam que o portunhol possui maior representatividade nas interações linguísticas da Itaipu; ainda 7,7% acreditam ser o espanhol; e, por fim, nenhum respondente acredita que o guarani seja a língua mais utilizada na hidrelétrica (Tabela 6).

Observa-se por meio das respostas a possibilidade de um comportamento neutro por parte dos respondentes. A escolha da opção “As línguas são utilizadas de maneira equivalente” pode fazer alusão à intercompreensão observada, contudo, é possível que seja uma maneira de não evidenciar nenhuma língua em detrimento de outras.

A escolha do portunhol por 23,1% dos participantes também é simbólica. Este fenômeno, resultante do contato das línguas portuguesa e espanhola, foi incluído como opção por se tratar de uma das possíveis estratégias de gestão de línguas em ambientes fronteiriços, contudo, por ser uma mistura de línguas, paira um estigma sobre ele. Sturza (2004, p. 153) evidencia que, no senso comum, o portunhol representa um “mal falar” de uma das duas línguas, reforçado pela mídia e pelas escolas de idiomas.

A próxima questão também buscou compreender qual era a língua mais falada, mas desta vez, no âmbito da MEG-1.

Tabela 7 - Línguas mais utilizadas na MEG-1

Português	Espanhol / Castelhana	Guarani	As línguas são utilizadas de maneira equivalente	Portunhol
23,08% (3)	0%	0%	38,46% (5)	38,46% (5)

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Comparado aos resultados da pergunta anterior, que se referiu aos usos das línguas na Itaipu, foi possível verificar algumas mudanças. Para os participantes, o portunhol e a equivalência no uso das línguas são as práticas linguísticas mais frequentes dentro da MEG-1, recebendo, cada opção, 38,46% dos votos. Ainda 23,08% acreditam que a língua mais utilizada no setor é o português, não havendo menção aos usos das línguas paraguaias. É relevante mencionar que, salvo algumas poucas exceções, as respostas se mantiveram as mesmas das marcadas na questão anterior.

Novamente, o portunhol aparece em posição de destaque nas respostas dos participantes, porém, este fenômeno foi percebido raras vezes durante as observações e, quando houve registro, ocorreu em momentos pontuais, descritos em diário de campo:

Ele [funcionário paraguaio] se dirigiu a mim em portunhol, uma mistura de português com espanhol, seu discurso era marcado por palavras como “amissade” e o uso, no final das frases, da expressão “*verdad*”, comum entre os paraguaios (Registro de diário de campo, 22 de novembro de 2018).

O gerente da divisão dá início a reunião solicitando que Ruben, funcionário paraguaio, começasse sua apresentação de *slides*. Nesse momento houve algo interessante: o gerente se dirige a Ruben em portunhol, digo portunhol porque não era espanhol, e sim uma mistura das duas línguas. - *Vamos começar com tu trabajo* (Registro de diário de campo, 30 de novembro de 2018).

No primeiro excerto, registro uma conversa que tive com um dos funcionários paraguaios da MEG-1. A equipe paraguaia é formada por homens de cerca de 30 a 35 anos e este funcionário, em específico, é o mais velho deles, aparentando ter, aproximadamente, 50 anos. Na ocasião, houve uma pequena confraternização após a reunião e fui convidada a participar. Este funcionário se aproximou e conversamos brevemente. Durante toda a conversa, a comunicação, por parte dele, foi feita em uma mistura de espanhol com português, que exemplifico com a palavra “amizade” – em espanhol, *amistad* – que foi pronunciada com som de –s.

O segundo o excerto descrevo como uma surpresa, pois o gerente do setor é brasileiro e sempre conduziu as reuniões em português. Aquele foi o único momento durante as observações em que ele utilizou o portunhol como estratégia de comunicação com um colega paraguaio, inclusive, após essa frase, a reunião foi conduzida em língua portuguesa como de costume.

Considerando os exemplos citados das poucas interações realizadas em portunhol, é possível que o fenômeno tenha sido eleito como prática adotada pelo

setor pela não compreensão dos funcionários do conceito de intercompreensão de línguas próximas e haver uma confusão entre ambos os fenômenos, ou ainda, pelo portunhol ser utilizado, mas em momentos alheios ao das reuniões observadas em nossa pesquisa.

Na sequência, a questão 10 de escolha múltipla (Tabela 8) teve como objetivo perceber qual é o entendimento dos respondentes a respeito da gestão de línguas realizada no setor. Desse modo, perguntou-se a respeito da estratégia de comunicação adotada por brasileiros e paraguaios na MEG-1.

Tabela 8 - Como se dá a comunicação entre brasileiros e paraguaios em seu setor?

A partir do uso do portunhol	O brasileiro fala em português e o paraguaio responde em espanhol e vice-versa	Cada um esforça-se em falar a língua do outro	Outra
(7)	(6)	(5)	(2)

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Foram dadas três opções de respostas e a opção de preencher o campo “Outra” e adicionar outra estratégia que não estivesse listada. Como resultado, foram registradas 7 respostas afirmando que a comunicação no setor ocorre por meio do uso do portunhol, 6 respostas referentes à prática da intercompreensão, em que o brasileiro fala em português, o paraguaio em espanhol e vice-versa; e outras 5 respostas afirmando que cada um se esforça em falar a língua do outro. Houve, ainda, o registro de duas contribuições além das relacionadas no questionário: um participante acredita que a estratégia adotada entre os funcionários para a comunicação efetiva entre brasileiros e paraguaios é o uso do português e outro afirma que “os paraguaios se esforçam mais para se comunicar em português”.

É perceptível a forte crença de que o portunhol é a forma de gestão linguística da MEG-1. Entretanto, como a questão consistia de escolhas múltiplas, pode-se considerar significativa a escolha da intercompreensão como ação de gestão de línguas do setor. A respeito da opção “cada um esforça-se em falar a língua do outro”, escolhida por 5 respondentes, mencionamos uma situação em que percebi isso de fato acontecendo:

Sentei-me e enquanto aguardava o Rodrigo para descermos para a sala dos técnicos, um homem paraguaio adentra a sala, aparentemente perdido. Nesse instante, João tenta ajudá-lo e percebo uma tentativa por parte dele de falar espanhol. Achei interessante,

pois não é o tipo de interação linguística que tenho observado por ali. Pode ser que ele tenha optado por falar espanhol com o paraguaio por perceber que este último não era acostumado com a rotina da usina. A tentativa de comunicação não foi muito eficaz, sendo assim, João indicou que o paraguaio se dirigisse a González para obter as informações que necessitava (Registro de diário de campo, 18 de janeiro de 2019).

O excerto faz referência à tentativa do funcionário brasileiro, João, em se comunicar em língua espanhola com um homem paraguaio, não pertencente ao setor. Menciono que a estratégia foi novidade para mim como observadora, pois, em meus registros, havia apenas percebido a estratégia da intercompreensão e alguns diálogos pontuais em portunhol, na maioria por paraguaios, corroborando a resposta do funcionário de que o esforço maior em se comunicar na língua do outro é algo que parte dos colegas falantes de espanhol.

As duas últimas perguntas desta seção são referentes à língua guarani. Explicamos anteriormente que havia uma expectativa em relação à sua presença nas práticas linguísticas dos funcionários paraguaios, primeiro por ela não ter sido descrita nas PL explícitas da usina e, depois, em virtude do caráter identitário que ela possui para a sociedade paraguaia. Uma vez que não foi possível observar em campo os seus usos, nos restou a aplicação dos questionários para compreender a frequência de seu uso pelos paraguaios da MEG-1 e em quais situações.

Tabela 9 - Com que frequência a língua guarani é falada/ouvida dentro de seu setor?

Sempre	Frequentemente	Às vezes	Raramente	Nunca
7,7% (1)	7,7% (1)	23,1% (3)	61,5% (8)	0%

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

A Tabela 9 revela os resultados da questão referente à frequência em que a língua paraguaia é falada/ouvida na MEG-1. Das respostas obtidas, 61,5% afirmou que raramente o guarani é falado ou ouvido no setor; já 23,1% acredita que, às vezes, fala-se ou ouve-se a língua indígena, e outros 7,7% responderam de maneira positiva, isto é, que os paraguaios falam o idioma frequentemente ou sempre no cotidiano da MEG-1. Na sequência, a questão aberta número 12, direcionada aos que responderam à questão anterior com as opções “sempre” ou “frequentemente”, tinha como objetivo compreender em quais momentos o guarani é a opção adotada pelos paraguaios para a comunicação. Destacamos abaixo as respostas obtidas:

Somente entre paraguaios e para tratar de assuntos particulares (Respondente 2).

Não sei, não falo Guarani, difícil saber o contexto da conversa dos paraguaios (Respondente 4).

Paraguaios utilizam guarani entre eles (Respondente 5).

Com a aposentadoria dos paraguaios mais velhos, está sendo menos utilizada (Respondente 8).

Em conversas informais (Respondente 10).

Conversa entre paraguaios (Respondente 11).

As respostas recebidas para a questão 12, ao contrário do sugerido no questionário, não foram apenas de quem assinalou as opções “sempre” e “frequentemente” na questão anterior. Respondentes que marcaram “às vezes” e “raramente” também colaboraram. O resultado foi unânime em dizer que a língua, quando falada, é restrita apenas aos paraguaios, quando estes estão em grupos, e à assuntos informais e particulares, ou seja, para os participantes brasileiros da pesquisa, os paraguaios não utilizam a língua indígena para tratar de assuntos de trabalho. A respeito disso, Velásquez e Pereira (2011, p. 199) explicam que “quando um bilíngue castelhano/guarani aciona a língua guarani para se comunicar com outro bilíngue, ele o faz, muitas vezes, de maneira involuntária, ou seja, acionar a língua guarani o identifica como sendo pertencente ao mesmo grupo que o interlocutor”. Desse modo, possivelmente os funcionários paraguaios tenham elegido a língua espanhola para uso no ambiente de trabalho devido ao seu prestígio e caráter formal, além da similaridade com a língua de seus colegas brasileiros, facilitando a comunicação, e reservaram o guarani para pertencimento, grupo de amigos, identitário.

Ainda com respeito ao uso do guarani, Berger (2015) explica, em sua pesquisa com alunos e professores da fronteira Ponta Porã (MS), tal como Pedro Juan Caballero (PY) que, a partir do uso da língua, os falantes podem estabelecer fronteiras e demarcar o território:

Percebo que as línguas são, de fato, elementos de identificação nacional e recursos demarcadores de territórios. Ao lançarem mão de um recurso de que nem todos os atores do contexto estão habilitados a usar, nessas situações, são os alunos que gerem os usos da língua e, com isso, beneficiam-se desse conhecimento para demarcarem um território, ainda que de forma marginalizada e estigmatizada aos olhares de outros que se sentem ameaçados pela forma como os alunos gerem seu plurilinguismo (BERGER, 2015, p. 185).

Desse modo, ao acionar a língua guarani em um ambiente em que nem todos têm conhecimento deste idioma, os paraguaios estabelecem uma fronteira entre “nós” e “os outros” e demarcam seu território por meio do repertório linguístico.

O respondente 8 adiciona, ainda, que com a aposentadoria dos paraguaios mais velhos, a língua guarani está sendo menos utilizada no setor. Ressalta-se que, durante as observações em campo, foi possível perceber que a maioria dos funcionários do Paraguai tem entre 30 a 35 anos, somente um aparenta ter cerca de 50 anos. A questão da idade pode ser um elemento influenciador na vitalidade da língua dentro do setor.

4.3.3 As atitudes em relação as línguas da MEG-1

A última seção do questionário foi desenvolvida com o objetivo de depreender as atitudes linguísticas explícitas dos funcionários brasileiros da MEG-1. Foram elaboradas 6 asserções, em escala de Likert, com as seguintes opções de resposta: concordo totalmente, concordo em parte, nem concordo nem discordo e discordo totalmente. Ressaltamos aos funcionários respondentes da pesquisa que todas as asserções eram concernentes ao seu local de trabalho.

O primeiro grupo de asserções (13 a 15) corresponde às atitudes em relação aos usos das línguas e à importância do aprendizado destas para o setor. Por meio da tabela 10, é possível inferir as atitudes explícitas dos participantes em relação a asserção número 13, “O brasileiro precisa aprender espanhol”.

Tabela 10 – Dados gerados a partir da asserção 13: “O brasileiro precisa aprender espanhol”

Concordo totalmente	Concordo em partes	Não concordo nem discordo	Discordo totalmente	Não participaram
22,73% (5)	22,73% (5)	13,64% (3)	0%	40,91% (9)

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Dos questionários respondidos, 22,73% afirmaram concordar totalmente com a asserção; outros 22,73% declararam concordar em parte, e 13,64% posicionaram-se de forma neutra.

A asserção 14 buscou compreender as atitudes dos respondentes no que diz respeito ao aprendizado da língua guarani por parte dos funcionários brasileiros.

Tabela 11 – Dados gerados a partir da asserção 14: “O brasileiro precisa aprender guarani”

Concordo totalmente	Concordo em partes	Não concordo nem discordo	Discordo totalmente	Não participaram
0%	4,55% (1)	18,18% (4)	36,36% (8)	40,91% (9)

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

As respostas evidenciaram que 36,36% dos participantes acreditam que o brasileiro trabalhador da MEG-1 não precisa aprender guarani; outros 18,18% se mantiveram em uma posição de neutralidade, enquanto 4,55% declararam concordar em parte com a necessidade de o brasileiro aprender guarani.

Encerramos o primeiro grupo com a asserção 15, buscando depreender as atitudes dos participantes em relação à importância do aprendizado da língua portuguesa pelos colegas paraguaios.

Tabela 12 – Dados gerados a partir da asserção 15: “O paraguaio precisa aprender português”

Concordo totalmente	Concordo em partes	Não concordo nem discordo	Discordo totalmente	Não participaram
22,73% (5)	22,73% (5)	13,64% (3)	0%	40,91% (9)

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Das respostas obtidas, 22,73% declararam concordar totalmente com a asserção, outros 22,73% afirmaram concordar em partes, enquanto 13,64% permaneceram neutros.

A partir desse primeiro grupo de asserções, podemos inferir que a maior parte dos participantes, brasileiros, não julga importante o aprendizado do guarani no contexto do seu local de trabalho. Isso pode ser compreendido tanto como sinônimo de baixo prestígio da língua, reforçado por estigmas e estereótipos, quanto pela ausência de visibilidade do guarani no local de trabalho. É possível que esse cenário reforce a ideia de que a presença do guarani no repertório linguístico tenha tão somente a função afetiva, nacionalista entre os paraguaios, sem necessidade de ser aprendida por outros fora dessa realidade. Em contrapartida, as respostas dadas a asserção 13 evidenciaram que o espanhol está em uma posição mais elevada no prestígio dos respondentes brasileiros, visto que a maioria demonstrou concordar com a necessidade de aprendizagem desta. Os resultados foram positivos também

na asserção 15, referente ao aprendizado de português pelos paraguaios da MEG-1. É válido ressaltar que o percentual de respostas nas asserções 13 (Tabela 10) e 15 (Tabela 12) foi igual, sugerindo que, para os respondentes, o esforço de aprendizagem das línguas latinas deve ser mútuo.

O segundo e último grupo de asserções (16 a 18) corresponde às características das línguas, a fim de avaliar as atitudes em relação à importância destas para o setor. A asserção número 16, primeira deste grupo, trata da utilidade da língua portuguesa para a MEG-1.

Tabela 13 – Dados gerados a partir da asserção 16: “O português é a língua mais útil para meu setor (MEG-1)”

Concordo totalmente	Concordo em partes	Não concordo nem discordo	Discordo totalmente	Não participaram
18,18% (4)	13,64% (3)	27,27% (6)	0%	40,91% (9)

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Dos questionários respondidos, 27,27% se mantiveram em neutralidade, 13,64% afirmaram concordar em partes, enquanto 18,18% declararam concordar totalmente. No que se refere à asserção 17, buscamos compreender as atitudes em relação à utilidade da língua espanhola para o setor.

Tabela 14 – Dados gerados a partir da asserção 17: “O espanhol é a língua mais útil para meu setor (MEG-1)”

Concordo totalmente	Concordo em partes	Não concordo nem discordo	Discordo totalmente	Não participaram
0%	13,64% (3)	45,45% (10)	0%	40,91% (9)

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Das respostas obtidas, 45,45% se posicionaram de maneira neutra à afirmação, ao passo que 13,64% afirmaram concordar em partes. Por fim, a asserção 18 se referia à importância da língua guarani para a MEG-1.

Tabela 15 – Dados gerados a partir da asserção 18: “O guarani é a língua mais útil para meu setor (MEG-1)”

Concordo totalmente	Concordo em partes	Não concordo nem discordo	Discordo totalmente	Não participaram
0%	0%	9,09% (2)	50% (11)	40,91% (9)

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

A maioria dos participantes demonstrou discordar do que foi proposto na asserção 18, 50% discordou totalmente de que o guarani é a língua mais útil para o setor, enquanto 9,09% se mantiveram em posição de neutralidade. Mais uma vez, os respondentes revelaram que suas atitudes em relação ao guarani são desfavoráveis, tanto concernente ao seu aprendizado pelos brasileiros quanto à sua utilidade no âmbito da MEG-1. Por outro lado, apresentaram reações positivas no que tange ao espanhol e, especialmente, ao português. É digno de menção que, neste grupo de asserções, obtivemos o maior número de respostas neutras, uma limitação da pesquisa por meio de questionários, uma vez que leva o participante à reflexão e pode ocultar suas atitudes reais, tornando fundamental para o pesquisador a correlação dos dados com o comportamento que foi observado (FIAMENGUI, 2017).

A partir dos resultados deste breve questionário de atitudes, compreendemos que a influência das políticas linguísticas da Itaipu pode ser um fator decisivo no que diz respeito às reações dos participantes em relação a elementos cognitivos que remetem às línguas portuguesa, espanhola e guarani. Isso porque as PLs da empresa, ao oficializar e orientar o uso das referidas línguas latinas nos domínios da hidrelétrica, automaticamente colocam à margem a língua guarani, diminuindo seu prestígio em relação às outras línguas e, de certa maneira, contribuindo para assimilações desfavoráveis em relação ao seu uso no ambiente de trabalho, em sua importância e em sua necessidade de aprendizado pelos funcionários do setor.

Outro fator influenciável nas atitudes linguísticas dos indivíduos é a relação de força e atração entre as línguas do falante e a do outro. A estrutura das línguas, isto é, os elementos fonéticos, sintáticos e lexicais que as compõem, podem ser fator de atração ou repulsão para os falantes (DAY, 2013). As línguas espanhola e portuguesa, ambas de origem românica, possuem similaridades estruturais, constituindo em força de atração aos falantes destas línguas. Já o guarani, língua indígena, tem como característica a nasalidade fonética e uma estrutura sintática

que se assemelha com o japonês e línguas polinésicas, constituindo, assim, uma distância interlinguística que provoca a diminuição da atração (FIAMENGUI, 2017; DAY, 2013).

Nesse sentido e cientes das limitações dos procedimentos metodológicos, podemos afirmar que nossas observações nos permitiram compreender que a gestão das línguas na MEG-1 é feita por meio da intercompreensão de línguas próximas e a prática de compreender a língua do outro pode ter influências nas atitudes em relação ao espanhol, por exemplo, sempre positivas. Já a ausência de visibilidade do guarani nas PL e no espaço da binacional, seu uso pelos paraguaios para delimitação de territórios somado à distância interlinguística desta com o espanhol e o português podem influenciar nas reações desfavoráveis por parte dos brasileiros.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pesquisas em gestão de línguas em ambiente de trabalho são primordiais para que possamos não apenas analisar as estratégias adotadas por diferentes empresas, gerentes e funcionários no que diz respeito à gestão do multi/plurilinguismo, mas também para refletirmos sobre os lugares que as línguas ocupam em nossa sociedade, cada vez mais plural. A literatura conta com importantes investigações, realizadas principalmente no hemisfério norte, que abarcam estratégias utilizadas para gerenciar as línguas no contexto profissional, tais quais o uso do inglês como língua franca, treinamento linguístico de funcionários e serviços de tradução. Nossa pesquisa figura como relevante não somente por contribuir com o campo de estudo, mas também por evidenciar outras ações de gestão de línguas condizentes com o contexto fronteiriço e latino-americano em que se insere.

Enquanto reconhecemos ser necessária uma pesquisa adicional para ampliar nossas reflexões, principalmente no que se refere às percepções dos empregados paraguaios sobre as práticas e gestão das línguas adotadas no setor, nossos resultados foram animadores como ponto de partida para os estudos de gestão de línguas em ambientes de trabalho na América Latina. Os dados obtidos por meio dos procedimentos metodológicos aplicados neste estudo de caso nos permitiram analisar as políticas linguísticas explícitas da Itaipu Binacional e concluir que estas são claras em não apenas oficializar as línguas portuguesa e espanhola, mas também em orientar seus usos na paisagem linguística da empresa e na comunicação escrita interna e externa, isto é, na elaboração de Atas, resoluções, relatórios e correspondências, sendo percebida com sucesso pelos funcionários participantes da pesquisa.

No que diz respeito às ações de gestão de língua no ambiente de trabalho, os dados gerados por nossa pesquisa mostraram que os funcionários da MEG-1 gerenciam o multilinguismo presente no setor por meio do uso da intercompreensão de línguas próximas. As observações em campo nos permitiram perceber que brasileiros e paraguaios construíam diálogos em português e espanhol, respectivamente, sem danos à compreensão. Em dados momentos, o portunhol, combinação das duas línguas, foi utilizado por funcionários paraguaios como meio de comunicação com a pesquisadora brasileira. Entretanto, a utilização deste

fenômeno, oriundo do contato linguístico, não se mostrou frequente durante as observações.

Por fim, os dados gerados a partir da aplicação dos questionários mostraram que a maioria dos participantes – funcionários brasileiros – reconhecem as línguas portuguesa e espanhola como as oficiais da Itaipu Binacional; foram capazes de identificar estas línguas no uso administrativo, em memorandos e relatórios, bem como nos manuais e rótulos de equipamentos; demonstraram acreditar que as línguas são faladas de maneira equivalente na empresa, enquanto os resultados de língua mais falada no âmbito da MEG-1 resultou em um empate entre a prática do portunhol e da intercompreensão. Além disso, afirmaram que ambas as práticas são as estratégias utilizadas no setor para gerir as línguas no ambiente de trabalho. Em relação à língua guarani, a maioria dos respondentes afirmou que ela é raramente falada/ouvida no trabalho e, nas raras vezes em que aparece no repertório dos colegas paraguaios, acontece principalmente entre eles em situações informais, alheias aos assuntos do expediente.

O questionário de atitudes linguísticas contemplou asserções referentes à elementos cognitivos que remetiam às línguas portuguesa, espanhola e guarani no ambiente de trabalho. A partir dos resultados obtidos, concluímos que os funcionários brasileiros se mantiveram em posição de neutralidade, procurando não evidenciar seus sentimentos em relação às línguas, entretanto, foi possível perceber atitudes mais favoráveis ao português e ao espanhol do que ao guarani, possivelmente em razão de fatores como a distância interlinguística entre a língua indígena e as referidas línguas latinas, o estigma costumeiramente associado ao guarani e o lugar marginal que esta língua ocupa na empresa, não sendo contemplada nas PL explícitas.

Em suma, por meio desta investigação é possível depreender que as políticas linguísticas bem orientadas na Itaipu exercem influência nas escolhas linguísticas de seus funcionários. Uma vez que o português e o espanhol ocupam posição de prestígio no mercado linguístico e, devido às diretrizes empresariais visualmente disporem estas línguas no território da binacional, a escolha da intercompreensão de línguas próximas como estratégia de gestão do multi/plurilinguismo se torna um modo apropriado e eficaz de manter a comunicação. Mesmo que o portunhol tenha sido citado algumas vezes pelos participantes como forma de comunicação entre brasileiros e paraguaios, bem como esta seja uma importante estratégia de

gerenciar as línguas nas regiões de fronteira do Brasil com países hispanofalantes, este não parece ser o caso na MEG-1. As respostas referentes a esse fenômeno podem ter sido dadas por conta do senso comum, ou ainda, devido à falta de conhecimento do conceito de intercompreensão.

Como reflexões para futuras pesquisas no escopo das Políticas Linguísticas, sugerimos investigações que analisem e partam das percepções dos funcionários paraguaios acerca das estratégias utilizadas para gerir as línguas e sua relação com a língua guarani em um ambiente de trabalho fronteiriço e binacional.

REFERÊNCIAS

- ANGOURI, Jo. The multilingual reality of the multinational workplace: language policy and language use. **Journal of Multilingual and Multicultural Development**, v. 34, n.6, p. 564-581, 2013.
- BALLER, Leandro. **Fronteira e fronteiriços: a construção das relações sociais e culturais entre brasileiros e paraguaios (1954 – 2014)**. 2014. Tese (Doutorado) – Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2014.
- BERGER, Isis Ribeiro. **Gestão do multi/plurilinguismo em escolas brasileiras na fronteira Brasil – Paraguai: um olhar a partir do Observatório da Educação na Fronteira**. 2015. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.
- BERGER, Isis R.; FONSECA, Lívia C. C. da. A língua árabe no contexto plurilíngue de Foz do Iguaçu: estratégias de gestão e manutenção. **Domínios de Linguagem**, v. 13, n. 3, p. 995-1017, 2019.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Parábola, 2008.
- BOTASSINI, Jacqueline O. M. A importância dos estudos de crenças e atitudes para a sociolinguística. **Signum: Estudos da Linguagem**. v. 18, n. 1, p. 102-131, jan., 2015.
- BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas linguísticas**. São Paulo: Edusp, 2008.
- BRASIL. Ata de Iguaçu de 22 de junho de 1966. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, p. 9061/62. Disponível em https://www.itaipu.gov.br/sites/default/files/af_df/ataiguacu.pdf. Acesso em 15 out. 2018.
- BUGEL, Talia; SANTOS, Hélade Scutti. Attitudes and representations of Spanish and the spread of the language industries in Brazil. **Language Policy**, 2010.
- BLANK, Cintia Avila. A intercompreensão em línguas romanas. **Revista HISPECI & LEMA**, v.1, p. 5, 2009.
- BRITO, José Maria de. **Descoberta de Foz do Iguaçu e a fundação da colônia militar**. Curitiba: Travessa dos Editores, 2005.
- CALVET, Louis-Jean. **As políticas linguísticas**. São Paulo: Parábola Editorial: IPOL, 2007.
- CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. São Paulo: Parábola, 2002.
- CAPUCHO, Maria Filomena. Intercompreensão – Por quê e como?: contributos para uma fundamentação teórica na noção. **REDINTER**, v. 1, p. 85-102, 2010.

CARDIN, Eric G.; ALBUQUERQUE, José Lindomar C. Fronteiras e Deslocamentos. **Revista Brasileira de Sociologia**. v. 6, n. 12, 2018.

CATTA, Luiz Eduardo Pena. **O cotidiano de uma fronteira**: a perversidade da modernidade. Cascavel: Edunioeste, 2003.

CENOZ, Jasone; GORTER, Durk. Linguistic landscape and minority languages. In: GORTER, D. (Org.). **Linguistic landscape**: a new approach to multilingualism. Multilingual Matters, 2006.

CHAUDENSON, Robert. Langue et économie: l'état des recherches interdisciplinaires. In: CHAUDENSON, R ; DE ROBILLARD, D (Org.) Tome 1, 1989, p. 23-38.

DAY, Kelly C. N. Fronteiras linguísticas e fronteiras políticas: relações linguísticas e socio-históricas na fronteira do Brasil com a Guiana Francesa. **Cadernos de Letras da UFF**, v. 1, p. 163-182, 2013.

DEGACHE, C. **Didactique du plurilinguisme**: travaux sur l'intercompréhension et l'utilisation des technologies pour l'apprentissage des langues. Synthèse de l'activité de recherche. UFR des sciences du langage, LIDILEM, Université Stendhal-Grenoble III, 2006.

DENZIN, Norma K.; LINCOLN, Yvonna S. Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: DENZIN, Norma K.; LINCOLN, Yvonna S. *et al.* **O Planejamento da Pesquisa Qualitativa**: teorias e abordagens. Tradução de Sandra Regina Netz. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 15-42.

DERANSART, Anne; SESMA, Sylvie; THOMAS, Bernadette. Quand l'intercompréhension s'introduit dans un contexte professionnel. In: DEGACHE, C.; GARBARINO, S. **Itinéraires pédagogiques de l'alternance des langues**: l'intercompréhension. Grenoble: ELLUG, 2017. p. 289-303.

ERAZO MUÑOZ, Angela Maria. **L'intercompréhension dans le contexte plurilingue de l'Université Fédérale de l'intégration Latino-Américaine (UNILA)**: expériences, contact et interaction plurilingue. Thèse de doctorat Université Grenoble Alpes, 2016.

ESPÓSITO NETO, Tomaz. **Itaipu e as relações brasileiro-paraguaias de 1962 a 1979**: fronteira, energia e poder. 2012. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

FIAMENGUI, Ana Helena Rufo. **Multilinguismo e preconceito na Fronteira Porã**: um estudo sobre atitudes e crenças linguísticas. 2017. 297 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto, 2017.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed/Bookman, 2009.

GARRET, Peter. **Attitudes to language**. New York: Cambridge University Press, 2010.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GYNAN, Shaw N. Language planning and policy in Paraguay. In: BALDAUF JR, Richard B.; KAPLAN, Robert B. (Org.) **Language planning and policy in Latin America**, vol. 1. Multilingual Matters, 2007, p. 218-283.

HILL, Pat; ZYL, Susan V. English and multilingualism in the South African engineering workplace. **World Englishes**, v. 21, n. 1, p. 23-35, 2002.

ITAIPU BINACIONAL. **A história da maior hidrelétrica do mundo**. Disponível em: <https://www.itaipu.gov.br/nossahistoria>. Acesso em: 22 set. 2017.

ITAIPU BINACIONAL. **Políticas e diretrizes fundamentais**. Disponível em: <https://www.itaipu.gov.br/institucional/politicas-e-diretrizes-fundamentais>. Acesso em: 22 set. 2017.

ITAIPU BINACIONAL. **Recursos Humanos**. Disponível em: <https://www.itaipu.gov.br/recursoshumanos/numeros-de-empregados>. Acesso em: 22 set. 2017.

ITAIPU BINACIONAL. **Regimento Interno**, 1994. Disponível em: <https://www.itaipu.gov.br/sites/default/files/u5/Regimento%20Interno.pdf>. Acesso em: 14 jan. 2019.

ITAIPU BINACIONAL. **Tratado de Itaipu**, 1973. Disponível em: <https://www.itaipu.gov.br/sites/default/files/u13/tratadoitaipu.pdf>. Acesso em: 15 out. 2018.

JERNUDD, B.H. Language planning from a management perspective: an interpretation of findings. In: JAHR, E.H. 1993, p. 133-142.

KAPLAN, Robert B.; BALDAUF JR, Richard B. **Language planning: from practice to theory**. Multilingual Matters, 1997.

LADEGAARD, Hans J.; JENKS, Christopher J. Language and intercultural communication in the workplace: critical approaches to theory and practice. **Language and Intercultural Communication**, v.15, n.1, p.1-12, 2015.

LAMBERT, William; LAMBERT, Wallace. **Psicologia social**. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

LANDRY, R; BOURHIS, R. Y. Linguistic landscape and ethnolinguistic vitality. **Journal of Language and Social Psychology**, n. 16, p. 23-49, 1997.

LATOURE, Bruno. **Cogitamus**: seis cartas sobre as humanidades científicas. São Paulo: Editora 34, 2016.

LEIS, Héctor R. Especificidades e desafios da interdisciplinaridade nas ciências humanas. In: PHILIPPI JR, A.; SILVA NETO, Antonio J. (Org.). **Interdisciplinaridade em ciência, tecnologia e inovação**. Manole, 2011. Cap. 3, p. 106-122.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MUÑOZ, Ángela Erazo; SOLIS, Carlos Chávez. Propuestas plurilingües para la integración latinoamericana: la intercomprensión de lenguas emparentadas como práctica de comunicación y educación. **Sures**. n. 3, 2014.

PARAGUAY. **Constitución de la República de Paraguay de 1967**. Disponível em: <<http://www.cedep.org.py/wpcontent/uploads/2012/09/CONSTITUCION-NACIONAL-1967.pdf>>. Acesso em: 25 nov. 2019.

PARAGUAY. **Constitución de la República de Paraguay de 1992**. Disponível em: <https://www.oas.org/juridico/mla/sp/pry/sp_pry-int-text-const.pdf>. Acesso em: 18 nov 2019.

RAYNAUT, Claude. Interdisciplinaridade: mundo contemporâneo, complexidade e desafios à produção e à aplicação de conhecimentos. In: PHILIPPI JR, A.; SILVA NETO, Antonio J. (Org.). **Interdisciplinaridade em ciência, tecnologia e inovação**. Manole, cap. 2, p. 69-105, 2011.

RIBEIRO, Isis. **Atitudes linguísticas e aprendizagem de línguas**: um estudo de caso em Foz do Iguaçu. 2007. 125 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2007.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. 3. ed. rev. São Paulo: Atlas, 2012.

ROESE, Adriana et al. Field diary: construction and utilization in scientific researches. **Online Brazilian Journal of Nursing**, [S.l.], v. 5, n. 3, dec. 2006. Disponível em: <<http://www.objnursing.uff.br/index.php/nursing/article/view/598/141>> Acesso em: 31 jan. 2019.

SELLA, Aparecida F.; AGUILERA, Vanderci de A.; CORBARI, Clarice C. Reflexões sobre atitudes linguísticas em espaço de línguas em contato: o contexto de fronteira. **Fórum Linguístico**, v. 15, n. 3, p. 3170-3179, 2018.

SILVA, Elias Ribeiro da. A pesquisa em política linguística: histórico, desenvolvimento e pressupostos epistemológicos. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, v. 52, n. 2, 2013.

SILVA, Izabel da; PIRES SANTOS, Maria Elena; JUNG, Neiva M. Multilinguismo e política linguística: análise de uma paisagem linguística transfronteiriça. **Domínios de Lingu@gem**, v. 10, n. 4, p. 1257-1277, 2016.

SOMEKH, Bridget. Observation. In: SOMEKH, Bridget; LEWIN, Cathy (Org.). **Research methods in the Social Sciences**. Londres: Sage Publications, cap. 16, p. 138-145, 2005.

SÓRIA, Miguel Augusto Zydán. **Usina de Itaipu: integração energética entre Brasil e Paraguai**. Curitiba, Editora UFPR, 2012.

SOUSA, Socorro C. T. de; ROCA, María del Pilar. Introdução para uma compreensão ampliada de política linguística. In: SOUSA, Socorro C. T. de; ROCA, María del Pilar (Org.). **Políticas linguísticas declaradas, praticadas e percebidas**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2015.

SOUZA, Edson Belo Clemente de. A geopolítica da produção do espaço: localização da hidrelétrica da Itaipu Binacional. **Revista Geografares**. n. 9, p. 141-167, 2011.

SHOHAMY, Elana. **Language policy: hidden agendas and new approaches**. London: Routledge, 2006.

SPOLSKY, Bernard. **Language policy**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

SPOLSKY, Bernard. **Language management**. New York: Cambridge University Press, 2009.

STURZA, Eliana R. Fronteiras e práticas linguísticas: um olhar sobre o portunhol. **Revista Internacional de Linguística Iberoamericana**. RILI, volume I (3) Madri: editorial Vervuert, p. 151-160, 2004.

THOMAZ, Karina M. **A língua portuguesa no Brasil: uma política de homogeneização linguística**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2005.

TORRANCE, Harry. Case study. In: SOMEKH, Bridget; LEWIN, Cathy (Org.). **Research methods in the Social Sciences**. Londres: Sage Publications, cap. 3, p. 33-40, 2005.

VAN DER WORP, K.; CENOZ, J.; GORTER, D. Multilingual professionals in internationally operating companies: tensions in their linguistic repertoire? **Multilingua**, 2018.

VELÁSQUEZ, Pedro Pablo; PEREIRA, Maria Ceres. Atitudes com referência às línguas Castelhana e Guarani. **Acta Scientiarum: Language and Culture**, v. 33, n. 2, p. 199-206, 2011.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 4. ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Solicitação para realização de pesquisa acadêmica



SOLICITAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DE PESQUISA ACADÊMICA (NÍVEL MESTRADO) EM ITAIPU BINACIONAL

Ao
Ilustríssimo Senhor (a) Responsável
Itaipu Binacional

*Realizado
22/08/18
Ouvidoria Itaipu
Binacional
EAG*

Erica M. G. Meirelles
Ouvidoria-Geral
OU, BR

Conforme orientação do Protocolo 5453819 e em cumprimento aos procedimentos éticos em pesquisa, o Programa de Pós-Graduação Sociedade, Cultura e Fronteiras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE) solicita sua autorização para a realização de pesquisa sobre a gestão de linguas nas dependências da usina hidrelétrica Itaipu Binacional. A pesquisa será feita pela discente de Mestrado Lívia Cristina Carvalho da Fonseca, matrícula 105022, sob orientação da Profª. Dra. Isis Ribeiro Berger.

O procedimento da pesquisa envolverá observação e questionário, cuja proposta está em anexo a essa carta. Para o questionário, contamos com a participação aproximada de 15 respondentes, brasileiros e paraguaios de um mesmo setor, o qual sugerimos ser a Divisão de Manutenção de Equipamentos de Geração (SMMG.DT). A expectativa é que a pesquisa de observação e aplicação de questionários tenha uma duração de quatro meses, iniciando-se no mês de setembro de 2018. Pretende-se fazer visitas periódicas em dias previamente agendados.

A pesquisadora salienta que os dados coletados serão utilizados tão somente para a realização deste estudo, salvaguardando a integridade da usina e de seus funcionários. Ressalta ainda que a pesquisa não acarretará em danos ou despesas à usina ou à vossa gestão. O financiamento da pesquisa está sendo realizado pela CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior).

Colocamo-nos à disposição para dirimir quaisquer dúvidas relativas ao projeto de pesquisa nos seguintes contatos:

Livia Cristina Carvalho da Fonseca: lifonseca13@gmail.com ou (45) 999921743.

Profª Dra. Isis Ribeiro Berger (orientadora): isisrbergcr@gmail.com ou (45) 999642564.

Programa de Pós-Graduação Sociedade, Cultura e Fronteiras: (45) 3576-8142

Sem mais, agradecemos antecipadamente pela vossa colaboração.

Foz do Iguaçu, 22 / Agosto /2018



Livia C. C. da Fonseca

Livia C. C. da Fonseca

Isis R. Berger

Prof. Dra. Isis R. Berger
Orientadora

Denise R. da S. Moraes

Prof.ª Dr.ª Denise R. da S. Moraes
Coordenadora do Curso de Pós-Graduação
em Sociedade, Cultura e Fronteiras
Mestrado e Doutorado
Fortaleza nº 0372/2016 GRE nº 02/02/2016

APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre Esclarecido



Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação

Comitê de Ética em Pesquisa – CEP



Aprovado na

CONEP em 04/08/2000

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

Título do Projeto: A gestão de línguas em contato na Itaipu Binacional: um estudo de caso.

Pesquisadoras: Profa. Dra. Isis Ribeiro Berger (Pesquisadora e professora orientadora) – Contato: (45) 999642564 ou isisrberger@gmail.com

Lívia Cristina Carvalho da Fonseca (Pesquisadora e mestranda do Programa de Pós-Graduação Sociedade, Cultura e Fronteiras) – Contato: (45) 999921743 ou lifonseca13@gmail.com

Convidamos você a participar de nossa pesquisa que tem o objetivo de descrever a gestão das línguas em contato nas práticas cotidianas da Itaipu Binacional. Esperamos, com este estudo, identificar os usos e crenças referentes às línguas que circulam no cenário multilíngue e transfronteiriço em que Itaipu está localizada e, assim, promover a diversidade linguística entre os funcionários. Para tanto, serão aplicados questionários para que os participantes possam responder algumas perguntas relativas ao tema da pesquisa.

Durante a execução do projeto, mensuramos como possível risco aos participantes o constrangimento de serem abordados pela pesquisadora em seu ambiente de trabalho para responder ao questionário. No caso de ocorrer alguma irregularidade na realização do procedimento da pesquisa ou alguma situação adversa não mensurada nos riscos, os participantes da pesquisa serão atendidos prontamente pela pesquisadora e se buscarão soluções junto à Itaipu Binacional e/ou outras instâncias necessárias, para resolver quaisquer problemas.

Sua identidade não será divulgada e seus dados serão tratados de maneira sigilosa, sendo utilizados apenas para fins científicos. Você também não pagará nem receberá para participar do estudo. Além disso, você poderá cancelar sua participação na pesquisa a qualquer momento. No caso de dúvidas ou da necessidade de relatar algum acontecimento, você pode contatar os pesquisadores pelos telefones mencionados acima ou o Comitê de Ética pelo número 3220-3092.

Este documento será assinado em duas vias, sendo uma delas entregue ao sujeito da pesquisa.

Declaro estar ciente do exposto e desejo participar da pesquisa.

Assinatura

Nome do sujeito de pesquisa ou responsável pelo campo:

Nós, Profa. Dra. Isis Ribeiro Berger e Lívia Cristina Carvalho da Fonseca, declaramos que fornecemos todas as informações do projeto ao participante e/ou responsável.

Foz do Iguaçu, _____ de março de 2019.

***Projeto avaliado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UNIOESTE.
Parecer no. 3.053.940***

APÊNDICE C – Questionário aos sujeitos da pesquisa



QUESTIONÁRIO

Estamos realizando uma pesquisa sobre as línguas em contato em Itaipu Binacional. Adorariamos saber sua opinião. Isso nos ajudará a compreender as dinâmicas da linguagem num ambiente de trabalho localizado em região de fronteira. O questionário dura cerca de 10 minutos e suas respostas serão tratadas de forma totalmente **anônima**.

Sua participação é muito importante para nós!

1. Em que país você nasceu?
<input type="checkbox"/> Brasil <input type="checkbox"/> Paraguai <input type="checkbox"/> Outro _____
2. Qual sua cidade/ estado de origem?
Cidade: _____
Estado: _____
3. Em que cidade reside atualmente?

4. Há quanto tempo trabalha na Itaipu?

5. E nesse setor (MEG1)?

6. Quais são as línguas oficiais da usina?
<input type="checkbox"/> Português
<input type="checkbox"/> Espanhol / Castelhana
<input type="checkbox"/> Guarani
7. Onde e como você vê, no seu dia a dia profissional, as línguas oficiais sendo utilizadas?
<input type="checkbox"/> Cartazes, placas, avisos
<input type="checkbox"/> Ofícios, memorandos

<input type="checkbox"/> Site, jornal, redes sociais vinculadas à usina <input type="checkbox"/> Manuais de treinamento profissional <input type="checkbox"/> Outros: _____
8. Na sua opinião, qual a língua mais utilizada na Itaipu?
<input type="checkbox"/> Português <input type="checkbox"/> Espanhol / Castelhana <input type="checkbox"/> Guarani <input type="checkbox"/> As línguas são utilizadas de maneira equivalente. <input type="checkbox"/> Portunhol
9. E no seu setor (MEG1)?
<hr/> <hr/>
10. Como se dá a comunicação entre brasileiros e paraguaios no seu setor?
<input type="checkbox"/> Através do uso do portunhol. <input type="checkbox"/> O brasileiro fala em português e o paraguaio responde em espanhol e vice-versa. <input type="checkbox"/> Cada um esforça-se em falar a língua do outro. <input type="checkbox"/> Outra: _____
11. Com que frequência a língua guarani é falada/ ouvida dentro de seu setor?
<input type="checkbox"/> Sempre <input type="checkbox"/> Frequentemente <input type="checkbox"/> Às vezes <input type="checkbox"/> Raramente <input type="checkbox"/> Nunca
12. Se sua resposta à pergunta 11 for positiva (sempre/frequentemente), em que momentos a língua guarani é utilizada em seu setor?
<hr/> <hr/>

Atenção: a partir da próxima questão, pense em seu ambiente de trabalho (MEG1) e escolha **uma** alternativa para cada uma das afirmações.

13.O brasileiro precisa aprender espanhol.
<input type="checkbox"/> Concordo totalmente
<input type="checkbox"/> Concordo em parte
<input type="checkbox"/> Nem concordo nem discordo
<input type="checkbox"/> Discordo totalmente
14.O brasileiro precisa aprender guarani.
<input type="checkbox"/> Concordo totalmente
<input type="checkbox"/> Concordo em parte
<input type="checkbox"/> Nem concordo nem discordo
<input type="checkbox"/> Discordo totalmente
15.O paraguaio precisa aprender português.
<input type="checkbox"/> Concordo totalmente
<input type="checkbox"/> Concordo em parte
<input type="checkbox"/> Nem concordo nem discordo
<input type="checkbox"/> Discordo totalmente
16.O português é a língua mais útil para meu setor (MEG1).
<input type="checkbox"/> Concordo totalmente
<input type="checkbox"/> Concordo em parte
<input type="checkbox"/> Nem concordo nem discordo
<input type="checkbox"/> Discordo totalmente
17.O espanhol é a língua mais útil para meu setor (MEG1).
<input type="checkbox"/> Concordo totalmente
<input type="checkbox"/> Concordo em parte
<input type="checkbox"/> Nem concordo nem discordo
<input type="checkbox"/> Discordo totalmente
18.O guarani é a língua mais útil para meu setor (MEG1).
<input type="checkbox"/> Concordo totalmente

- Concordo em parte
- Nem concordo nem discordo
- Discordo totalmente

Muito obrigada!